

PATRIARIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 8 - 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 7 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Os nossos commentarios

Se fosse necessario mais um facto indigno que decisivamente deshonrasse a monarchia ou mais uma manifestação estrepitosa que revelasse a grande força do partido republicano, esse facto estava consumado e essa prova estava dada nas eleições ultimamente realizadas.

Para se evitar que os republicanos entrassem na camara, a levar aquella assembleia de cúmplices do Poder palavras honradas e destemidas de denuncia e de castigo que quebrassem a monotonia dos seus combates hypocritas e pozessem uma nota de rebeldia no seu rojar de passivos, todas as burlas de caciques experimentados se praticaram, todas as fraudes de bandidos emeritos se commetteram.

A monarchia demonstrou mais uma vez, perante o paiz absolutamente divorciado d'ella, por causas irreductiveis de moral e por motivos sinceros de doutrina, a sua incompatibilidade radical com os processos legalistas, e, por irremediavel degenerescencia tradicional, ser inadaptable ás conductas honradas.

Ella promulga leis, mandadas fazer de proposito pela sua representação submissa, que, para satisfação das conveniencias e dos interesses de quem manda, criva de defeitos, de vicios, de sophismas, de portas-falsas. E mesmo assim não as cumpre.

Temos ahi, por exemplo, a lei eleitoral vigente, feita de molde a facilitar as traficancias e os roubos, que alargou escandalosamente os circulos para escmagar a vontade dos eleitores conscientes que nas cidades se organisam, decididos a exprimir o seu protesto contra a situação actual da politica portugueza e a manifestar o estado do seu pensamento, a ancia do seu espirito, o sentir do seu coração, no concerto das paixões contrarias e no choque das crenças adversas.

Pois essa lei mystificante, que tem o seu principio genésico no odio, na vingança e na perseguição, que cerceia tanto direito legitimo, que illude tanta garantia sagrada, não é executada em toda a sua extensão e em todo o seu rigor.

Pelo contrario. E' infringida e violada, porque são mutilados os recenseamentos eleitoraes, falsificados os escrutínios, atropellada a liberdade do voto, praticados todos os actos, emfim, que viciam e mancham a pureza e a integridade do suffragio.

Mas este procedimento que revela a suprema baixez dos processos politicos da monarchia no trabalho desesperado da sua manutenção, é ao mesmo tempo um bello e admiravel symptoma! E' que não ha leis, por mais absurdas e infames que sejam, que possam impedir o impulso irreprimivel das ideias conquistando as almas, abafar a força crescente dos revoltados e dos descontentes surgidos até da desillusão e da indiferença para a excitação da politica e para a decisão do combate. E' que não ha leis, por mais oppres-

sivas que sejam, que possam impedir um partido com a noção dos seus deveres e das suas responsabilidades, integrado nas necessidades e nas amarguras da patria, collocado na altura da evolução que significa, no momento presente, a unica situação doutrinaria e politica compativel com as reivindicações e as exigencias dos povos, de cumprir a salutar e indeclinavel missão civica de orientar todas as forças populares, oprimidas e anciosas, agrupando-as na attitude de hostilidade legitima, de luta indispensavel em face ás instituições a quem devemos as maiores vergonhas e as maiores affrontas.

Que nos sirva de compensação ás extorsões que soffremos, aos vexames que sobre nós exercem, á tyrannia sob a qual gememos, e até ás cutiladas que apanhamos, a esperança consoladora de que em breve veremos ruir todo este monstruoso edificio politico cuja base é feita das vilissimas mystificações d'uma constituição mentirosa, do amalgama vilipendioso de caracteres sem apurmo, do sarrafaçal de todas as consciencias apóstatas!

Mas para isso é necessario trabalhar sem descanso, porque assim o exige a inadiavel salvação do paiz, e trabalhar de harmonia com a logica que resulta do determinismo das circunstancias.

Estamos absolutamente fóra da lei, empurrados violentamente pelo regimen.

Concorremos á luta eleitoral e o chefe de todos os poderes mandou extorquir-nos a representação, não respeitando a nossa força. Entrincheiramo-nos nos reductos da nossa imprensa fazendo d'ahi o combate da nossa justiça e a propaganda dos nossos principios, á sombra do constitucional preceito protector da liberdade do pensamento, e as auctoridades, arbitrariamente, a sequestram á publicidade, essencial para a sua existencia e para a efficacia da sua missão. Sahimos á rua a cumprir um dever de natural fraternidade partidaria e de justa consideração pessoal e no momento em que fazemos os nossos cumprimentos e as nossas saudações, cae-nos em cima, de sabres a fulgirem numa furia barbara, batendo-nos e ferindo-nos, a horda de selvagens que o regimen assalariou e fardou para a pratica d'este canibalismo deslocado da civilização e affrontoso dos mais elementares direitos.

Em face d'estas circunstancias, temos de nos bater tambem fóra da lei, não indefezoz e inermes em arranços de romantica coragem sem resultados, mas organisados, firmes, disciplinados, armados, como quem vae para uma batalha necessaria em que é absolutamente indispensavel que vençamos, porque na nossa victoria está a redempção da patria portugueza, a desforra da nossa liberdade sonhada por visionarios heroicos e compromettida por sicarios estupidos, e até a reparação de grandes e lindas tradições aviltadas!

CARLOS OLAYO.

DUAS PALAVRAS

O juiz: velho rijo, ainda gaiteiro, Foi no seu tempo em Coimbra um tremendo brejeiro Viam-no muita vez, em noites luarentas, Conversar com o petiz que levava as sebentas.

Tinha, como Tiberio, amor pelos peixinhos, E passava no escuro ao longo dos caminhos, Levando atraz de si — manias idiotas! — Sempre um engraxador... p'ra lhe engraxar as botas...

O menino: redondo, anafadinho e nedio, Arsinho de tenor — bom no registo medio — Dengoso, feminil, como um Napolit'no Dos que andam na cidade, errantes, todo o anno, Com os nervos a vibrar em fremitos intensos, Curvando-se a apanhar as bengalas e os lenços.

O juiz:

A Justiça, bem vê, é sempre incorruptivel!

O menino:

Eu sei que o senhor tem um coração sensível. E pedindo o papá...

O juiz (indignado):

Não me dobra ninguém!...

O menino (terno, approximando-se):

Ora! Não seja mau que eu peço-lhe tambem... E se o senhor... emfim... tal favor nos fizer...

(Cala-se um momento e conclue cōrando):

Eu faço-lhe depois tudo quanto quizer... Veja como eu sou bom!

O juiz (á parte):

Não é mau, na verdade!...

O menino:

Não se nega um favor á minha tenra idade! Tenra como ella é...

(Os olhinhos do juiz scintillam. Levantase, aproxima-se do menino, passando-lhe a mão, ao de leve, na face. Subito, pergunta-lhe:)

Não está calor aqui?

O menino:

Eu sinto algum tambem...

O juiz (indicando uma porta):

Vamos nós para alli que não está lá ninguém...

O menino:

E' mais fresco?

O juiz:

E' melhor!...

(Á parte):

Sinto a cabeça aos tombos...

(Amavel, ao menino, indicando a porta):

Vae ver o meu pombal...

(Mais baixo, carinhosamente):

O meu quarto dos pombos...

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A ideia republicana vae-se infiltrando instante a instante no espirito do povo portuguez.

Mostra-o o brilhante resultado da eleição de Lisboa, apesar de todas as traficancias commettidas pelos assalariados do criminoso governo ás ordens do sr. D. Carlos.

Foram enormes as chapeladas, innumeradas as infamias, incalculaveis as irregularidades de que essa caterva que nos governa e explora lançou mão para impedir a representação democratica no parlamento.

A votação da capital apesar d'isso foi uma revelação clara e evidente ao desgosto e da revolta que vae lavrando no seio do nosso bom povo contra todos os despotismos e vexames de que tem sido victima.

Quem permanece insensível e sem um vivo protesto perante o desenrolar tragico dos ultimos acontecimentos politicos tem a responsabilidade de quem nellas cooperou directamente.

Ser patriota é pugnar, é arriscar a vida, é interessar-se intimamente com a salvação da Patria.

A honra, o brio, a dignidade, emfim o seu resurgimento está na immediata proclamação de Republica.

Ao partido republicano, em face de tudo isto, somente compete fazer uma coisa: reunir todos os elementos dispersos, disciplina-los e orientar todo o seu esforço e toda a sua energia na salvação da Patria pela Revolução.

José Soares

A attitude desassomburada e nobilissima que este jornalista assumiu ha dias tão brilhantemente na Lucta ácerca do caso Avelino Monteiro, pobre diabo desprestigiado a quem só resta emigrar, leva-nos, não a felicitar este nosso amigo, porque de ha muito sabiamos a rija tempera do seu caracter sem tibezas nem complacencias, mas a afirmar-lhe a nossa inteira e completa adhesão ao seu procedimento.

E' assim, incontestavelmente assim, que se deve proceder com todos os safados e todos os covardes: — rasgando-lhes a mascara e exp'ndo-os ao desprezo e á irrisão de todos os homens dignos d'esse nome.

Não vae o tempo para branduras. Impoem-se urgentemente os revulsivos de cacete.

E' o gajo...

Toda a gente sabe que é Elle que não quer deputados rebublicanos no parlamento.

E' logico. Quer ter as suas demoradas digestões tranquillias.

Desnorreamento

E' um deploravel symptoma de desnorreamento aquelle de que os jornaes anarchistas dão constantemente prova.

Apparece agora A Vida a transbordar de satisfação com o resultado das ultimas eleições, que, na sua opinião de sectario impenitente e impertinente, foram reveladoras de que de anno para anno vae diminuindo em Portugal a votação, quer se trate de republicanos quer de monarchicos.

Francamente chega a ser incrível tão estranha maneira de ver...

No que diz respeito aos monarchicos, A Vida labora num erro de apreciação, porque devia saber perfeitamente que á essencia do acto eleitoral com que os nossos governos pretendem illudir os simples, não se póde chamar uma votação, que verdadeiramente é o producto consciente de vontades livres, mas sim uma ladroeira infame.

E relativamente aos republicanos, o engano de A Vida alem de lastimavel é sobretudo intoleravel. Pois todos sabem que, apezar das fraudes sem medida, na cidade de Lisboa o triumpho da votação republicana foi enorme; e relativamente ao movimento eleitoral dos annos anteriores a maioria republicana, d'esta vez, subiu a mais de 2.000 votos na capital.

A Vida não quiz systematicamente ver isto. A sua injustificada alegria só nos merece por isso um soberano desdem.

Visita

Noticiaram varios jornaes que os filhos da sr.ª D. Amelia d'Orleans foram visitar, ha dias, alguns juizes da Relação de Lisboa.

O publico curioso e desconfiado pergunta: para quê?

E' simples. Foram levar com a sua mocidade desabrochante o animo e a boa disposição á decrepitude togada de suas ex.ªs, no afadigoso trabalho da proxima verificação dos poderes.

O desembargador-bulo e os tribunales

Ao que parece os nossos tribunales superiores, tão desprestigiados pelas ignobéis falcatruas eleitoraes que ultimamente têm vindo a sancionar e pelas confirmações das bestialidades e infamias policiaes exercidas contra a imprensa republicana, decidem-se a enveredar por outro caminho.

As successivas apprehensões de jornaes ordenadas pelo Hintze e levadas a effeito pelo lacaio ás ordens do regimen que na Calçada da Estrella o solta ás canellas da gente de bem que por alli passa desprevenida, têm sido annulladas por alguns juizes honestos.

Mas Veiga ameaça com o despalante d'um heroe da Calabria que se sente protegido por um penhasco, passar por cima d'essas decisões e não consentir na publicação dos artigos incriminados, continuando na sua missão gloriosa de profissional do banditismo.

Se, dentro da logica dos homens e do regimen, as coisas assim se passarem, os jornalistas republicanos têm o dever de resistir ao roubo, por todos os processos — que nenhum codigo exclue quando se trate da legitima defeza num assalto de estrada.

Um jornal

Diante da perseguição, ha tempos movida á imprensa pelo ministerio progressista, protestámos a nossa solidariedade incondicional e completa aos jornaes republicanos que, coherentes com os principios que professam, mantem sempre uma linha de honesta intransigencia e de violento combate a todos os actos illegaes e oppressivos, quaesquer que sejam os jornaes visados por elles.

Conhecedores da moral da imprensa monarchica, dos seus processos de camaradagem que vão muitas vezes do desamparo d'um silencio canalha até á vileza d'uma denuncia compromettedora, fizemos restricções prudentes na saudação dirigida aos jornaes do regimen, ao tempo perseguidos tambem.

Temos agora a prova de quanto fomos justos no sentimento de duvida a proposito da sua sinceridade, na attitude presente das Novidades, que é, positivamente, a inversão da sua attitude anterior de opposição tão viva e tão intensa a um governo desacreditado e criminoso.

Porque o sr. Hintze representa a continuidade do crime, da oppressão, do attentado, de todos os processos vergonhosos que são o apanagio do poder em Portugal; o sr. Hintze roubou as eleições ao partido republicano e persegue a imprensa republicana revelando um odio e uma insistencia absolutamente novos, com a submissão, o applauso e a cumplicidade das Novidades.

Da resto este jornal não faz mais do que seguir tradições impereciveis que o marcaram profundamente no desprezo publico e que a impressão d'um arrependimento sympathico parecia attenuar e desvanecer.

Mas não. Demonstra agora que era a conveniencia hypocrita de opiniões que não tinha, de sentimentos que não possuia, de principios que não professava, d'uma lealdade que não cabia na sua alma de lacaio.

São palavras que certamente não atravessam a espessura do seu cynismo risonho e que não perturbam a tranquillidade de quem confia no estipendio promettido; mas, — que diabo! — é um desabafo que, ao menos, tem o merito de ser justo.

Congestão

Constou ha dias que o sr. Hintze tivera uma congestão.

Afinal era falso.

Este anno tem corrido levado do demonio para a agricultura e, para tudo...

Ai! Ai!



Jornaes

Recebemos e agradecemos a visita de dois novos collegas na imprensa, A Verdade, de Evora e O Povo de Alameda. Apresentam-se como independentes. Aos collegas desejamos uma longa vida.

O Programma da Democracia

Publicamos hoje na nossa secção especial O Programma da Democracia, notavel synthese doutrinaria elaborada em janeiro de 1891, pelo eminente publicista e professor Dr. Theophilo Braga, uma das authenticas glorias do partido republicano portuguez.

A muitos dos nossos leitores, se o não conhecião, proporcionamos assim ensejo de apreciar um tão perfeito e dos melhores trabalhos no genero.

Minda bem

Dizem os jornaes que entre os policas marcados pelo povo de Lisboa, por occasião das brutalidades ha poucos dias alli praticadas, se encontra um gravemente ferido.

Ora valha-nos isso; já é uma consolação.

BRUTALIDADES

Trouxeram-nos os jornaes de Lisboa a noticia do repugnante attentado committido pelos lacaios do regimen, contra os desprevenidos cidadãos que na sexta-feira á noite aguardavam na estação do Rocio a chegada d'um dos deputados republicanos, o nosso illustre correligionario sr. dr. Bernardino Machado.

Precisava vingar-se alguém que não pode esquecer a extraordinaria manifestação republicana realisada a quando da visita de Loubet, nem a significação dos comicios republicanos realisados por todo o paiz, que outra coisa não têm mostrado senão o desejo ardente do povo portuguez de uma Republica redemptora, desejo que as recentes eleições mais vicriam accentuar.

E é esta a razão por que depois de nos roubarem pelo augmento sempre crescente de impostos injustos, depois de nos amordaçarem por meio de leis repressivas que nos impedem de reunir e de claramente manifestar o nosso pensamento, depois de promulgarem essa lei eleitoral que para ahí está, de proposito fabricada para impedir a nossa representação parlamentar, nos apprehendem illegalmente os nossos jornaes e para cumulo nos põem a vida á mercê de todos esses bandidos que ás ordens da monarchia commettem todos os crimes e todas as abjeções.

Revolta-nos sobremaneira o caso, tanto mais que nada houve da parte do povo que o justificasse, mas revolta-nos mais ainda o facto de não podermos discutir amplamente e claramente quem o ordenou, convencidos como estamos de que não é só o idiota que dá pelo nome de Hintze Ribeiro a unica pessoa a quem se devem attribuir todas as responsabilidades.

Um dia ha de vir, porém, em que todas estas coisas hão de liquidar-se, mas até lá será bom que quando nos resolvermos a ir esperar algum dos que nos merecem as nossas saudações, nos preparemos para castigar essa cambada sem brio que procurar impedir-nos de realizar

O Programma da Democracia

O regimen politico das Cartas constitucionaes, fundado no amalgama irracional da soberania do direito divino com a soberania da nação, só podia nascer e sustentar-se pelo sophisma de uma transigencia temporaria entre o Absolutismo e a Revolução. Foi por esta transigencia que se pervertiu a obra gloriosa do fim do seculo XVIII, e que o seculo XIX se esgotou na instabilidade politica, sem ter ainda resolvido praticamente o problema social. Os povos fiaram-se nesta obra dos ideologos; porém, a pratica de mais de meio seculo descobriu que esse accordo fóra falsificado pelo absolutismo, que, encarregado de executar o pacto, acobertou a dictadura monarchica com o parlamentarismo e com os ministerios de resistencia.

Este regimen das Cartas outorgadas, que mal se admittiria como transição,

aquillo que a dentro da lei poderamos fazer.

Em nome do Centro Republicano Academicomico, que representamos na imprensa, saudamos o povo republicano de Lisboa, protestando com elle contra a infamia committida e fazendo votos por que chegue breve a hora em que a pioleira nacional se resolva a perder a paciencia e a pôr termo a tudo isto.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

De Lisboa

5 de Maio

Escrevo-lhes debaixo d'uma impressão que, creio, jámais se apagará do meu espirito. Venho de assistir a uma violencia inaudita, monstruosa, tão inacreditavel que, agora mesmo, depois dos meus olhos terem visto e de minha alma ter, de apavorada, quasi negado fé ao seu testemunho, ainda não consigo a serenidade bastante para lhes transmitir e lhes narrar os factos.

Refiro-me ao que hontem se passou na recepção do dr. Bernardino Machado, em Lisboa.

De ha muito que eu sabia que em Portugal se vive positivamente sujeito ao arbitrio, ao despotismo, á violencia dos que são donos de nós todos.

De ha muito que eu sabia que, em materia de segurança individual, de respeito pela integridade dos nossos direitos e das nossas liberdades, isto era como a Turquia ou como a Russia.

Tinha esta impressão fria, racionada, que nascia do confronto entre o que em Portugal e nesses dois paizes existe. Lá como cá a liberdade é uma fabula, a lei uma mentira, o direito uma irrisão, que só vive, ficticiamente, na letra dos codigos.

Simplemente, Trepoif é uma figura desmesurada e tragica de verdugo. Os nossos Trepoifs são banabois repellentes. Um mata abertamente, pratica crimes que nos fazem, ainda que só de longe os conheçamos, apavorar e tremer. Os nossos são covardes, são reles, e ainda quando praticam uma infamia, fazem rir, á força do grotesco de que a revestem. A hypocrisia constitucional torna-os ainda mais pifios do que são, amesquinha-os mais, redz-os ás proporções de literes mal intencionados.

Em vez de tyrannos são simplesmente malandrins.

De ha muito, como disse, eu tinha esta impressão. Sempre que, a cada nova infamia, passava em mim um sopro de revolta, cuspiã ao mesmo tempo para o lado. Era indignação, mas tambem era nojo.

Mas não sentira nunca, intensivamente, d'uma forma concreta, a evidencia da situação em que vivia, em que vivemos nós todos, portuguezes.

Eu era um escravo a todo o momento

empregou todos os meios capciosos ou violentos, para conservar-se como definitivo, taes como as intervenções armadas do estrangeiro, conseguindo embaraçar todos os progressos e debilitar a nação pela ruina economica, pela degradação dos caracteres individuaes, até ao ludibrio da sua autonomia. O absolutismo implicito na Carta outorgada, está desmascarado, e pelo abuso das dictaduras ministeriaes ás mais absurdas, é incompativel com a nação; a revolução tem constantemente disciplinado as suas aspirações em opiniões convictas, legitimas e scientificas, como as synthetisa hoje a democracia moderna. Tal é a razão de ser do Partido republicano em Portugal, e da sua solidariedade internacional com a democracia dos povos latinos.

Na expectativa de uma tremenda catastrophe nacional (perda das colonias, consignação dos rendimentos publicos a syndicatos estrangeiros, e consequentemente incorporação de Portugal como provincia da Hespanha), importa que a

que elles quizessem. Podiam prender-me, roubar-me, assassinar-me, mandar-me para Timor, fazer-me toda a casta de violencias.

Mas via, em torno a mim, outros na mesma situação, que, como eu egoistas, d'este egoismo inherente a todo o homem — deixavam correr, deixavam andar, á espera que a coisa nunca lhes tocasse pela porta, na criminosa inconsciencia de que, quando assim fosse, já não era tempo.

Hontem porem, meus amigos, depois de ter visto as escadas da estação do Rocio — vermelhas de sangue, uma multidão fugindo allucinadamente perseguida por um bando de facinoras inconscientes que tinham recebido ordem de acutilar em massa gente inerme sem querer saber se malavam ou não, de hontem para cá, confesso-lhes que tenho medo de viver em Portugal.

A minha vida, a vida dos que me são caros, correm perigo nesta terra. Hontem, espancaram mulheres, derrubaram-nas, passaram sobre corpos estendidos de creaturas que não se defendiam e nada tinham feito.

E eu vi um homem velho, encostado a uma parede, immovel, pallido, com uma expressão de assombro no olhar, receber uma cutillada na cabeça, cambaleiar e cair banhado em sangue.

Vi uma senhora com uma creancinha pela mão ser derrubada junto ao quichet da gare e sobre ella passar uma multidão, deixando-a calcada, com o vestido cheio de rasgões, inerte, estendida, miseravel, como uma rodilha, enquanto, ao lado, a creança chorava abrindo para aquillo tudo uns grandes olhos de pasmo e de medo. A dois passos de mim, a policia, atirou de roldão, por uma escada ingreme e de pedra, um homem que estava estendido no chão, com uma larga ferida na cabeça, d'onde o sangue escorria a jorros.

Vi mais — um policia dar um pontapé na cabeça d'um outro homem, tambem derrubado, e espadeira-lo depois até o deixar sem sentidos.

Os passageiros do comboio da Figueira, homens e mulheres, foram ferozmente espancados.

Quando já tudo estava acalmado e sobre toda aquella gente que se accumulava no Rocio, pesava um silencio oppressivo, angustiado, o silencio acabrimhante de quem acaba de assistir a qualquer coisa de inacreditavel, de inconcebivel, de novo, á cutillada, á coronhada, a policia, a municipal, investem espadeiram, derrubam, ensanguentam, e mais gente cae, rola, serve de tapete aos que fogem.

Meus amigos, isto não é, sob palavra d'honra, aproveitar os factos para fazer politica. Isso chegaria a ser infame. Um absolutista, uma creatura qualquer que alli estivesse, ficaria na mesma situação em que eu fiquei.

Eu queria que todos vós, todos os portuguezes, livessem assistido ao que hontem se passou! E a certeza que em toda a gente decerto se formava era esta: em Portugal, quem tiver amor aos seus, quem quizer estar em segurança não pôde, em absoluto, viver mais tempo.

Muito tempo, a estação, o Rocio, ficaram cheios de rastos e pôças de sangue que todos nós olhávamos, pallidos, sem articular palavra.

Não ha duvida: hontem espadeiraram,

nação tenha um partido seu, que pugne pela sua dignidade e independencia, tirando da civilização moderna as bases de uma nova reorganisação politica. Esta convicção tem sido o estimulo para a formação espontanea do Partido republicano portuguez, que se desenvolve na razão directa do desalento publico e da propagação do moderno saber, trazido na fecunda corrente europeã. Para que esse partido use da força de que dispõe, é preciso que tenha a clara intelligencia da situação que a Nação portuguesa atravessa neste momento, e pela gravidade assustadora da crise consiga o accordo das vontades.

— A situação desenha-se no simples esboço critico dos acontecimentos politicos e dissolução dos partidos monarchicos.

— A unanimidade dos espiritos, essa conseguir-se-ha pela veracidade scientifica e oportunidade das doutrinas da Democracia, ainda no caso restricto da sua applicação á reorganisação d'esta pequena nacionalidade.

A liberdade, realisada pelas Civiliza-

feriram centenas de pessoas inoffensivas. Amanhã fusilarão, em massa, nas ruas, o povo portuguez, tal qual como na Russia. Não cuideis que exagero.

Resta-me só perguntar: o povo deixarse-ha matar sem se defender? Ou, como na Russia, saberá morrer, mas saberá lutar?

O sangue do povo já correu nas ruas... E agora?

Timido.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Dr. Bernardino Machado

O nosso presado collega — A Vanguarda, insere em um dos seus ultimos numeros um retrato deste illustre republicano fazendo-o acompanhar de palavras de inteira justiça para o homem a quem o nosso paiz tanto deve.

Fazemos nossas as palavras da Vanguarda, porque elles dizem tudo o que nós sentimos pela grandeza de caracter e de intelligencia do homem a quem são dirigidas.

E, neste momento em que Hintze pretende malquistar-lo com a opinião, é bom mostrar-lhe e aos que o mandam que nada conseguem desta maneira, senão que o feitiço se volte contra o feitiçeiro.

E oxalá que seja de vez, para podermos livremente saudar os nossos homens e a idéa que elles representam.

UMA CARTA

A Comissão de Beneficencia do 4.º anno medico pede-nos a publicação de seguinte declaração:

Senhores Reitores d'A Patria.

Pedimos aos nossos illustres contemporaneos e companheiros de trabalho o favor de fazer publicar, com a possivel brevidade, no seu acreditado jornal, a seguinte declaração, que hontem tambem enviámos á redacção da Resistencia.

A Comissão de Beneficencia do 4.º anno medico de Coimbra (1905 1906), sob a Presidencia Honoraria e Aito Patronato de S. M. a Rainha D. Amelia, tendo confrontado as primeiras apreciações da Resistencia com o artigo publicado no numero de 3 do corrente desse mesmo jornal, reconhece que a Resistencia pretende levantar uma questão politica.

Como porém quaesquer assumptos de caracter politico estão absolutamente proscriptos do seu programma, vem muito presemptoriamente declarar que não responde a apreciações d'ordem politica, veynam ellas de quem vierem.

Com os sinceros agradecimentos de todos os membros,

Coimbra, 5 de maio de 1906.

A Comissão.

PATRIA

ASSIGNATURA: Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio. Numero avulso: 10 reis.

ções historicas, consiste na independencia e coexistencia harmonica do Individuo e do Estado. Como synthese da Liberdade, o Estado realisa a isonomia, ou:

Egualdade perante a Lei (Responsabilidade dos individuos).

Egualdade na formação da Lei (Suffragio universal).

Egualdade na execução da Lei (Delegação temporaria revogavel).

Do pleno cumprimento d'estas funções garantidas pelo Estado, resulta a Autonomia individual, ou a Liberdade em todas as manifestações activas, especulativas e affectivas.

Todas as reformas devem ser simultaneas a estes dous factores sociais:

ORGANISAÇÃO DOS PODERES DO ESTADO

a) Do Poder Legislativo

1.º Federação de Municipios — Legislando em Assembleias provinciaes sobre todos os actos concernentes á Segurança, Economia e Instrução provincial, depen-

Na Praça do Campo Pequeno

Uma imponente manifestação republicana — O Hymno da Carta assobiado — Bellirantes applausos a Affonso Costa — A praça lateira em pé aos gritos de Viva a Republica — Avante!

Chega-nos, á ultima hora, a noticia d'uma imponente manifestação republicana, realisada hontem na praça de touros do Campo Pequeno, por occasião da tourada.

Mais uma vez o povo de Lisboa affirmou o seu amor á causa da Republica e o seu desprezo pelas desprestigiadas instituições que desgraçadamente nos regem, e pelos seus representantes. Um bravo ao brioso povo da grande cidade, que tão nobre e tão conscientemente se afirma!

Vamos dar, numa breve reseaha, a noticia de como se passaram os factos.

Ao chegarem á tribuna real as senhoras D. Maria Pia e D. Amelia, as bandas comecam o Hymno da Carta. Toda a praça está, como impellida por uma mola, rompe numa atrozadora manifestação de desagrado. Os assobios, os morras, os brados de indignação attingem uma espantosa violencia. Em pé, attonitas, pallidas, ha num camarote duas senhoras que agradecem as poucas palmas com que, de outros camarotes da aristocracia, algumas pessoas affectas ao regimen procuram attenuar o que se passa. O aspecto da praça, nesse instante, é verdadeiramente indescriptivel. Ha um momento em que passa por toda aquella grande massa electrisada qualquer coisa de semelhante ao sopro tragico que leva á violencia das revoluções.

Nisto, surge na praça á figura insinuante d'esse querido caudillo da democracia, o dr. Affonso Costa. Ao lado d'elle está Franca Borges, o energico jornalista do Mundo. Não ha palavras que possam dizer o que nesse instante se passa.

De todos aquellos milhares de boccas, de todos aquellos peitos, vibrando unisonos no mesmo enthusiasmo, saem só estes gritos: Viva Affonso Costa! Viva a Republica! Viva a Patria! Lenços brancos agitam-se de todos os lados e o espectáculo commove intensamente todos os que a elle assistem. Veem-se lagrimas em muitos olhos. Affonso Costa agita o chapéu correspondendo, e o delirio attinge proporções inauditas, nunca vistas!

O cavalleiro Eduardo Macedo, tem a galanteria de offerecer uma sorte ao illustre democrata e novamente o mesmo enthusiasmo arrebata a multidão.

São estas as noticias que succintamente podemos dar aos nossos leitores. Oxalá isto seja o prenuncio d'alguã grande coisa que, de vez, redima e salve a nossa terra!

Até lá gritamos nós, com o povo de Lisboa: Viva a Republica!

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Benção de bandeira

Realisa-se amanhã a benção da nova bandeira do regimento de infantaria 23 aquartelado nesta cidade. A cerimonia effectua-se na Sé Nova.

Uma comissão de commerciantes publicou um convite dirigido ás senhoras moradoras nas ruas do percurso, pedindo-lhes a ornamentação das janellas.

A Patria far se-ha representar nesta festa para quê foi muito gentilmente convidada.

dendo nas relações mutuas da homologação da Assembleia nacional.

2.º Fabricação de Provincias — Legislando em Assembleia nacional, e sancionando sob o ponto de vista do interesse geral as determinações das Assembleias provinciaes, e velando pela autonomia e integridade da Nação.

3.º Constituinte decenal — Destinada á revisão periodica da Constituição politica, e a reformar a Codificação geral.

b) Do Poder Executivo

O Poder ministerial divide-se em tres grandes ramos:

1.º A Segurança publica, comprehendendo:

Força armada de terra e mar. — Policia civil e fiscal. — Justiça e Penaldade. — Garantias individuaes. — Relações internacionaes.

2.º A Educação publica, comprehendendo: Instrução elementar, scientifica e technica. — Relações cultuaes. — Bellas Artes. — Salubridade. — Assistencia. — Recompensas civicas.

Pontos de vista

Ha dias toparam meus olhos com um retrato do escriptor Carlos Malheiro Dias (se a memoria me não falha, no noticioso *Seculo*) em que se apresenta de libré de moço fidalgo e com o ar imponente que Fialho d'Almeida descreveu nos retratos de caixeiros e rotulou com o distincto — «o que dirá de mim a posteridade?»

Que de curiosas ideias surgiram no meu espirito! Por este pouco me pareceu quasi explicar a inuidade de toda a nossa litteratura perdendo-se em bugangas sem valor, mesquinha de interesse e falha do sangue quente de rebeldes, sempre apostados em lutar, fugindo das confrarias e do sacrificio de dominar os impetos do temperamento, só por alcançar um reconhecimento official na consideração das pessoas gradas e uma fardasinha com que se impoem aos pacatos paizanos d'estes reinos.

Está-me a parecer que estes homens com a constante ideia de agradarem ao preconceito, de se arregimentarem nas fileiras dos mesquinhos agalados, nada mais podem fazer que uma litteratura para moços de fidalgo, sufficiente como desenhativo a damas alitteradas, mas impropria a poder marcar o caminho para a frente á obra do pensamento humano.

Ainda ha poucos dias um poeta (Antonio Correia d'Oliveira) que ovações entusiastas recebem com as suas primeiras obras, desandou, comido por um meio frívolo, num fazedor de rimas imperlente que, a haver juizo em muita cabeça d'homem, teria os ossos num feixe: porque ha marioleiras que mesmo em verso, como certas verdades, não se dizem.

Estes fazem coisinhas bonitas para com decoro, dentro da ordem e dos bons principios, poderem vestir uma fardamenta que envergonha qualquer pessoa provida d'uma pequena quantidade de moicira pelo mesquinho papel de jarrão decorativo a que o relegam; aquelle engendra coisas mimosas, cheio de palavrinhas lepidas e adocicadas para que as senhoras, que serão suas protectoras, não sintam a força creadora que as atormentaria na placidez de espiritos rotineiros feitos de reacção e de immobilidade; aquell'outro trabalha ferrozmente numa composição muito martellada, cheia de formas velhas, apurando todos os seus sentidos em bem seguir o modelo que deante dos olhos sempre collocou em horas de trabalho. E assim a alfobres riquissimos de Eças Queirozes contrafeitos, Camillos falhados, de moços fidalgos com romances de renome official e quasi consagrados pelas secretarias do Estado, e de janotinhas trovadores sempre nos rastos das damas, acariaciadores e louvambieiros.

Como a gente sente consolação ao olhar a atlética figura de Fialho de Almeida, luctador incansavel, sempre nervosamente combatendo, livre e sem peias, lançando as rajadas do pensamento onde o seu temperamento de combativo o levam, olhando só em realisar a sua obra dentro do seu genio masculino e forte.

Por isso tambem elle tem deixado uma obra viril cheia de verdades altivas e arrogantes e de impetos colericos, onde a cada passo a originalidade nos faz

parar. E' dos raros exemplos entre nós da altiva independência em que devem viver os homens do pensamento, sobranceiros ao vulgacho e indomáveis ás louvambieiras de conventuculos, alheios a toda a consagração que não venha directamente do que a sua penna produziu: sem mestres, sem tutores.

Não sei por que volta do pensamento me está a lembrar um caso succedido com Albert Wolff, o grande chronista do Figaro. Foi no tempo em que Wolff era ainda um desconhecido e exercia o cargo de secretario do grande Alexandre Dumas. Uma vez, querendo uma carta de apresentação para Scribe, desse desejo levou o conhecimento a Dumas que seccamente respondeu — «Je ne connais pas M. Scribe». Grande foi o espanto de Wolff, mas não tão grande que não o deixasse livre para procurar Scribe. Fallando com este e procurando fazer valer o seu papel de secretario de Dumas foi ásperamente interrompido por Scribe «Mr. Alexandre Dumas: connais pas?»

Eram estas as cordeas relações que ligavam os dois grandes escriptores. Como aqui estamos longe do espirito do elogio mutuo que por ahí fóra impera.

Se eu fosse em idade de dar conselhos, diria a todos os que se aventuram á carreira de litteratos, tomassem por conselho, como salvaguarda a prováveis tentações de parasitarios, o pensamento de Barrière — «Si vous voulez réussir, marchez sur les pieds des passants: Ils s'arretent pour vous regarder.» Senão é uma litteratura de medidas, de punhos de renda, ephemera como as rosas que produzir.

Thomas Vireloque.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Theatro-Circo

Brevemente a companhia do theatro de D. Maria vem a esta cidade dar tres recitas com os *Velhos* de D. João da Camara, o *Frei Luis de Sousa* de Garrett e a *Duvida* de Augusto de Lacerda, o unico original portuguez que o publico de Lisboa aclamou marcando o seu auctor como uma das mais legitimas esperanças para o nosso theatro.

Vamos pois ter, pela primeira vez este anno, bom theatro e bons artistas dos quaes é justo destacar os nomes de Adeline Abranches, que a Academia de Coimbra ha pouco tempo ainda aclamou como o mais bello temperamento de artista que tem pisado os nossos palcos depois de Virginia e de Lucinda, Angela Pinto a talentosa actriz, Ferreira da Silva e Brazão, incontestavelmente os nossos primeiros actores.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Um relatorio

Tivemos occasião de ler ha poucos dias o relatorio do Vice-Presidente da Camara Municipal d'esta cidade, sr. dr. Silvio Pellico, do projecto de regulamento de organização d'uma Caixa de reformas e socorros para os operarios ao serviço dos estabelecimentos dependentes d'aquella corporação.

E' uma medida d'um grande alcance social, como os leitores veem, a qual é de justiça incluir-se entre outras iniciativas generosas que a municipalidade da presidencia do sr. dr. Marnoco e Sousa tem tomado.

Em Portugal a questão de previdencia e assistencia ás classes que soffrem, ás classes opprimidas por um trabalho constante e pouco remunerador, tem merecido uma attenção secundaria aos nossos legisladores.

E' o que pelo menos attestam as raras disposições legislativas que sobre este assumpto se têm promulgado até hoje.

Não extranhámos uma tão lamentavel incuria dos nossos governos, porque as monarchias com os seus processos de espessa centralisação e o seu revoltante regimen de privilegio, são na sua essencia absolutamente fechadas a todas as liberalidades, ás mais insignificantes iniciativas de justiça social.

Para prova de que, pelo contrario, as democracias são guiadas fundamentalmente por um alto pensamento de solidariedade e de justiça, basta simplesmente examinar o trabalho fecundo da ultima legislatura franceza.

No curto espaço de pouco mais de tres annos, foi votado um consideravel numero de leis tendentes a melhorar e beneficiar a situação das classes trabalhadoras, das classes invalidas e incapazes.

Deu-se ha poucos dias em Lisboa um facto, que devia inspirar a comiseración de todos. Um grande numero de trabalhadores queixou-se ao governo da situação penosa em que se encontravam pela falta de trabalho. O ministro das Obras Publicas, não deu providencias para solver tão difficil conjunctura.

Nas democracias a acção previdente do Estado é de molde a evitar todos os desastres que as oscillações do trabalho e o despotismo do Capital podem provocar.

Assim a França inscreve annualmente no seu orçamento uma verba destinada a acudir os operarios victimas da falta de trabalho.

Ora neste nosso paiz onde a iniciativa individual é abafada, onde as liberdades locais são uma chimera, onde a actividade do Estado se traduz em obras estereis a que não presidem nem a ideia de progresso, nem o sentimento da mais rudimentar justiça — é verdadeiramente louvavel a linha de conducta, o fin senso administrativo com que a municipalidade de Coimbra se afirma e se impõe, não obstante as restrictas attribuições com que uma forte centralisação governativa tem limitado a acção dos municipios que pelas leis em vigor estão reduzidos a meras corporações subalternas das secretarias dos ministerios.

O relatorio apresentado pelo sr. dr. Silvio Pellico, é um trabalho cuidadoso e conscienciosamente elaborado.

O plano da fundação da Caixa de reformas e socorros em questão assenta nalgumas bases bem ponderadas.

O fundo da Caixa será constituído com quotas fixas dos operarios, seja qual for a idade, e por um subsidio da Camara, além de quaesquer quantias d'outras proveniencias.

Os contribuintes da Caixa terão o maior numero possivel de vantagens,

abolição dos monopolios quando não estejam subordinados á utilidade publica. — Abolição do corpo diplomatico, e conversão do consular em uma magistratura para as relações de direito internacional. — Autonomia e integridade da nação portugueza. — Extinção dos poderes hereditarios e privilegiados. — Substituição dos titulos nobiliarchicos feudaes por um sistema de recompensas civicas. — Organização militar exclusivamente defensiva. — Poder legislativo de eleição directa. — Poder executivo, de delegação temporaria do legislativo, e especializando a acção presidencial para as relações geraes do Estado. — Lei de incompatibilidades e effectividade da responsabilidade de ministerial. — Proibição da acumulação de funções publicas. — Taxação do povo pelo povo. — Responsabilidade de todos os funcionarios ou auctoridades. — Direito de resistencia aos actos offensivos das leis. — Abolição do recrutamento, e serviço militar obrigatorio. — Exercito reduzido a Eschola e Quadro, e Milicia nacional segundo as divisões provinciales.

estendendo-se o beneficio até ás suas viúvas e filhos menores, caso estes não possam angariar meios de subsistencia pelo trabalho.

A concessão das pensões de reforma será regulada tomando-se por base a eda le dos operarios, a impossibilidade de trabalhar e o tempo de serviço.

São estabelecidas certas medidas transitorias para os actuaes operarios municipaes. A administração da Caixa tem uma certa latitude de poderes para minorar as consequências desastrosas de que sejam accidentalmente victimas esses operarios e as suas familias.

Tacs são em resumo os principios sobre os quaes se funda a instituição da Caixa de reformas e socorros aos operarios que a Camara Municipal de Coimbra vae fundar.

Echos revolucionarios

Russia

Nessa Russia fria onde o sol mal bate, polvilhada de neve, ruge a alma slava em vagalhões derruidores e palpita na mocidade das escolas numa ancia estrebuchante de revolta. Lá, ao som da dynamite, envolvidos em nuvens de polvora, os estudantes bateram-se heroicamente contra os cossacos. Os mestres insultam lhes coragem e energia; o povo segue-os arrebatado e louco e espera libertar-se d'um regimen d'opressão e de arbitrio.

Os pamphletarios derramam pela Russia jorros de luz, incendiando a alma popular que se consome em desejos de vingança contra a autocracia barbara d'um czar cynico. Mostram já perto o despontar d'uma aurora de Justiça e Liberdade.

As mtes vão dizendo aos filhos os crimes dos tyrannos. De novo tudo se prepara. O caminho foi aberto por esses generosos revolucionarios, alguns dos quaes sacrificaram a propria vida na lucta sustentada contra os despotas.

A pressão porem continua a exercer-se sobre elles. Mas quê? Podem transporta-los algemados a soffrer eternamente sob os ceus frios da Siberia, podem amarralos nos carcereos lugubres, podem fustigar-lhe o corpo com o Knout implacavel, mas o que não conseguem é fazer calar o clarim ameaçador, troando estrophes espumantes de vingança que a alma desses revolucionarios, num timbre sonoro e forte, espalhou pela terra slava.

O sentimento de Liberdade que os abraza não se abafa nos horizontes pallidos das steppes, nem o pecha o ar abafado dos presidios; não o trespassam baionetas nem se sepulta na valla dos mortos. Atravessa o coração dos opprimidos e incendeia-se em ondas de rebellião.

Pode esse tyranno mandar fusilar todos os subditos, massacrar a Russia inteira. Surgirão os espectros terriveis e ameaçadores e elle baqueará do seu throno de mentira.

Saudades, lagrimas, ninguém terá por elle, ha-de ouvir o rumor d'um povo em colera que o amaldiçoa e injuria e para a historia passará como realmente é: cynico, vil e cobarde. Figura grotesca, elle andou, é verdade, a principio do seu reinado, envolvido por uma aureola de sympathia.

— Quería a paz — dizia-se. Hypocrita! A mascara caiu e agora que a luz lhe bate em cheio, mostrando o rancor e o odio que o mina, podemos escarpellalo.

3.º *Liberdades civis*, ou objecto da acção individual. (França, seculo xviii). Extinção das ultimas formas senhoriaes da propriedade, no sentido de a tornar perfeita, como fóros, laudemios, luctuosos, por uma lei sobre remissão forçada. — Arroteamento obrigatorio dos terrenos incultos ou a sua expropriação por utilidade publica. — Reforma do regimen hypothecario como forma de credito geral territorial. — Estabelecimento do regimen de aprendizagem e regulamentação do trabalho de menores. — Desenvolvimento das associações cooperativas de consumo, produção, edificação e credito, pelo adiantamento pelo Estado de um fundo inicial. — O Estado não concorre com as industrias particulares, e as suas officinas, quando não adjudicaveis a empras particulares, serão escholas de artes e officios. — Substituição do sistema penitenciario por colonias penaes agricolas. Tribunaes especiaes de medicina legal. Abolição das loterias e de quaesquer jogos de azar, embora com fim caritativo. — Abolição completa de todas

Quando a revolução rebentou elle fugiu porque sabia que era criminoso e traidor ao povo.

Do seu retiro, num delirio de sangue, expedia ordens de exterminio: matassem, matassem sempre. E os cossacos crimosos e barbaros como o seu czar feriam, atravessavam peitos tenros de creanca, tombavam velhos indefezos. E quando ao outro dia da carnificina lhe mostravam o rol dos assassinados elle ria n'um risinho cynico e alvar.

A revolução foi suffocada e voltou a S. Petersburgo cuja população mandára chacinar.

— O seu coração bondoso perdoaria á tripulação dos navios revoltados. Fusilaram-na! Mentiu.

Mentiu porque lh'o exigia a coherencia com os principios que defende.

— Elle havia de satisfazer as necessidades do povo russo, atenderia todas as reclamações. Covardet foram ler-lhe uma mensagem em que lhe pediam medidas de interesse geral e encerrou-os n'um carcere.

Tudo devastou. Ao menos tem a gloria de imperar, embora se veja salpicado de sangue.

S. Petersburgo não é já sombra do que foi. As ruas, afirma um jornalista parisiense, são desertas. Uma expressão lancinante de dor esvoaça pelo rosto dos habitantes. Os *sans culottes* estendem as mãos tremulas e geladas á caridade dos transeuntes.

De vez em quando passam levas de prisioneiros trazidos das aldeias pelos soldados.

O czar continua a sua obra de destruição. Julga assim, fazendo victimas, segurar o throno que desaba.

Como se engana!

Não tardará que lá na Russia se faça ouvir o grito de revolta e agora decerto victorioso e invencivel. Representando o protesto vibrante contra todas as oligarchias, repercutir-se ha pela Europa inteira, n'um fremito de entusiasmo e ardor pela causa revolucionaria.

Bemvido seja.

Abilio Napoles.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

por

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 30 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empreza editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

3.º *Economia publica*, comprehende: Agricultura. — Industria, Commercio e Navegação. — Concessões de obras. — Correios e Telegraphos. — Arrecadações de impostos. — Estatística e Contabilidade geral.

c) Do Poder Judicial

1.º Juizo de — Conciliação, Preparação, Arbitragem e Revisão.

2.º Juizo Civil — Singular, Collectivo e Especial.

3.º Juizo Criminal, Policial e Administrativo.

FIXAÇÃO DAS GARANTIAS INDIVIDUAES

1.º *Liberdades essenciaes*. — Instrumento das garantias politicas e actos civis: (Allemanha, seculo XVI).

Liberdade de consciencia, e igualdade civil e politica para todos os cultos. — Abolição do juramento nos actos civis e politicos. — Registo civil obrigatorio para os nascimentos, casamentos e obitos. — Liberdade de imprensa, de discussão e de ensino. — Ensino elementar obriga-

torio, secular e gratuito. — Secularisação dos cemiterios e criação de um Pantheon nacional para as honras civicas. — O professorado dividido em docente e examinante. — Educação progressiva da mulher, exercendo a capacidade politica em correlação com as obrigações civis a que estiver sujeita. — Abolição dos grãos e da frequencia obrigatoria nas disciplinas theoricas e superiores. — Harmonisar e simplificar os Codigos civil, criminal, administrativo, commercial e de processo com o espirito philosophico e resultados scientificos modernos.

2.º *Liberdades politicas*, ou de garantias: (Inglaterra, seculo xvii).

Suffragio universal. — Representação das minorias. — Autonomia municipal; descentralisação e administração civil das provincias ultramarinas. — Livre transitio, inviolabilidade de domicilio e abolição da prisão preventiva, excepto para o assassinio. — Liberdade de associação, de reunião e de representação (excepto para a força armada sob forma collectiva). — Liberdade de trabalho e de industria, e

as contribuições de serviços pessoais ou dias de trabalho; — das graças ou perdão de penalidade, mas salvo o direito de reparação ao innocente. — Revisão das sentenças, no intuito de facilitar a aquisição de materias primas, e protecção ao trabalho nacional. Abolição de todos os direitos de consumo cobrados pelo Estado. — Diminuição gradual do imposto de consumo nos generos de primeira necessidade. — Regulamentação do inquilinato. — Tribunaes arbitraes de classe, para os conflictos entre operarios e patrões; ampliação da competencia dos arbitros. — Reconhecimento e auxilio ás camaras syndicaes, Bolsas de trabalho e todos os meios de incorporação do proletariado na sociedade moderna. — Reconhecimento da divida publica, com o resgate da externa, e regularizando a interna como meio de capitalisação dos pequenos possuidores.

Theophilo Braga.



Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utensilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motoeyette Aleyon

A *Motoeyette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia. Agentes exclusivos em Portugal, Empresa Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empresa Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contém, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIÁ

Anno I

Ella, a Igreja,
rá como p...

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 9 - 1.º anno

Numero avulso, 10 reis

TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 14 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Froiría
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

AS LIBERDADES EM PORTUGAL

A conferencia do sr. Conselheiro José Dias Ferreira

Como fôra anunciado realisou-se na sexta-feira ultima, perante um numerosissimo auditorio no salão do Coimbra-Club, a conferencia promovida pelo Centro Republicano Academico.

Foi uma noite de verdadeira festa aquella em que mais uma vez se demonstrou que é pela Republica que aneia todo o coração de português, e que nada ha já que impeça este avançar constante para a Revolução redemptora.

Não se pode descrever o entusiasmo, o calor com que foi recebido o sr. Dr. Bernardino Machado pelos muitos centenaes de pessoas que completamente enchiam a vastissima sala.

A assembleia, de pé, saudava o prestigioso republicano, com vivas ao nosso partido, ao deputado do povo, á academia republicana, etc., etc.

A manifestação prolongou-se durante alguns minutos apesar dos pedidos do sr. Dr. Bernardino Machado para que se calassem.

Pouco depois entrava na sala o sr. Conselheiro Dias Ferreira a quem foi feita uma grande ovação.

O nosso camarada Carlos Amaro, como presidente do Centro Republicano Academico, abriu a sessão, dizendo que fallava sem prefeções de encarecer as qualidades de talento e de trabalho que distinguem o sr. Conselheiro José Dias Ferreira, que todos conheciam que a presença de s. ex.º allí, era a prova de que os republicanos portugueses não eram incompatíveis senão com os que opprimem a liberdade, com os que, pelos seus crimes, fizeram d'esta patria de heroes um tapete a que os estrangeiros limpariam as botas, se os não impedisse d'isso o povo português revoltando-se contra os que criminosamente o roubam para depois o qualificarem despresivamente de *piolheira*.

Não; o partido republicano não tinha outras incompatibilidades a não ser com os que, passeando e comendo á custa do povo, o mandam assaltar depois por verdadeiras quadrilhas de malfeteiros quando elle inoffensivo se dispõe a saudar aquelles que, zelando os interesses populares, cahem no desagrado do regimen.

Por seu lado o sr. Conselheiro José Dias Ferreira, accedendo ao convite dos estudantes republicanos, mostrava que tambem elle não era incompatível com o partido republicano, o unico que hoje pode transformar o nosso paiz numa patria livre e honesta.

Termina agradecendo ao illustre conferente e convida para presidir á assembleia o sr. Dr. Bernardino Machado, o cioso defensor dos direitos e liberdades de todos nós,

forte de coração e de intelligencia.

O sr. Dr. Bernardino Machado, que é acolhido com uma calorosa manifestação ao occupar a presidencia, propoz para secretarios os srs. Justino Cruz e Alberto Feio que foram recebidos com uma salva de palmas.

Disse então o sr. Dr. José Dias Ferreira:

Meus senhores! — Folgo em estar aqui. Convidado pelo Centro Republicano Academico para fazer uma conferencia, escolhi o thema das *leis d' excepção*, e vim com alegria, porque sou, e fui sempre, academico e universitario.

E digo bem alto, porque é a verdade e nunca me pejei de a dizer, nem fugi a fazê-lo, quando se me offerece occasião, que o que sou, o que valho, o successo, a consideração que tenho tido na minha longa vida, tudo tenho devido a Coimbra.

E' por isso com muito reconhecimento que agradeço aos academicos o terem-se lembrado de mim.

Direi mais, que nada me vae mais direito ao coração do que a consideração e a deferencia com que sempre me têm honrado aqui.

Vou fallar-lhes da liberdade de imprensa, ou antes das liberdades nacionais; porque não ha só, numa nação, a liberdade de imprensa, nem só ella soffre, quando a atacam.

E, quando uma d'ellas padece, pode afirmar-se que soffrem tambem todas as liberdades d'um paiz.

Vou por isso fallar-lhes das liberdades que nos dão...

Dão, não!

A liberdade não é coisa que se dê nem se tire.

A liberdade é um direito, que todos têm de reconhecer e acatar: nasce com o homem e é irmã germana da justiça.

A liberdade é um direito, e por ella deve o homem fazer todos os sacrificios, expôr até o peito ás balas. (Applausos).

Em Portugal todas as liberdades soffrem, mas so se falla da de imprensa; porque é esta que solta queixumes mais altos.

Não me posso por isso prender a uma liberdade só, tenho de tratar dos ataques a todas as liberdades individuais ou collectivas.

A da imprensa é a mais ferida, porque é a que mais ataca, porque, permitam-me o termo, tem mais má lingua. Diz tudo! E em Portugal, consente-se tudo, menos que se diga alto o que pode incomodar.

Não importa que as coisas andem na consciencia nacional, que cada um pense o que quizer, o que se não consente é que essas coisas venham á superficie. Incomodam...

Tratarei de todas as liberdades, e permittam-me que leia um trecho do primeiro revolucionario da nossa epopeia liberal.

Os homens de hoje são um pouco falhos de auctoridade, tem a gente de socorrer-se d'aquelles cuja auctoridade e sinceridade estão fóra de toda a suspeita.

E a sua palavra não é argumento sem actualidade.

Não! Porque nós estamos hoje em pleno absolutismo.

E' sempre assim que se diz quando é um só a governar!...

(Applausos prolongados).

A liberdade **official** pode ser outra;

mas com muita magua minha lhes digo, e vou demonstrar que **não temos hoje mais liberdades do que no regimen absoluto.**

Temos até menos!

E' duro; mas é verdade...

Referi-me ha pouco ao primeiro revolucionario da epopeia liberal; queria falar de Mousinho da Silveira, porque o foi!

Pode-se ser tão revolucionario pelo pensamento, nas obras de pacificação e administração, no gabinete, no parlamento, como na rua com as armas na mão. (Applausos).

Dizia elle em 1832, quando apresentava os seus admiraveis trabalhos sobre administração, fazenda e justiça: Senhor, o principio da oppressão para governar não acabou com Philippe II...

Logo lhes direi o resto, deixem-me agora fazer-lhes algumas observações.

Só ha dois meios de governar—pela oppressão e pela opinião.

O da opinião impõe-se, não precisa de guardas pretorianas.

O outro, o de oppressão, não pode exercer-se sem a força.

A oppressão não acabára em Portugal com os Philippes, com os que tinham saído escorraçados pelo povo para dar logar aos que estavam então.

E, hoje, estamos na mesma, ou antes estamos peor.

Como é triste ter de dizê-lo depois de mais de dois seculos de luctas e sacrificios pela liberdade!

Como se governa pela opinião?

Senhores! Estou fallando a um auditorio intelligente, para quem são familiares estes assumptos, recommendo-lhes porrem que tomem bem nota do que vou dizer-lhes.

Pela opinião governa-se bem nos Estados Unidos da America.

Ha outros paizes igualmente liberaes, a Suissa, a Inglaterra... bem sei, mas em nenhuma constituição ha expresso na lei o principio que existe na dos Estados Unidos.

Tudo nos Estados Unidos o povo delegou nos corpos legislativos, tudo deixou ao seu bom senso, ao seu amor da patria, só tres pontos reservou o povo republicano, sobre que só elle pode deliberar e decidir:—o direito de fallar e de escrever,—o direito de fazer comícios publicos,—as questões religiosas.

Isto é que se chama amor á liberdade, isto é que são princip'os capitães para um povo livre.

Estamos sempre e em tudo longe dos Estados Unidos, mas neste ponto estamos então muito abaixo.

A lei, diz-se muita vez, é constantemente violada em Portugal.

E' falso! A lei não é violada; porque em Portugal ha leis que garantem todas as oppressões!

Eu preferia a opinião dos de 20, desses homens que fizeram um governo republicano, presidido por um funcionario hereditario.

Esses, a nomeação dos magistrados, bispos, ministros, o direito de dissolver ou reunir as côrtes, o veto, tudo negaram ao soberano.

Não quizeram dar um golpe mais fundo.

Mau foi! Mas temo a necessidade de respeitar o facto, porque ignoramos as condições em que fizeram a sua lei tão liberal.

A primeira lei de imprensa é não haver nenhuma lei.

Esse o principio capital para um povo livre.

No codigo civil, em que trabalharam os homens mais distinctos, os maiores juriscultos, como o visconde de Seabra, Coelho da Rocha e outros, em assumptos economicos ou de liberdade nunca se seguiu senão os votos de Herculano e de Marreca.

E esses eram de uma craveira bem mais alta que os de hoje!...

Depois de tantos annos de um systema de larga liberdade, é doloroso verificar que além de leis liberticidas, temos umas certas normas, absolutamente acatadas, que **não são de libertar a imprensa, mas sim foram feitas para a algemar.**

Costa Cabral fez a chamada lei das rollas. Chamaram-lhe o rolheiro, passou como o maior inimigo das liberdades não só dos jornalistas como de toda a nação.

Pois Costa Cabral deixou na lei das rollas principios liberaes que hoje estão rasgados.

Costa Cabral não permittia a apprehensão, prohibia só o pregão dos jornaes.

Na sua lei não se encontra sombra de apprehensão.

O que elle poupou destruíram-o os outros!

Foram além de Costa Cabral na oppressão á imprensa os modernos legisladores!...

Costa Cabral não se atreveu a tocar no jury. Sem jury não ha liberdade.

Estabeleceu o jury da sentença e o da pronuncia. Não só decidia o jury se havia crime, mas escolhia a pena.

Tudo isso acabou.

Mas o que ha de peor, é que com a lei na mão acabou completamente a possibilidade de pensar e de discutir.

Com a lei na mão ninguém pôde fallar livremente a não ser da liberdade da alma, da existencia de Deus, do fluxo e refluxo das aguas.

(Risos)

E ainda assim! Discutir a existencia de Deus pôde para elles ser uma offensa á religião; o fluxo e refluxo das aguas, pratica de bruxaria!

(Risos prolongados, Applausos)

Foi em 1890 que um espesso véu cobriu a liberdade de imprensa.

E, é curioso assignala-lo, foi então que com mais carinho se organizou a municipal e a policia.

(Risos)

Em Portugal é sempre assim: **quando a policia e a municipal sobem, descem as liberdades publicas.**

(Applausos, gritos, que interrompem por alguns momentos o orador).

O mal peor da lei em Portugal provém de ser o ministerio publico quem promove os processos.

Se os ministros, para se defenderem, tivessem de pagar sellos e custas, não haveria tanto processo de imprensa!

Mas não! Em Portugal, quem paga tudo são os jornalistas!

E custas e sellos são de arrasar!...

Rodrigo da Fonseca Magalhães teve de intentar um processo para se defender.

Gaston 800000 reis!

Pois não fez segundo...

Se o ministro tivesse de pagar sellos e custas, havia de ser mais moderado.

Mas não! Quem paga tudo é o jornalista.

(Applausos demorados).

Pode haver nada mais duro do que não admittir a ninguém o direito de se queixar?!...

Em Portugal então era um bem: o

português, se o deixarem desabafar, vae-se-lhe metade da colera!...

(Risos).

Este foi o golpe mais certo contra a liberdade de imprensa.

Joaquim Antonio d'Aguiar era um conservador, e a sua opinião tem no ponto força especial.

Era desta terra o *mata-frades*.

Mal diria elle quando se não tirava da Imprensa Nacional com medo de que lhe subtrahissem ou inutilisassem o decreto de expulsão das ordens religiosas, que 70 annos depois havia de ser rasgada a sua obra.

Deram-lhe outro nome! Legalisaram tudo.

E' como com o orçamento. Apparece, começa a dizer-se: o *deficit* augmentou, ha despesas excessivas.

Vem o ministro e diz: sacrificios necessarios, tudo vae progredir, o reinado de Astreia vae chegar...

E tudo se cala.

Ha bordões para tudo em Portugal. No meu tempo, havia coisas que ditas tinham o applauso garantido.

Quem quizesse um final bom, e o final dos discursos é a preocupação de muitos oradores, bastava fallar na resurreição da Polonia e na unificação italiana.

(Risos).

Hoje a unidade de Italia está feita e ninguém pensa na resurreição da Polonia.

Mas não faltam os bordões!

Hoje quando se gasta desordenadamente, quando se quer fazer passar despesa excessiva, diz-se que é para a **Assistencia aos tuberculosos**, ou para os sanatorios das victimas da Africa.

(Applausos calorosos).

Quando ha desfalque, pede-se a syndicança. O ministro concede-a. E tudo fica na mesma.

Outro bordão...

Mas o que fica sempre é o attentado contra as liberdades.

Melhor era no tempo de D. Miguel. Ao menos a censura previa poupava despesa e trabalho de compôr, rever e imprimir...

A' sombra da legislação de D. Miguel se publicou o *Direito Civil* de Paschoal José de Mello com theorias e opiniões que não podiam ser do agrado nem do poder absoluto, nem da inquisição.

E porque se publicou?

Porque Paschoal José de Mello era socio da Academia Real das Sciencias, e esta podia imprimir sem que as suas obras fossem á censura previa.

Não sei se esta liberdade dura ainda.

Ha tanta susceptibilidade agora...

E ha tanta lei!...

A Imprensa está ferida de morte, e o que mais repugna é que tem a pretensão de ser liberaes os homens que a opprimem.

Costa Cabral era oppressor, mas dizia-o.

O caso do *um a um!*

Conhecem-no?

Eu lh'o explico.

Costa Cabral venceu em todos os districtos menos em Evora, onde votavam Portalegre, Evora e Beja.

Pois foram votar entre filas de caceiteiros e de soldados.

Então havia ao menos politicos, a guerra era accessa e rija.

Havia oradores como José Estevão...

Nunca ouvi nem dentro nem fóra do paiz orador assim.

Alguns d'...
C...
P...
B...

Quando se fazia-se na camara um s. absoluto para o ouvir.

E todavia, por inveja, ouvi chamar-lhe muita vez o *Trovão d' Aveiro*.

Foi sempre assim em Portugal. As discussões eram então violentissimas sobretudo as da camara dos pares até que o conde de Thomar as mandou supprimir do *Diário do Governo*.

Quando, na camara dos pares, onte estavam todos os homens que mais tinham combatido por plantar a arvore da liberdade em Portugal, se attribuiu o facto á imprensa, elle veio dizer que não, que tinha suprimido as discussões porque ellas levantavam o paiz contra elle, e não tinha outra arma para se delender.

Ao menos isto era fallar claro...

Hoje fazem-se todas as violações da lei...

Violações da lei... Como eu me deixei levar pelo uso commum.

Em Portugal não ha violações da lei; porque ha leis para tudo!

Se D. Miguel entrasse, e viesse substituir os que estão, podia governar á vontade que lhe não faltaria nunca lei em que se apoiasse.

Se isto até este peor do que em pleno absolutismo!

Com a lei dos perdigões... Nós em Lisboa chamamos perdigões aos anarchistas, cá não sei como lhes chamam...

Com a lei dos anarchistas e o codigo penal estava D. Miguel governado!

As leis do sello, os salarios dos funcionarios da justiça, as custas, tudo tem augmentado e não ha processo de imprensa que não leve a um jornalista 80000 ou 100000 réis.

As leis fizeram-se por forma a garantir a opressão da imprensa!

Diz a lei que fica revogada toda a legislação, excepto a posterior á de 7 de agosto de 1890.

Mas depois desta data não ha lei? Ha, a dos anarchistas e o codigo penal.

E com isso está o governo armado. Pode vir o sr. D. Miguel, se quiser!

O que é a legislação contra os anarchistas? Uma imitação da lei franceza? Não!

Na lei portugueza castigam-se as ideias anarchistas, não se especifica claramente o crime, como na lei franceza como pedem os principios mais simples do direito criminal.

Em França ha o jury, em Portugal não.

E o jury onde o risco de confundir o crime com a loucura é tão grande, é essencial.

Que valor real pode ter para determinar a prisão o depoimento boçal de um policia?

E quantas vezes sabe tanto de anarchia o policia que prende, como o juiz que condena!

(Applausos).

O policia prende e o réu não torna a sair da cadeia, o que nunca se fez, senão em crimes de alta traição.

Se o réu é absolvido na 1.ª instancia, appella-se para a 2.ª, e desta para o Supremo Tribunal.

E depois pode a policia recommear. Isto é a desorganização dos serviços policiaes e das instancias.

E' uma crueldade, um horror!

O policia a sobrepôr-se ao poder judicial!

Isto faz-se em Marrocos, faz-se na Russia onde não ha lei...

Que já um russo dizia que no seu paiz havia mais liberdade de discutir e de pensar do que em Portugal.

Um russo podia pensar tudo que o quizesse, podia fazer tudo o que quizesse... com a condição de não pensar senão o que quizesse o czar.

Isto ao menos é leal.

Em Portugal não se sabe o que se ha de dizer ou fazer.

Uma imprensa é perseguida, outra não; uma pode fallar á vontade, outra não!

Se até palmas e vivas se não podem dar a toda a gente!

(Ovação prolongada. Applausos, vivas ao Dr. Bernardino Machado, á liberdade, ao partido republicano. O orador é interrompido por alguns minutos).

Antigamente para se fazer alguma coisa era necessario ser **persona grata** em palacio, agora ha tantas a quem agrada...

A lei franceza não tem sombra de semelhança com a portugueza.

E para que se fez a lei contra os anarchistas?

Não tenho duvida em o dizer. Tenho assento numa assembleia politica, onde estou prompto a dar razão do meu dito, a quem m'a pedir.

E já estou habituado.

Não tenho duvida em dizer-lo: **a lei contra os anarchistas fez-se; porque era necessario encon-**

trar um meio de poder metter na cadeia, sem crime, sem prova e sem sentença todos os republicanos de Lisboa!

(Ovação entusiastica, a assembleia levanta-se e interrompe freneticamente o orador. Ouvem-se vivas entusiasticos á liberdade e ao partido republicano).

Vamos ao codigo administrativo. Esse é radical.

Quando se refere ao governador civil, diz, pertence tal e tal... e suspender qualquer publicação.

O proprio governador civil pode, só elle, supprimir.

Perguntam-lhe porquê? Ora! Porque foi aggravado!

E basta!

Era uma providencia da lei. Fez se!

E é esta a doutrina de todo o mundo official.

Já não desagrada. E' a doutrina de tudo o que é brilhante e flamante no nosso paiz.

Estava isto na lei. Vem outro governo, faz outro codigo.

Segundo o costume portuguez, cortou tudo o que poudo no anterior para o não accusarem de plagiar, mas esta providencia, (providencia!) da lei antiga escapou; lá está sem alteração de uma palavra ou de uma virgula.

E' providencia dos dois partidos, é providencia da politica portugueza.

Do que se trata é de atirar á imprensa, porque incommoda ouvi-la.

Porque não faz ella como queria o russo.

A Russia ou Portugal...

Temos tres leis contra a liberdade de imprensa, e só uma bastava para a abafar.

Mas temos mais. E a mim é esta vergonha que mais me dóe.

São as leis da policia, que abrangem tudo, até os membros do corpo legislativo.

E não faltou tambem o bordão para justificar o acto: seria uma excepção odiosa poupar o corpo legislativo...

E para quê?

Para o mesmo para que foi feita a lei contra os anarchistas.

Eu é que não tenho duvida em affirmar-lo.

(Applausos).

Passou de Lisboa para o Porto e em 1892 estendeu-se a todo o paiz.

E' tão simples!

Prende-se um homem, leva-se ao corregedor... Porque temos tambem corregedor, e por signal que neste ponto sou de opinião diferente da do povo de Lisboa.

Se cada um fosse agradecido, a primeira coisa que tinha de fazer pela manhã, ao levantar da cama, era ir levar um bilhete ao corregedor por o ter deixado dormir toda a noite na cama descansado.

Continuemos. O corregedor faz um despacho fundamentado, e o homem fica preso.

Diz por exemplo que tem de ouvir uma testemunha de Londres ou de New York, da Arabia ou da Persia, e o homem fica preso.

Não importa que o fundamento seja justo, basta que o despacho seja fundamentado.

E não ha recurso senão para o ministro do reino.

Não gostam do poder judicial.

E mais faz-lhe bastante; mas tem ás vezes as suas horas e o governo tem as suas contrariedades.

Tem...

(Risos).

E na cadeia pode ficar a apodrecer até morrer.

Nunca houve sombra de tal violencia na legislação portugueza.

Nunca se poudo ter ninguem preso por mais de 8 dias, sem culpa formada.

Ao fim de 8 dias, se não havia culpa formada, punha-se o preso em liberdade.

Podia ser preso mais tarde se se confirmavam as suspeitas: mas ao fim de 8 dias soltava-se, se não havia culpa formada.

Agora podem conservar-se na cadeia até morrer.

E diz-se que ha ainda liberdade.

Não! Que pela graça do poder executivo não a quero!

Quero a liberdade como um direito.

O proprio Costa Cabral só nos casos de homicidio, roubo, levantamento de fazenda alheia, moeda falsa ou alta traição permitira a prisão sem culpa formada.

Hoje não.

Eu estou a fallar, mas pode entrar por ahí algum dos senhores da policia e prender-me.

A mim e aos senhores...

(Riso).

Os senhores animam-se tanto quando se lhes falla em liberdade, dão tantas palmas quando se lhes falla em republica...

(Ovação demorada).

Podiamos ser todos presos.

Pela lei actual, para um policia poder prender algum, basta ter a desconfiança de que elle tem cara de vir a commetter um crime...

(Risos).

Ora os senhores riem, applaudem.

Se o policia chegasse e nos imaginasse com cara de fazer um crime, a revolução; porque a revolução pode ser necessaria, a revolução pode dar-se em Portugal...

(Howe então uma das mais extraordinarias ovações ao orador, interrompida por gritos e vivas á liberdade e ao partido republicano).

Alonguei-me de mais sem querer, vou terminar, lendo uns periodos do decreto de 29 de março de 1834, de Joaquim Antonio d'Aguiar.

E' a voz de um homem consciencioso, conhecendo bem a hora e as circunstancias do paiz em que fallava.

Tratava-se de organizar a guarda nacional ou milicia civica, composta de todos os individuos validos da nação, pois n'ella entravam todos os que tinham de 18 a 60 annos.

Ha um periodo que eu não posso deixar de ler; porque elle define exactamente a nossa situação de hoje.

(Lê).

«A guarda nacional, ou a Sociedade armada ou no seu proprio interesse e para sua defesa, é o melhor e mais seguro apoio da Independencia, da Ordem e da Liberdade Nacional; é a base mais solida de um Governo, que, em lugar de manter-se pela violencia e pela força empregada contra os Cidadãos para opprimi-los, quer sustentar-se pela confiança nelles. Sem a instituição de uma milicia civica não ha Governo Representativo; cedo ou tarde deve, sem ella, succumbir a Liberdade, a que a sorte e a fortuna do Throno da Rainha, Augusta Filha de Vossa Magestade Imperial, estão hoje essencialmente ligadas.

«Os serviços feitos pela guarda nacional nos paizes em que ella se tem formado, são tantos, e tão apreciados têm sido, que pôde bem estabelecer-se, que ella é a guarda natural das instituições livres.

«A França, esta nação generosa e livre, deve em grande parte á guarda nacional a tranquillidade, que disfruta no interior, e a consideração de que goza fóra: a guarda nacional de França tem em todas as crises e em todas as circunstancias correspondido á confiança, com que a camara dos deputados de 1830 commetteu ao seu patriotismo e á sua coragem a carta da monarchia, e os direitos consagrados nella, e a Europa admira e respeita esta milicia protectora da justiça e das leis, defensora das liberdades da sua Patria.

«Se em 1828 se tivesse organizado em Portugal uma guarda civica; e o governo tivesse armado os cidadãos interessados em manter a carta outorgada por vossa magestade imperial, se os direitos consagrados nella, se este deposito das liberdades publicas tivesse sido confiada ao patriotismo, e á coragem dos cidadãos, a usurpação não teria sido tentada, ou, se o fóra, teria succumbido.

«A exemplo da França de 1830 confie vossa magestade imperial ao patriotismo, e á coragem da guarda nacional portugueza o codigo das liberdades publicas, e o throno da rainha sua augusta filha.»

Este é periodo capital.

E lembrem-se de que é escripto por um homem que tinha arriscado a vida para defender a liberdade.

E' esse homem que dizia á ralaha que se o povo portuguez quizesse conservar a sua liberdade, teria de defender-se um dia á mão armada.

Parecia que adivinhava a nossa situação de hoje.

O imperador vivia ainda, e não ignorava a letra d'aquelle decreto, era a elle e á rainha que Joaquim Antonio de Aguiar dizia que o povo portuguez teria de armar-se um dia para defender a liberdade.

Parecia que adivinhava a hora presente.

Lêde bem esses periodos; hoje, como hontem, são a voz de quem conhece bem o paiz e a hora.

Lêde-os.

Que elles significam ensino de vo-lo explicar.

Deixo-o á consciencia de vós todos!...

Ao terminar o seu discurso o sr. conselheiro Dias Ferreira, o publico fez-lhe uma excepcional ovação, quente e entusiastica, que se prolongou por muito tempo, ouvindo-se vivas á patria, á liberdade,

aos srs. Drs. Dias Ferreira e Bernardino Machado.

Este nosso eminente correligionario agradeceu depois ao illustre conferente, encerrando a sessão.

O medo

Sabbado á noite, esperava-se em Coimbra o senhor Hintze Ribeiro e o senhor Hintze Ribeiro não veio!

Certo, elle teria na gare á sua espera o elemento official, as auctoridades, os apaniguados, toda a burocracia sabuja, todas as creaturas que lhe formam a clientella. Eguamente teria a policia, a tropa, se necessario fosse, a guardar-lhe as costas.

Mas, tambem era certo, absolutamente certo que lá nos teria a nós, os estudantes republicanos, e juntamente connosco, as creaturas honestas, as almas intemeratas, os espiritos revoltados que o desprezam e que o odeiam.

Iriamos todos alli, a despeito de tudo, decididos a gritar bem alto a nossa indignação e a nossa revolta, numa digna e nobilissima desaffronta.

Nós, os pequenos, os opprimidos, os sem-força, iriamos perante elle, o poderoso, o protegido pelos sabres e pelas balas, chicotea-lo com os nossos brados d'indignação com os nossos gritos frementes de protesto.

A gente honesta, os patriotas, os republicanos estão fóra da lei. A ordem é atirar-lhes como a cães damnados. Onde surge uma consciencia indignada apparece logo um sabre que a acutila.

Demais nós o sabiamos e mesmo assim apesar de tudo lá iriamos com a consciencia e a certeza de praticar um dever.

E, caso curioso, sentindo nos fracos, sabendo que muitos poderiam cair, banhados em sangue, debaixo dos sabres policiaes, nós desafiavamos tudo, expunhamo-nos a tudo.

Em todos nós havia este sentimento unanime — era necessario desaffrontarmos-nos d'uma creatura odiosa, desse por onde desse.

Se caissem alguns era um exemplo para incitar os que ficassem. E bem assignalado ficaria que onde passava um homem como Hintze um rasto de sangue lhe assignalava a passagem.

Não se fez nenhuma manifestação ostensiva do que aconteceria. Nada se publicou, nada se disse e, pelo contrario, guardou-se um cauteloso sigillo. E o senhor Hintze não veio! Seria a consciencia que lhe dictou esse procedimento e o fez reconhecer-se como é: odioso, desprezível, revoltante?

Não! O senhor Hintze é insusceptivel d'essa fraqueza e, sentindo-se seguro, não hesita um momento: manda acutilar e matar, como o fez em Lisboa.

Não veio porque teve medo.

Melhor para elle e peor para nós!

ECHOS

A primeira nota

Alguns *blagueurs* de bom gosto lembraram-se, a proposito d'uma visita do chefe regenerador-liberal ás Necessidades, de telegraphar a politicos de Coimbra a queda do sr. Hintze e a sua substituição pelo sr. João Franco.

A dar visos de verdade á noticia inesperada havia os brutos acutilamentos do Rocio e a imponente manifestação que ao Dr. Affonso Costa foi feita no Campo Pequeno, como protesto a essas barbaridades e como expressão do descontentamento produzido no espirito publico, pela attitude de violenta opressão que o regimen tem assumido relativamente áquelles que se atrevem a pensar contrariamente aos seus processos d'administrar e aos seus fundamentos politicos.

Houve assombro, animação, desesperos e temores. Assombro porque era effectivamente de estranhar que retirasse a sua confiança ao governo pelos motivos citados, aquelle individuo que tem, constitucionalmente, a faculdade absoluta de nomear e demittir livremente os seus ministros, quando toda a gente sabe que é elle o principal fautor do que em Portugal se commette de repressão e de crime. Era necessario admitir um certo pudor que o cynismo repelle, uma certa consciencia que a perversão absolutamente oblitera!

Animação, porque todas as transformações ministeriaes, principalmente quando se produzem após um mês de existencia apenas e quando entra em scena um personagem surgido da desolação d'um ostracismo que parecia definitivo, lançam o espirito num fervor desusado de discussão e de commentario.

Desesperos e temores porque os deputados eleitos sob o patrocinio do sr. Hintze viam já irremediavelmente perdidos aquelles diplomas falsificados e indignos que tanto satisfazem a sua vaidade de cretinos e tanto quadram á sua dobléz de capachos.

Mas quem, positivamente, rejubilava, quem sinceramente se comprazia com essa substituição de ministerios, era o partido republicano, cujas esperanças esse facto poderosamente avivava.

E' que o sr. João Franco é a creatura encarregada de representar o ultimo acto da nomarchia em Portugal.

Uma intimação

O nosso illustre correligionario dr. Affonso Costa foi avisado pelo governador civil de Lisboa d'esta coisa absurda e portentosa: — todas as manifestações que se fizerem em Lisboa e no paiz, são de inteira e absoluta responsabilidade do intemerato caudilho republicano. O regimen torna-o responsavel por tudo quanto muitos milhares de portuguezes levarem a effeito em materia de protesto e de revolta contra o que está! Pela vontade de todos, pela consciencia de todos responde o dr. Affonso Costa! Que infamia e que estupidez!

Claro é, que este aviso envolve uma ameaça!

Amanhã, depois d'um aviso d'esta ordem, a dar-se a mais pequena manifestação o governo, na impossibilidade de agarrar no paiz inteiro e mette-lo n'um calabouço, prende o dr. Affonso Costa, e vinga nelle todas as suas iras. E' simplesmente inacreditavel! O descaramento é a bestialidade não podem ir mais longe!

Em que confia o regimen para proceder assim? Pensará a choldra que o paiz inteiro, que tem pelo dr. Affonso Costa uma altissima estima, nunca mais voltará a manifestar-se, no terror de prejudicar o grande democrata? Avaliará pela covardia dos seus homens a tempera do caracter d'um homem como Affonso Costa?

Certamente a esta hora, o paiz inteiro, que já conhece o facto, ri da ineptia e baixeza que elle revela. Seria, no emtanto, curioso que a choldra levasse por diante a ameaça...

Levantavam-se as pedras da calçada.

Não renuncia

O sr. D. Miguel de Bragança escreveu ao seu orgão uma carta em que declara não renunciar dos seus direitos á coroa de Portugal.

Faz muito bem o illustre exilado: não renuncie; porque renunciar nas suas condições é faltar ao que deve ao seu esperançado e esperançoso partido, cujo progresso se assignala no facto de ir em peso, sem exclusão d'um unico dos seus membros á camara dos deputados.

Não é o mesmo

O sr. Gomes dos Santos declara na *Opinião* que não é responsavel pelo que escreve o sr. Gomes dos Santos que é correspondente da *Palavra*, do Porto.

Estamos á espera que o mesmo sr. declare que nenhum d'elles tem coisa nenhuma com o sr. Gomes dos Santos que escreveu nos jornaes republicanos e com o outro que foi director do diario socialista *A Federação*.

Que é para concluímos, logicamente, que não é um pulha só, mas uma numerosa ramificação de pulhas.

No Mundo

A este nosso querido collega de Lisboa, superiormente dirigido por França Borges, enviamos as nossas felicitações pelos melhoramentos que apresenta e pelo favor que o publico num bello rasgo de justiça lhe está dispensando.

A sua vida de continuo combate á monarchia, os roubos constantes com que tem sido honrado, tudo o tem imposto á consideração de todos nós, os que o acompanhamos nas suas justas aspirações.

Com um grande abraço a França Borges, enviamos-lhe os nossos votos por que o seu jornal continue a progredir para bem da ideia que todos defendemos.

Entrevista

O governador civil de Lisboa convidou o nosso presado correligionario Antonio José d'Almeida a uma entrevista,

no Governo Civil. Antonio José d'Almeida recusou-se e não foi.
 Fez muito bem. Nós se o Calcinhas nos convidasse para ir ter com elle a Alfama, tambem não iamos.
 Podia vir alguma facada e os republicanos não frequentam logares equivoocos...

H Uida

Recebemos e muito agradecemos a visita d'esta interessante revista que começou a publicar-se em Lisboa.
 Fazemos os mais sinceros votos por uma longa vida, cheia de prosperidades.

Recepção brilhante

Em logar do sr. Hintze, chegou no sabbado a Coimbra o liberal estadista da lei de 13 de fevereiro, sr. João Franco.
 Na estação, á espera do illustre concentrado, encontravam-se algumas pessoas, incluindo o sr. Fortunato d'Almeida, da redacção da *Folha de Coimbra*, e representantes de varias classes sociaes desde a corte celestial pelo sr. Dr. Sousa Gomes até á classe policial por dois guardas que faziam cumulativamente serviço na gare.
 O sr. capitão Freitas conduzia as Ex.^{mas} malas de S. Ex.^{ta}.

Um desmentido...

de conveniencia

Os quintanistas da Escola Medica de Lisboa publicam nas *Novidades* umas declarações desmentindo uma local do nosso querido collega *O Mundo*, referente a um passeio a Cintra dado por aquellos estudantes.

Os futuros medicos veem pressurosamente declarar que não fizeram manifestações republicanicas, nem tão pouco victoriarão *O Mundo*.

Achamos bem o desmentido, porque aquillo de manifestações anti-monarchicas, feitas entusiasticamente num jantar, são o diabo; podem zingar-se os padrinhos influentes e não se arranjar facilmente o partido...

Que isto de vida honesta é uma cantiga para ingenuos e os quintanistas de Lisboa são, com raras excepções, muito sabidos.

Recita de despedida



Em recita de despedida de um grupo de quintanistas de direito, representou-se hontem no theatro-circo a peça *Terra d'amoras*, dos quintanistas Vasco Alves e José d'Athayde, com musica do maestro Dias da Costa.

A peça que, como em geral succede, é uma serie de allusões aos costumes e typos da terra, tem situações verdadeiramente engraçadas pelo comico de que são revestidas.

O desempenho foi bom, salientando-se alguns quintanistas a que vamos referir-nos.

Luiz Carlos, no seu papel de conselheiro que vem a Coimbra visitar o filho caloiro, conservou os espectadores em constante hilaridade, para nos servirmos da *chapa* consagrada.

Apollinario fez o melhor possivel o seu papel de velha ridicula e gaitefra sempre apaixonada por todo o bicho que traga calças.

Mendes da Silva, o estudante que esteve 15 dias em Paris, só fallando em *boulevards* e no *Bois*, esquecido dos termos portuguezes, fez uma bella caricatura do portuguez que quer fingir que só gosta de estrangeiro.

Mourão, o estudante janota, Garcia da Costa, o conquistador, e Sommer, o poeta, desempenharam tambem correctamente os respectivos papeis.

Vasco Alves no papel do *Riso* que atravessa toda a peça elucidando o conselheiro sobre os typos e factos da terra, e José d'Athayde, o outro auctor, em varios papeis que desempenhou, foram muito applaudidos e com toda a justiça.

Custodio Vieira sobressahiu no fado que cantou no 2.º acto e que foi bisado.
 Custodio Vieira cantou muito bem as quadras que Camillo põe na bocca d'uma pastora do seu romance *A Via Sacra*, e que os auctores da peça tiveram o bom gosto de escolher para letra do fado.

O theatro estava artisticamente ornamentado pelo quintanista Luiz Bernardo, notando-se especialmente algumas caricaturas de primeira ordem.

Em resumo, foi uma bella festa em que todos, auctores e actores, foram muito applaudidos, como mereceram.

A falta de tempo não nos permitte fazer uma apreciação mais desenvolvida e por isso terminamos, dando tambem as nossas palmas aos que tomaram parte na festa.

Pontos de vista

Escreves-me tu alarmado por esta serie de attentados contra a existencia propria que quasi diariamente referem os jornaes!

Não comprehenderia a tua admiração, quanto mais o teu terror.

Repara attentamente e verás que isto de tres, quatro ou vinte pessoas, se riscarem das fileiras dos vivos é um facto natural, direi melhor, previsto como o mais simples acontecimento d'este globo terreno. A tua analyse deve descer fria, sem sobresaltos de coração, ao amago dos motivos justificantes, longe dos romantismos exaltados de tempos werthezianos, e determinar, com o sangue calmo, a justa apreciação d'estes actos a que por habito chamamos desesperados.

Pois tu não te a'armas porque quatrocentas mil pessoas assassinem a sua consciencia, não te aterorisas ao ver pela vida fóra os milhares d'almas que se matam a cada canto, e temes infantilmente pela sorte numerica da humanidade porque uns poucos de individuos «levantam a cortina e passam para o outro lado»?!

O que é preciso? Homens? Não. Para a redempção d'uma raça, para o caminhar incessante da humanidade pedem-se consciencias e caracteres. Anthero dizia: o maior deficit é de consciencias.

A maior parte das vezes o suicida, antes de ter collocado o cano do revolver nas fontes já tem assassinado a consciencia. Os suicidas que renunciam á vida tão simplesmente como D. Pedro do Brasil abandonou a corôa, são exemplos raros que não podem alinhar-se pela vulgaridade. Dizes bem: este acto tem um unico aspecto e na verdade, quer seja um caracter que o pratique ou um pusillanime que o execute, afigura-se sempre uma sahida falsa exactamente como é igualmente lacrimosa a cara que chora de alegria ou de dor.

Todos sahem; uns por altivez, outros por baixaza; uns não pactuaram, outros já pactuaram.

Mas que tem, para que te assustes, um ou outro facto? Os altivos retiram, os outros debandam. Mas que importa isso se em frente da humanidade anciosa ambos são igualmente nocivos?

Os primeiros, espiritos alados, acima do referver dos odios e das traições, consciencias lavadas, almas crentes, erguem-se mais alto na sua pureza para não serem tocados pela mesquinha aviltante; não fogem, occultam-se. Os segundos, fracos, asphixiam e anniquilam-se sem forças para lutar: desertam como um soldado deante do inimigo.

Inuteis ao progresso, nocivos talvez. Aqui tens. Seja uma vesania romantica, um facto da decadencia da raça, não é para levantar sobresaltos na tua alma de amigo da humanidade.

Guarda o teu choro e o teu pavor para as consciencias que diariamente se suicidam irremediavelmente.

Thomas Vireloque.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Dr. Henriques da Silva

Victima d'uma congestão pulmonar falleceu em um dos dias da semana passada o sr. Dr. Henriques da Silva professor da Universidade.

Ao Mario Henriques da Silva, filho do fallecido e nesso collega na Universidade os nossos sentidos pesames.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correlo ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Centro Republicano Academico



A reunião semanal dos socios d'este centro, realisada no sabbado ultimo, 12 do corrente, foi bastante concorrida.

A palestra recahiu sobre varios assumptos, alguns de caracter reservado. Houve uma questão que prendeu intensamente a attenção de todos, a de se affirmar a nossa attitude perante o jornal *O Seculo*. Discutiui-se calorosamente, fazendo alguns dos nossos camaradas uso da palayra para declarar bem alto quão profunda repulção lhes merecia aquelle jornal que pelos seus immoraes processos tem exercido uma influencia perniciosa na sociedade portuguesa.

Eis a moção que sobre este assumpto foi discutida e approvada:

Considerando que o jornal *O Seculo* foi fundado por republicanos e dirigido por republicanos com o louzavel fim de evangelisar, educar, combater e pugnar pela honra e independencia do paiz;

Considerando que só muito pouco tempo esse periodico correspondeu a tão elevada e honesta aspiração, mudando absolutamente de principios e de processos para se transformar n'um orgão conservador, servil, corrupto;

Considerando que em virtude da sua primitiva attitude sympathica de gazeta avançada e defensora das regalias populares, conquistou uma grande circulação, tendo leitores até nos pontos mais reconditos da terra portuguesa;

Considerando que nestas circumstancias sendo reconhecida a acção nefasta d'aquelle jornal sobre os espiritos, pervertendo as consciencias e corrompendo os caracteres com a sua detestavel orientação jornalística;

O Grupo Republicano Academico para patentear ao publico o supremo desprezo que lhe merece o referido jornal *O Seculo*, resolveu o seguinte:

Que todos os socios deixem de comprar d'aqui em deante aquelle ignobil informador quotidiano e que influa cada um individualmente junto dos seus amigos e companheiros e pessoas das suas relações, para que estes tambem procedam da mesma maneira.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Dr. Antonio José d'Almeida

O nosso estimado collega a *Vanguarda* fez ha dias acompanhar das mais eloquiosas referencias o retrato do Dr. Antonio José d'Almeida.

Achamos absolutamente justo tudo quanto a *Vanguarda* diz a respeito do nosso brilhante collaborador.

Antonio José d'Almeida que em Coimbra foi, quando estudante, um dos mais entusiasticos defensores do ideal republicano e é hoje uma das mais bellas figuras de revolucionario do nosso paiz, tem direito a todas as manifestações de sympathia por parte dos seus correligionarios.

Orador verdadeiramente excepcional, cheio de profundas convicções, elle soube, com a sua bella figura de tribuno, conquistar o entusiasmo das massas populares.

Fazemos, pois, nossas as palavras da *Vanguarda*, testemunhando assim mais uma vez a nossa grande estima e consideração pelo Dr. Antonio José d'Almeida.

PATRIA

ASSIGNATURA:
 Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.
 Numero avulso: 10 reis.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empresa editora — Costa Guimarães & C.^{as}, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

RAPSODIA

A Republica e o clero

Nota-se, varios o têm notado já, que os republicanos se negam ou se furtam a agitar e a atacar a questão religiosa. Será ntil definir o que seja essa questão, as mais das vezes exposta entre taes nebulosidades de raciocinios tendenciosos e tão estrondosos torneos de palayras que é difficil, se não impossivel, perceber o seu significado ou o seu sentido. A questão religiosa, pelo que se pode deprehender das affirmações da imprensa e das declarações dos chefes politicos, reduz-se em Portugal a saber se os partidos, e principalmente o partido republicano, devem combater na sua propaganda e na sua acção o dogma e a organização catholicos. Não se trata de substituir uma religião por outra religião ou de prégar a irreligião pura e simples. Não se trata mesmo de dispor a consciencia collectiva para a acceitação da separação das igrejas e do Estado. Muito menos se trata de impôr a supremacia do poder civil, visto que a Igreja vive hoje exclusivamente do favor dos governantes, e visto que por mais milagrosas que sejam as suas facultades de adaptação, ella se vê irremissivelmente condemnada ao papel de moralisadora das massas incultas, unico papel que tal ou qualmente legitimará ainda a sua existencia.

Alguns trabalhos doutrinaricos tem publicado republicanos sobre um ou outro assumpto restricto. Mas sempre que se falla em o partido republicano, systematica e insistentemente, apresentar e discutir a questão, logo a «conveniencia politica» se ergue como um pendão de paz. A «conveniencia politica» é, assim, uma coisa como a «ordem publica», o «interesse da nação», como todas essas formulas de desenxabida tyrannia que se oppoem a todos os espiritos que queiram apressar os acontecimentos e não flem tudo da evolução pacifica. A evolução pacifica!... O que é isso? As instituições, as dotadas da maior plasticidade, quando já não correspondam ao momento e ao ambiente, serão sempre reaccionarias e será sempre indispensavel um acto de força para as remover ou eliminar definitivamente. Tem-se dito que evolução e revolução são antinomicas e irreductiveis. Não são tal. A revolução nada mais é do que a evolução dando um passo mais rapido e mais largo. Os espiritos evolutivos serão sempre fundamentalmente revolucionarios. Chegou o tempo de os homens se não baterem já por palayras vãs.

Os argumentos mais fortemente tamboreados para justificar a inacção do partido republicano perante o catholicismo resumem-se nestas duas razões, que se empuham como dois verdadeiros cacetes:

1.º Procurar mover a opinião contra a Igreja resultará sempre em pura perda, porque é indispôr contra o partido republicano a massa do paiz.

2.º Não fazendo a Igreja questão de formulas politicas, o partido republicano nada tem que recear do clero.

A Igreja não faz questão de formulas politicas!... Juramos que nos custa a acreditar na sinceridade de taes argumentadores. Pois o direito divino não é ainda um dogma catholico? Quando é que a Igreja catholica, a não ser no periodo da evangelisação, deixou á livre escolha dos fieis os cargos ecclesiasticos? Desde o edicto de Milão que a auctoridade divina, indiscutivel e indefectivel, se substituiu á auctoridade humana. A não ser nos seus primitivos tempos, a Igreja nunca foi uma democracia. E' intolerante e exclusivamente theocratica, como não podia deixar de o ser desde que fosse logica. E ella é d'uma logica terrivel. A logica é, digamo-lo, uma das mais sanguinarias mentiras catholicas. Em homenagem a essa palayra o catholicismo tem feito becatombes humanas. Somentes, como ultimo vestigio do primitivo espirito democratico christão, ficou a eleição do papa pelo corpo cardinalicio. Mas o corpo eleitoral é restrictissimo e ainda essa eleição não é livre porque é inspirada pelo Espirito Santo. Os cardeas não fazem mais do que cumprir as

ordens de Deus. Ella, a Igreja, jamais pactuará, jamais acatará como principio supremo determinante da acção governativa a vontade do povo. Porque é constitucionalmente tyrannica, ella dirá sempre ao povo que a dor e a fome existem por deliberação divina e que contra essa deliberação não ha recurso, conservando-o agrilhoadado á eterna condição de dorido e esfomeado, inutilizando todo o esforço audaz para a sua libertação, impedindo-o de gosar inteiramente a vida e de receber nos olhos em cheio a luz do sol, de receber na bocca sem medo de peccar um beijo d'amor.

Ella ainda não pactuou sequer com essa mascarada ignobil do constitucionalismo, formula hybrida duma epocha de transição, abstrusa theoria legitimadora d'uma traição á democracia. Oh! senhores! Ella nunca pactuou, jamais pactuará com a Republica na França!

Ninguém pensa em atacar as crenças de ninguém. Ninguém quer metter as mãos nas consciencias alheias. Cada um pense como quizer. Por isso mesmo nós queremos que a Igreja catholica não tenha a menor acção politica official. Um partido catholico!... E' coisa que se comprehenda? Da mesma forma que não se comprehende um partido atheu. Um partido catholico no governo seria o retrocesso ao cahos.

Emquanto a Igreja não deixar de ser uma instituição religiosa, puramente espiritual, enquanto não deixar de querer inspirar e dominar a politica e subordinar os factos e os homens á sua utrina e á sua intolerancia, ella será sempre uma bastilha. E' indispensavel abrir as portas dessa bastilha para que saia quem quizer sair. Emquanto ella se levantar no seu exclusivismo triumphante, enquanto o clero se não resolver a deixar a praça publica para se limitar ao templo, enquanto faça do pulpito uma arma politica e da confissão um instrumento de delação, enquanto queira impor pela consagração da força e da lei o seu dogma e a sua disciplina, o clero será necessariamente o maior obstaculo a toda a obra democratica.

Pensar o contrario é dar provas da ingenuidade mais infantil. Pensar o contrario é, não só dar provas de ingenuidade, mas de cobardia. Sim, de cobardia!

A Republica terá de atacar o preconceito religioso e de reduzir a sua esphera d'influencia ao lar e ao templo, ou sofrerá o risco de travar cada dia uma batalha sem que sequer lhe fique a noite para se aperceber de danno causado. Todos estão convencidos d'isto. As conveniencias politicas, porém, não consentem, diz-se, que encetemos esse caminho clara e empenhadamente, porque desperitaria uma formidavel reacção por parte da maioria do paiz, reacção que poderia trazer o adiamento indefinido da Republica.

Ou a Republica, implantada, realisa o seu programma ou não. A realisar o seu programma, ella terá de solucionar a questão religiosa e essa tão temida reacção dar-se-ha totalmente. E não vemos razão para que se tema na opposição e não se tema no governo. Não ha mesmo razão nenhuma. Pelo contrario. Ha mais razões para a temer quando governo do que quando opposição. A não realisar o seu programma, a Republica será uma mentira, será uma comedia, e da sua passagem só ficarão farrapos repulsivos e poças de sangue.

Antonio Granjo.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne*, *Galand*, *Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GABANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cozinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyette Aleyon

A *Motocyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3ª monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atraso de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.
Agentes exclusivos em Portugal; Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permitindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fargas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, partiçipações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA



Coimbricente
... a vader
asavi o es-
e a monar-
tra a decora-
não se co-
ficiente.
do, como diz
cação, não
suorema

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 10 — 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 22 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

O MESSIAS

Os tempos chegaram! — como outrora diziam os profetas de Galilea. E com elles chegou a esperança de melhores dias para a terra de Portugal, logradouro até hoje de phariseus hediondos. Já por valle e collina se estendeu a fama do milagre suavissimo. Na doçura amorosa do ceu de primavera sobem foguetes, estralejando e ensinando aos eccos a boa nova; — e alli para os lados de Cellas uma creatura de Deus arruinou-se em fogo d'artificio, queimado em honra do Messias do Fundão, do insigne estadista e inclito liberal — João Franco.

E o paiz? O que pensa o paiz? O paiz não pensa porque já pensou; não espera porque, de ha muito que elle conhece os Messias de caudalarias diversas que se têm proposto successivamente a curar-lhe as maleitas e como aquelle judeu velho de que falla Eça de Queiroz na «Reliquia», elle só diz, com um soberano desprezo: raça de Messias! perdição d'Israel! Simplesmente em Galilea a imprecação era acompanhada d'um levantar de braços ao ceu, com o punho fechado. Em Portugal o gesto é diferente, só tendo de commum com o da Judea, o ser feito tambem com a mão fechada... Plebeismos incorrigiveis de raça alpestre e rude, avessa ao hieratismo solemne dos tempos biblicos!

Ora, é com esse gesto, que a maioria do paiz recebe o sr. João Franco e S. Ex.^{ta}, que sabemos facilmente irritavel, deve estar, a esta hora, furioso. Aqui e alli, será de justiça notar ainda, um ou outro espirito hesitante que se limita a arregacar a palpebra inferior com o indicador da mão direita, na classica attitudão do «Pae Paulino». E são estes os melhores, porque, de resto, a clientella dos foguetes e dos morteiros, não conta, como não contam egualmente nenhuma das restantes patrulhas do monarchismo.

Vae o paiz assistir a «coisas tezas». O sr. João Franco é creatura que não perdoa nos seus odios e desde que se metteu a odiar a immoralidade, a concussão, o nepotismo, a bandalheira monarchica, que trema nos seus alicerces o formidolando edificio de pouca vergonha que os diversos bandos que se têm succedido no poder, tem vindo de construir, á compita, com disvellos ternissimos de mães carinhosas. D. Quichote, de novo, empunha a lança. João de la Mancha tem a segui-lo uma «ala de namorados» e das boccas frentes dos que a formam sae, berrada aos quatro ventos, a divisa formidavel do grupo: pelo rei e pela grey! A lucta é epica. Atraz, no burio de Sancho, vae o senhor Mello e Souza, cogitando em fomentar o paiz que o manda fomentar a elle e mais ao chefe.

O programma é «moralidade e liberdade». Estas duas palavras resumem um mundo. Lembra-nos

o bispo de Vizeu com o seu programma que se resumia tambem nesta palavra: economias.

Na Camara interrogavam-no: — Que pensa o governo ácerca da instrucção? — Economias! gritava o bispo. — Que pensa o governo ácerca da administração publica? — Economias! repetia, temivel, o prelado. — E ácerca da liberdade de suffragio? das questões militares, de tudo, emfim? — Economias, economias, economias! rugia, tezisima, Sua Eminencia.

Assim o sr. João Franco. «Ou isto entra nos eixos ou eu vou para o Fundão, recolho-me á privada mais o Schroeter e o paiz e a monarchia que se aguentem,» — repete sua ex.^{ta}.

Acreditemos, por um momento, fingindo uma ingenuidade que, felizmente para nós, estamos longe de possuir, na sinceridade das intenções do antigo dictador e... fazamos um pouco de historia. Bastanos historiar as duas ultimas situações ministeriaes, — progressista e regeneradora — e, servir-nos-hemos como pedra-de-toque para ajuizar do que isto tudo é, do problema actualmente em foco — a questão dos tabacos — especie de mysterio complexo da Trindade, por traz da qual surgem, conforme as necessidades de momento, como nas *boites-á-surprises*, ora Reilhac, ora Burnay e sempre — o *padre-eterno* — aquella creatura em quem nós não podemos fallar, que toda a gente sabe quem é, e, á qual, para não irmos parar á cadeia, designaremos por X.

X é o arbitro, é o autocrata, é o senhor! Mas X tem necessidades como qualquer mortal, X tem dividas, como a nós nos succede. Simplesmente, enquanto nós devemos mil e tantos reis á mercearia, X deve mil e tantos contos ao Burnay.

Vamos á primeira etápe da nossa historia. X precisa pagar ao Burnay para que elle lhe não corte o credito e não faça escandalo, tal qual como nós precisamos pagar ao merceeiro para que elle nos não cercêe os viveres e não nos venha envergonhar á porta. Quem tem de pagar é o paiz, a cedula de pagamento é a adjudicação dos tabacos e o intermediario entre X e o credor precisa das seguintes qualidades — não ter vergonha, ser cynico, não ter nada que perder. X conhece a sua gente. José Luciano encarrega-se da coisa. E' velho, tem sessenta e tantos annos, sabe muito bem o que são as coisas d'este mundo. Já não cae na ingenuidade de se irritar quando lhe dizem phrases feias. Além d'isso a bexiga e a idade aporrinham-no, gosta de *crachats* e de dinheiro, precisa de regularizar a sua vidinha particular, sedu-lo a perspectiva de visitas de chefes de Estado, de ter empregados do paiz a tratar-lhe das coisas na Anadia, á *borla*, e nunca mais lá voltará, é aquella a ultima vez que póde «governar o paiz»... Começa a tratar do *negocio*. Os jornaes chamam-lhe «honesto» — elle ri. O publico chama-lhe «honrado» — e elle, encolhe os hombros e ri. Atiram-lhe lama ás mãos cheias sobre o nome, sobre os cabellos brancos, sobre tudo que

um homem pode ter de mais caro — e elle, imperturbavel, ri, ri sempre, abrindo uma bocca a que já faltam os dentes todos, perdidos atravez dos seus «immaculados» cincoenta annos de vida politica.

Uma tarde, na camara, em frente d'uma multidão, que o escuta assombada, ergue-se, cachetico, senil, tremendo das pernas e esganica-se: eu dou a minha palavra d'honra. Toda a gente ri, ha presilhas de calças que estoiram do puro goso, da pura pilheria que acham á coisa os possuidores das ditas presilhas. Gritam-lhe: mente! Bradam-lhe: E' falso! Urram-lhe: Tenha vergonha! E elle, coitado, rebola-se de prazer como se o acariciassem. Diz-lá consigo: estou aqui em serviço do patrão; berrem para ahi que quem apanha a *maquia* sou eu! Um dia lembra-se de ter um caprichinho innocente, quasi nada para quem estava a servir de bombo de feira havia tantos mezes: simplesmente fazer uma pequenissima fajardice a um funcionario que lhe desagradára. X porem é cioso das suas prerogativas, não consente caprichos aos creados. Quer que o sirvam só pela honra de o servirem. Um pontapé e ei-lo na lama — aos sessenta e tantos annos! E não se sabe o que é mais de admirar, se a baixeza d'um velho tonto, se a ingratição villissima do outro. Quasi se chega a ter dó do desgraçado!

Agora Hintze. E' novo, é tezo, toma a precipua responsabilidade de tudo o que faz — fechado na rua de S. Bento, com a guarda-municipal de prevenção nos quartéis. Responsabilisa-se por levar a coisa a bom caminho... Sómente... pensa em lucrar no negocio, de camaradagem com um parceiro nutrido, com quem se entende... Prepara as cartas para o jogo mas aqui X intervem novamente. Não admite camaradagens. Elle só é que é gente e portanto... Rua!...

Em vão Hintze traficou como um burlão ignobil nas eleições, mandou acutillar a povo no Rocio para agradecer ao dono. Em vão! Teve velleidades de comer na mesma gamella, julgou que por ser principe do Tozão, podia ter a sua parte na negociata? Enganou-se, — elle e o socio nutrido. Aqui só X come, só X é gente! Os outros, — cães de guarda. Tem o *tacho*, no quintal! Querem um bocado da meza do dono? Passa fóra, farçolas! Ha quem faça o serviço e não tenha exigencias! O que falta é quem queira viver commodamente, dando-se só ao trabalho de ser pulha e de se contentar com o rancho!

E como o antecessor, Hintze agaxa-se, recolhe ao casinhotto, lambendo a mão que lhe bate, ganindo devagarinho uns amuos queixosos, mas sem se atrever a morder, porque a mão de X ainda tem que dar, ainda pode atirar uma posta que elle se apressará a agarrar na guella faminta, de novo congraçado, rojando-se de novo aos pés do dono amigo, pronto a fazer o que fór preciso para conservar a Graça.

Ninguém melhor do que tu, Messias do Alcaide sabe isto tudo! Que pensas fazer? A honestidade não admite meios termos? Ou continuar a farça ou ser honesto...
... Ou ser Republicano!...

R. C.

Abaixo a lei de
13 de fevereiro

ECHOS

A primeira nota

Desenganem-se aquelles que imaginam que a demissão do ministerio Hintze Ribeiro foi uma satisfação dada ao povo da capital, affrontado e ferido sob os sabres da policia civil de Lisboa.

E' provavel que os factos d'ordem publica ultimamente produzidos, contribuissem para o seu descredito e para a sua queda, mas do que não ha duvida tambem é, que a historia da monarchia tantas vezes posta, pelas suas barbaridades e torpezas, em conflicto com o povo, mostra o desprezo que ella tem pela dignidade e pelos direitos dos cidadãos e que se esse povo revoltado lhe merece receio e temor, desarmado e inerme só lhe infunde o mais profundo desdém.

E a confirmar o que dizemos ha as fallas intimas do rei, engordado e enriquecido á nossa custa, e que veem, nas suas ironias insultantes e nas suas fanfaronadas ridiculas, até aos nossos ouvidos pelas indiscripções dos seus aulicos, provar-nos que a gratidão nas pessoas fartas não passa d'uma palavra vã!

Então porque cahiu o governo? Não foi diante do protesto publico, mas perante a imposição d'uma companhia; não foi pelo prestigio ofendido da liberdade, mas pelo imperio irresistivel da finança que é a unica coisa por que tem respeito uma oligarchia de batoteiros e de esbanjadores.

E não se diga que isto deixa bem collocado o sr. Hintze. Não pode ficar nunca bem collocado um homem que, pela sua attitudão politica de ataque a todas as garantias, de prejuizo a tantos interesses, de perigo para tantas vidas, de offensa aos brios civicos d'uma população inteira, devia sossobrar e sossobrou realmente no meio do odio e das imprecações d'um povo indignado.

Mas o que é preciso accentuar é que o motivo da recente transformação ministerial se origina nos interesses da monarchia que tem compromissos de dinheiro com a Companhia dos Tabacos e a cujas ordens e imposições tem, portanto, de se sujeitar. Que é para não haver a illusão ou a falsa ideia de que a monarchia se importa com um unico dos nossos direitos, com um unico dos nossos interesses, ou com uma unica das nossas reclamações.

Explicação

Jornaes varios tem estranhado que o Centro Republicano Academico tivesse convidado um monarchico, o sr. Dias Ferreira, para realisar uma conferencia sobre as liberdades em Portugal.

Não fomos levados a isso nem por ingenuidade nem por inexperiencia, mas simplesmente pelo interesse e pela vantagem que podia resultar para nós, republicanos, do facto d'um monarchico vir, tão decididamente, dizer o mesmo ou peor do que nós dizemos da monarchia, chegando até, com uma auctoridade que ninguém lhe negará, a traçar a mais completa condemnação do despotismo legal em que vivemos.

E não ficou por aqui. Fez revelações importantes a respeito da lei de 13 de fevereiro e enalteceu, com justiça, as virtudes constitucionaes da republica norte-americana.

Nós, com franqueza, ficámos satisfeitos com a sua conferencia que havemos de aproveitar para artigos de combate ao regimen, porque nella se encontram preciosos argumentos em barda.

Alpoimceos

Falla-se em accôrdo dos dissidentes-democratas com o partido nacionalista. Como se vê o ex-ministro da justiça, que na situação progressista tanto exasperou os catholicos com o celebre caso do bispo de Bragança, continua mantendo uma inalteravel linha de conducta.

Hontem com o Hintze, de quem disse o diabo; hoje com os nacionalistas que o encheram de insultos e ámanhã com o sr. D. Miguel, o eterno pretendente á corôa.

Estamos a ver o sr. Alpoim e seus apaniguados recolhidos em algum convento, envergando o burel e de rosario na mão.

Pobre Alpoim, desgraçados dissidentes, que tão depressa cahiram no ridiculo, apesar de todas as fanfaronadas!

E de cada vez estão mais democratas, os almas do diabo, dizem elles nos seus jornaes!...

Ora ab: bora.

O touriste

Depois da sua difficil travessia pelos mares do ostracismo, chegou sua ex.^{ta} o sr. Franco aos conselhos da corôa, trazendo a maleta de mão abarrotada de liberdades e de programmas de boa administração.

O que fará elle?
O mesmo que os outros.
Ha muita parrá e pouca uva.
Tanto melhor.
Felicitemo-nos e confiemos no futuro.
Mal com o rei por causa do povo, mal com o povo por causa do rei.
Que desinfeliz!...
Tem a palavra o povo português.

O Progressismo

e o novo governo

Dizem as gazetas ser o novo ministerio apoiado *desinteressadamente* pelo partido de Anadia.

José Luciano, sendo-lhe offerecidas algumas pastas, declarou que não queria «pastas nem postas»

Melhor assim tivesse pensado sempre e com elle todos os outros servidores do esfarrapado regimen.

O que será d'este?

Ha um punhado de nêses, Luciano, trôpego e fallido homem... publico, era chamado a constituir ministerio, dando o trambulhão da sua cara metade na Companhia do Credito Predial.

Dentro em breve era arremessado á lama da rua como qualquer ponta de cigarro brêjeiro.

Logo todo lampeiro sobe o Hintze amigo
Um côro de hossanas festeja tão importante acontecimento.

A regeneração impava de contente. Logo o jornal renegado incluiu na sua primeira pagina um enorme réclame á nova marca de charutos.

Estava salva a patria e... as batatas. Ephemera victoria foi essa.

Numa manhã fria e triste chega-nos a noticia da queda inesperada do sanguinolento Traga-almirantes, tristemente celebre pelo massacre de 4 de maio.

Segundo dizem os jornaes, retira-se o assassino á privada... na embaixada em Roma.

Deus o tanha por lá muito tempo, que não ha perigo de por lá fazer mal a ninguém.

O que acontecerá, porém, ao novo régulo, ao antigo despota, ao seu coneador no engrandecimento do poder real?

Por nós responderão os seus actos.
A nação já não acredita em Messias

de contrabando, já não ha camphora pos-
sível de livre da traça os reaes armados.
Um novo sol e ainda bem para

Desorganisação

creaturas de hõis e d'uma
infantil estavam convencidas
de que dos grupos monarchicos que dis-
putam o poder, aquelle que apresentava
actualmente condições mais robustas de
cohesão e de força era o partido regen-
rador-liberal.

Cêto felizmente, chegou o tempo de
se desfazer em as illusões.

O sr. João Franco, colhido de surpresa
quando serenamente mitigava saudades
paternas e recordações universitarias,
convidado a formar gabinete, viu-se seria-
mente embarçado.

Logo, os correligionarios da sua maior
confiança, aquelles que tinham uma certa
cotação, Mello e Sousa e Luciano Mon-
teiro, privaram-n'o da sua collabora-
ção. O desespero do sr. Franco foi incalculavel
numa tão difficil conjuntura. A neces-
sidade inadiavel, a imperiosa urgencia
de constituir o ministerio pô-lo numa tal
vibração nervosa que foi distribuindo pas-
tas a torto e a direito, impingindo preci-
pitadamente por ignorancia da lei e uma
pittoresca homenagem a Francisco
José, um austriaco; e procurando introdu-
zir, talvez para lisonjear Eduardo VII e
seu amigo Carlos e para dar certo tom
de elegancia e de requinte inglez ao ga-
binate — o Brummel lusitano.

Singular symptoma este de desorgani-
zação d'um agrupamento politico.

Pois, senhores, é extraordinario que um
partido politico de tão apregoadada fama,
num dado momento se sentisse laho,
sem uma meia duzia pelo menos de ho-
mens que pela sua reconhecida compe-
tencia se apresentassem a dar prompta-
mente solução á crise!!

Estrangeiros

Levantaram-se para ahi os ceus e a
terra contra o ministro da fazenda, um
Schroeter, que, ao que dizem, é austriaco
e como tal não pôde perante a lei ser
ministro...

Achamos extemporaneo e desarrazo-
do o protesto. Porventura Saxe Cobur-
go-Gotha é português? Orléans é alguma
terra de provincia? Saboya é ao pé da
Porcalhota? E o Burnay e o Torlades
não são os que mandam? Já vêem que
é tolice. Que tem lá um estrangeiro a
menos ou mais?

Isto, ha muito, que é de todos menos
dos portugueses, e só agora é que é o
espanto!
Já é ingenuidade!

Dr. João de Freitas

Communicam-nos a noticia dolorosa
de ter morrido a mãe do n.ºso querido
amigo e correligionario Dr. João de Frei-
tas, que sabiamos estar junto d'ella, na
sua casa de Castanheiro do Norte, onde
tinha sido chamado pela doença que a
prostrou.

Calculamos a magua que esse facto
triste produz no seu bello coração e pela
muita amizade que lhe temos, pelo muito
que o apreciamos, pois o Dr. João de
Freitas é uma rara figura de combatente
e um caracter primoroso que a todos se
impõe, com profundo sentimento lhe
enviamos o testemunho do nosso pezame.

A Peninsula

Ainda hontem eu pensava que nós
outros, os peninsulares, nem sempre
tinhamos sido uma nação estreita, de pe-
quenas tendencias, somnolenta, chata,
fria, burgueza, cheia de espantos e de
servilidades; e que este velho canto da
terra, cheio de arvores e de sol, tinha
sido patria forte, sã, viva, fecunda, for-
mosa, aventureira, epica!

Ah! foi ha muito tempo...

Era naquelle tempo em que a Italia
rodeava os papas severos; e olhavam para
o ceu as virgens do Dominiquino. Por
esse tempo ia, pela Europa, uma profunda
transformação social. Na Allemanha,
Luthero entrava em Worms, com um
canto batalhador, em nome do espirito e
da alma. O Papado ia morrer. Era ne-
cessario que todo o Sul se aliasse na
cruzada catholica.

Toda a revolta de Luthero foi tomada,
ao principio, por um d'aquelles lentos sus-
piros allemães, que se perdiam no côro
profano, luminoso, embalador e forte do
Sul.

Viu-se, depois, que era a voz immensa
da alma do Norte, toda uma humanidade
austera e vital, que se movia, que vinha
fallar, pensar, examinar, revelar, sob o
peso da theocracia romana, dos papas,
dos imperadores, das tyrannias, dos sa-
cerdocios.

13 de fevereiro

Um ex-ministro afirma que a Lei
de 13 de fevereiro foi feita para
metter na cadeia, sem crime,
sem prova, sem sentença, os re-
publicanos. — O auctor da Lei,
pelo seu órgão, pretende negar
esta revelação. — A letra da
Lei é clara. — Não ha sophismas
possiveis.

O sr. Dr. Dias Ferreira, na confe-
rencia que, a convite do nosso centro
republicano, fez aqui ha uns dias, criti-
cando a celebre Lei de 13 de fevereiro
disse categoricamente que ella tinha
sido feita porque era necessario encontrar
um meio de poder metter na cadeia, sem
crime, sem prova e sem sentença, todos os
republicanos de Lisboa.

O sr. João Franco ficou furioso
com esta revelação que, sobre ser verdadeira
tem o raro merito de ser da responsabi-
lidade consciente d'um ex-ministro e par
do reino. O *Diario Illustrado*, appare-
ceu pressuroso a negar as affirmações do
sr. Dr. Dias Ferreira.

Em que se funda o *Diario Illustrado*
para as contestar?

O pensamento do sr. João Franco
está nitidamente expresso na lei. Uma
simples analyse da sua letra é mais do que
bastante para que não fique em ninguém
a menor sombra de duvida sobre as
tyrannas intenções que presidiram á con-
fecção d'aquelle ignobil documento que
põe vergonhosamente o nosso paiz a
pat de Marrocos ou da Turquia.

Leia e analyse o director da referida
gazeta franquista, que é bacharel em leis,
o art.º 1.º d'essa Lei do seu chefe, que
recoretamos em parte:

«Art. 1.º — Aquelle que por discursos
ou palavras proferidas publicamente por
escripto de qualquer modo publicado, ou
por qualquer outro meio de publicação, de-
fender, applaudir, aconselhar ou provocar,
embora a provocação não surta effectos,
actos subversivos, quer da existencia da
ordem social, quer da segurança das pes-
soas ou da propriedade, e bem assim o
que professor doutrinas do anarchismo
conducentes á pratica d'esses actos, será
condemnado...»

Quaes as consequencias logicas e cla-
ras que se podem tirar d'uma interpreta-
ção rigorosa da letra d'este artigo?

Vejamos rapidamente.

Em primeiro lugar o artigo em ques-
tão deixa ver bem que não se trata
exclusivamente de anarchistas.

Que os republicanos estão nella incul-
tos, deduz-se tambem facilmente.

O partido republicano, como partido
avancado e revolucionario, considerado
na sua intima essencia de synthese dou-
trinal, conjuncto de principios que servem
de molde a uma organização juridico-
politica compativel com o estado social
das sociedades modernas, desempenha
em Portugal principalmente a nobre
missão d'um unico partido patriotico que

Todo o Sul catholico estremeceu:
aquella revolta vinha imprevista e rapida:
um dia, a imperceptivel e vasta humani-
dade, quando fosse, uma madrugada, para
as suas adorações, podia encontrar a
velha Roma deserta, e, ao longe, o catho-
licismo dissipando-se com um som hiera-
tico de psalmos, e um colorido vermelho
de fogueiras.

Era necessario salvar o Sul.

A Italia tinha-se familiarizado com o
christianismo: tinha-se acostumado ás
santas macerações de Jesus, á transparen-
cia ascetica das virgens: os renunciamen-
tos e os medos catholicos já a não verga-
vam para o pó. Ella, cheia de sol, e de
sons, e de forças, começava a olhar a
natureza, as grandes fecundidades, as
vitalidades poderosas, as melodias mo-
ventes da carne.

Os velhos Deuses da Grecia tinham-se
refugiado na alma italiana: ao principio
andavam no fundo, como recordação leve,
transfigurados pela dôr, encolhidos, so-
lucantes, miseraveis: depois, lentamente,
foram apparecendo, espalhou-se um cheiro
de ambrosia e um som d'idyllio, e os
seus corpos, são como astros, occuparam,
por fim, toda a alma italiana com cho-
reias, derramações de nectares, palpita-
ções de luz, divinos resplandecimentos de
vida.

A Italia tinha-se afastado de Dante e
das visões devoradoras do infinito: e os
poucos que se curvavam sobre a *Divina
Comedia*, não era para vêr os castigos e

pugna incessantemente pela dignidade e
independencia do paiz.

Por um dever de coherencia e em har-
monia com as suas idéas, o partido repu-
blicano combate a monarchia nos seus
fundamentos, ataca o rei, incarnação do
despotismo, verbera os membros dos
governos, symbolos de desmoralisação,
critica os erros de administração, provas
manifestas do desnoiteamento dos diri-
gentes e da falsidade d'um regimen.

Os instrumentos da sua propaganda
são a imprensa, os comicios, as conferen-
cias, todos os meios, enfim, de diffusão e
de suggestão.

Ora, no seio da nossa sociedade tal
como ella se encontra politicamente cons-
tituida, as irreverencias ao primeiro ma-
gistrado, o combate decisivo aos proces-
sos governativos feitos de especulação e
de violencias, o ataque persistente á me-
diocridade dos detentores do poder, tudo
isto que um partido politico pratica, logi-
co com os seus principios e com as suas
aspirações revolucionarias e dentro da
esphera dos mais legitimos direitos de
manifestação do pensamento, representa
o complexo de formas de provocar nos
espiritos o desrespeito quer da existencia
da ordem social, quer da segurança das
pessoas...

E' precisamente isto o que a Lei em
questão condemna. E' por isso mesmo
que ella representa o mais imperdoavel
attentado ao que ha de mais sagrado, de
mais inviolavel e de menos susceptivel
de vassalagem — o pensamento humano.

A Lei de 13 de fevereiro, por mais
habilitosamente que queira sophismar o
sr. João Franco, foi sem duvida feita con-
tra os republicanos. Escusado é penetrar
no espirito da Lei, visto que ella não é
obscura, porque o pensamento do seu
auctor resulta naturalmente da redacção
do artigo primeiro.

A corroborar as consequencias que o
simples exame da letra da Lei auctoris-
sam, temos a affirmação d'um dos nossos
melhores juriconsultos, sr. dr. Dias Fer-
reira, que para dar todo o valor ás suas
affirmações, para o seu modo de vêr ter
todo o cunho de verdade declarou solem-
nemente, perante uma numerosa e sele-
cta assembleia que o escutava, que,
sendo membro d'uma das camaras, estava
prompto a justificar a sua opinião a quem
o peça.

O Partido Republicano

Eis o resultado da última eleição da
commissão parochial feita pelos republi-
canos da freguesia de S. Bartholomeu que
é constituida pelos seguintes cidadãos:

João Gomes Moreira, Zacharias Duarte
Neves, Guilherme Barbosa, Adolpho
Pinto de Sousa, Joaquim Lopes Gandarez.

A eleição da commissão parochial
republicana da Sé Velha fez-se da seguinte
maneira:

José Gonçalves, João Rodrigues dos
Santos Paixão, Joaquim Saraiva, Alvaro
Ferreira e João Manuel Ferreira.

os paraizoos, mas para sentir as palpi-
ções, que lá tinham ficado, da alma de
Florença.

A Italia seguiu Petrarcha: mas em
Petrarcha havia ainda uma religião e um
mysticismo — o amor: e a Laura dos
Sonetos, como a Virgem mystica, prendia
nas humilhações religiosas todos os caval-
heiros do Sul. A Italia então deixou Pe-
trarcha e rodeou Ariosto, o aventureiro,
o jovial o descrente, cavalleiro e escar-
necedor.

Foi então que se ouviu aquella voz do
Norte.

Todas as cohortes catholicas andavam
dispersas, galhofeiras e namoradas, rindo
com o Arelino, escarnecendo brutalmente
com o poeta Pulci, guiadas por Lorenzo
de Medicis e pelo cardeal Bembo, cantan-
do as estrellas, adorando as Violentas,
rindo de Fra-Angelico, aclamando Ticia-
no, cobertas das sedas de Veneza, com o
peito cheio da religião do sol, da mu-
sica e das noites profanas.

Foi então que se ouviu a voz do Norte,
o canto de Luthero. Todos os catholicos
correram instintivamente, rodearam os
papas severos, Adriano VI, Clemente
VIII, cantaram os psalmos e as missas de
Marcello, cheias dos renascimentos asce-
ticos, e foram seguindo o Tasso, que vol-
tava, apaixonado e religioso, para Dante
e para Deus.

E o papa continuou caminhando, se-
reno e trivvel, deixando as sombras das
masmorras de Galileo e de Campanella,

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Carta do dr. Affonso Costa

O eminente caudico e nosso
prestigioso correligionario Dr. Af-
fonso Costa enviou ao *Mundo* a carta
que em seguida publicamos e que
responde a insinuações idiotas d'um
regenerador despeitado, a proposito
de grupos pessoases que dentro do
partido republicano não existem e
que não poderiam existir no mo-
mento actual, em que todos os es-
forços e todos os desejos se devem
concentrar n'um fito unico: a des-
truição da monarchia.

Eis a carta:

Meu caro França Borges:

Peço-te o favor de inserires no
proximo numero do nosso *Mundo*,
as seguintes declarações, destinadas
a repellir as insinuações do redactor
do *Diario* e a esclarecer os demais
politicos que queiram intrigar com-
nosco, com o governo e com o rei,
para esconderem o seu proprio despe-
ito.

1.ª — Não existe nenhum «grupo
republicano de Affonso Costa». Eu
sou republicano desde que me co-
nheço, tenho sustentado muitas lu-
ctas por ser republicano, mas nunca
procurei formar bando ou facção,
nem auctorizei pelos meus actos
qualquer separação no partido a que
me honro de pertencer; e até sem-
pre me recusei a tomar uma posição
que podesse dar margem a uma
apparencia de grupo especial. Tenho
trabalhado pelo meu ideal com todos
que querem lealmente trabalhar por
elle, e estou e estarei sempre nesse
campo, *succeda o que succeder*.

2.ª — Não se realisou nem se
realisará qualquer conferencia poli-
tica entre mim e franquistas, porque
entre as minhas idéas republicanas
e o ponto de vista, caracteristica-
mente monarchico, do sr. João
Franco e seus amigos, não ha nem
póde haver nenhuma similitude ou
aproximação, antes ha uma irredu-
ctivel opposição, um vivo antagonis-
mo. Os franquistas seguirão o seu
caminho até fallirem nos seus pro-
positos de salvação do throno, sendo
porventura os proprios coveiros da
realeza; e eu, e tu, e todo o Partido
Republicano, seguiremos a nossa
derrota no sentido da salvação e do
progressivo melhoramento das con-
dições de vida do paiz, estabelecendo
a Republica o mais rapidamente que
fôr possivel.

3.ª — Nada tenho com manifes-
tações que o governo pretenda fa-

e mais longe o fumo das fogueiras de
Vanini e de Giordano Bruno.

Tal era a lucta do Norte e do Sul.

Ora, durante essa lucta das religiões
e das patrias, a Peninsula, encolhida nas
suas montanhas, coberta de sol, violenta,
sinistro cavalleiro de Deus, armava as
caravellas e os galteões para as bandas
desconhecidas das ilhas, dos continentes,
dos cabos temerosos. Nós outros, os pe-
ninsulares, appareciamos ás demais na-
ções como velhos lobos do mar, sempre
sobre os lombadilhos, trigueiros, rijos
como calabres, são como o sol, ensur-
decidos pelo clamor das marés, cheios
de legendas, e perdidos, ao longe, nas
brumas terriveis.

De vez em quando desembarcava este
povo, bradando que tinha descoberto um
mundo, que lá tinham ficado infinitas
multidões, negras, bestias e nias, sob
a benção dos padres: alli mesmo, sobre
a areia, ao rumor das mareas, escrevia
a historia tragica da sua viagem, e uma
madrugada, tomados das saudades do
mar, parliam de novo, radiosos e bons,
para a banda das Indias.

Era assim. Todos os annos, aquella
multidão immensa de aventureiros em-
barcava nos galteões, entre os psalmos e
os chôros, e elles iam, silenciosos e flam-
mejantes por entre as sonoras illimitações,
os ventos afflicto e os tremores da agua
— para os nevoeiros inexplorados.

Iam em demanda de mundos, levando
Deus dentro do peito, sob as constellações

zer no Campo Pequeno ou noutro
logar. Vou frequentemente ás tou-
radas, porque não me desagrada a
diversão, e não estou disposto a al-
terar os meus habitos por causa do
que diga ou pense, do que ameace
ou suplique um governo monar-
chico, seja hintzaceo ou franquista.
Não fui á tourada no domingo pas-
sado sómente porque se não reali-
sou, mas estive lá hoje, com a mesma
naturalidade com que sempre ali
fui e sempre ali irei. Não me inter-
ressam as manifestações que o go-
verno possa projectar, mas não me
recuso a cumprir todos os meus de-
veres de republicano ali ou em ou-
tra parte, *quaesquer que seja mas con-
sequencias*, e sempre em opposição
formal e absoluta com quem queira
fingir ou fazer crêr que a realeza em
Portugal ainda tem algum prestigio.
Teu amigo e correligionario,

Affonso Costa

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

O sr. Franco e a lei de 13 de fevereiro

Principiaram já as manifestações de
regosijo pela chegada d'aquelle estadista
aos conselhos da corôa.

O operariado mostra-se radiante.
E' como se vê.

No sabbado reuniram-se os de Viannã
de Castello na Federação das associações,
approvando por unanimidade a seguinte

NOÇÃO

A Federação das Associações Ope-
rarias, reunida em sessão extraordinaria,
e tendo conhecimento de que foi chamado
a constituir governo o sr. João Franco
Castello Branco, auctor da ominosa lei
de 13 de fevereiro, pela qual soffrem as
agruras d'um clima mortifero camaradas
nossos, pelo simples crime de expenderem
as suas idéas livres; resolve desde já re-
clamar junto do governo ao qual preside
o sr. João Franco, a derrogação da citada
lei, que tantas victimas tem feito e repre-
senta um negro attentado contra a liber-
dade do pensamento, e igualmente o
repatriamento para a sua terra natal de
todos os que se encontram sob o peso
d'essa infame lei.

Ignacio José da Costa.

Segundo informações que temos, a
campanha contra a lei sclerada vae re-
começar e com a maior violencia por todo
o paiz.

Informa tambem o nosso presado col-
lega *A Voz Publica* do Porto, que por
já já principiaram a apparecer escriptos
hostis á lei e ao seu auctor, tendo os
estudantes começado o movimento.

Que fazemos nós, estudantes de Coim-
bra?

Está nos naturalmente indicado o ca-
minho a seguir: secundar esse movimento.

Nasceu em fraca hora o ministerio
franquista.

augustas, entre as tempestades, os roche-
dos, os climas e as correntes, de pé nos
lombadilhos, descobertos, rodeando um
Chrício, cantando os psalmos ao côro dos
furações, todos reluzentes de armaduras
e de divisas de amor, com a alma cheia
de altivezas de batalhadores e de doçuras
de apóstolos.

Iam como numa gloria e em nome
de Deus! E quando encontravam as hos-
tilidades e os encrepamentos irados dos
elementos, as oppressões infinitas dos
ventos e das aguas, erguiam as mãos
como para uma excommunição, e brada-
vam, soberbos, aquelles sópros e aquellas
mareias, os versiculos do Evangelho se-
gundo S. João.

Ora aquelles homens, marinheiros e
batalhadores. eram historiadors e poe-
tas. Escreviam os seus feitos.

Escreviam-nos entre os assaltos e as
tempestades, no convez das caravellas,
nos cabos tormentosos, nas florestas sa-
gradadas da India, sob as immobilidades
crúas da luz: escreviam cobertos das
espumas, ennegrecidos pelos fumos, fré-
mulos das iras das batalhas. Por isso
enchião as suas chronicas e os seus
poemas d'uma estranha prodigalidade de
força e de vida. E os seus diarios de
bordo tinham, muitas vezes, a simplicidade
epica de Homero.

Mas elles tambem tinham amores,
ciúmes, paternidades, paixões, lyrismos
interiores, e as saudades da patria nas-
ciam naquellas almas como grandes as-

De Lisboa

19 de Maio

E' ocioso fallar-lhes dos ultimos acontecimentos politicos.

Mercê da rapidez das communicacões, já estão a par de tudo ha muito tempo. Demais foi d'hi, da lusa-Athenas, transformada em B' them dos modernos tempos, que o Messias partiu. No cau de Coimbra decerto passou a estrella precursora de que falla a legenda e os anjos vieram naturalmente, de aza estendida — no ar fremente de milagre, fazer repicar festivamente os sinos da Universidade. Ah! d'esta vez Coimbra ajuntou mais uma honra ás muitas que possui! Esta coisa de parir um Redemptor não succede assim todos os dias e é de crer que nesse houvesse feriado geral em signal de regosij.

Por cá o jubilo tambem foi enorme! Imaginem vocês a gare cheia de gente. Tudo franquistas, ao que diz o *Illustrado*. O demonio foi, porém, que os tans franquistas mal chegou o comboio esqueceram-se do que eram e agora é ve-los a gritar, «abaixo a lei de 13 de fevereiro, abaixo o dictador, viva Bernardino Machado, viva o partido republicano» que até pareciam os monarchicos da ultima manifestação no Campo-Pequeno.

O sr. João Franco estava radiante com o entusiasmo dos correligionarios. *Vaya por la popularidad de los hombres publicos!* — como se diz não sei em que zarzuela. Aquillo sim, que foi festa rijal. A policia, essa, como ainda obediencia aos regeneradores, tinha ordem, ao que parece, de não «manter a ordem» o que equivale a dizer que tinha ordem de não matar ninguem e deixar correr. De modo que aquillo foi de tal ordem que o sr. Mello e Sousa não se conteve e botou *chêlique*.

E o sr. João Franco que perguntára, com tanta ternura, ainda em pé á portinhola da carruagem, para alguns dos amigos que o rodeavam:

— Onde está o Mello e Xoisas?
O senhor Mello e Sousa estava alli e desmaiou. Bonito assumpto para uma dissertação philosophica subordinada ao titulo «Do desmaio nos homens publicos».

Dizia-me, á sabida, um amigo:
— Mulheres publicas já eu algumas tenho visto desmaiaem. Homens é a primeira vez...

Isto de desmaiar parece-me que está agora em moda.

Diz-se por cá que, em resultado da commoção experimentada ha dias no Campo-Pequeno, uma senhora altamente collocada tem desmaiado na roda do dia, as suas tres vezes.

São os inconvenientes que tem «este duro officio».

Acerca dos acontecimentos da marinha, vae-se rasgando um pouco o veu do mysterio.

Descobriu-se, ao que nos consta, um club secreto onde havia reuniões e se tramavam coisas varias.

Os fogueiros da companhia do gaz eram os encarregados por «alguem» de levar os marinheiros a comprometterem-se, revoltando-se para servir os interesses d'um determinado grupelho politico.

A ser assim, a coisa toma proporções revoltantes e não pode nem deve ficar sem um rigoroso inquerito que apure responsabilidades.

Não se desgraçam impunemente, ao

sabor de conventuculos mesquinhos, sem auctoridade e sem prestigio na opiniao, uns centenares de marinheiros ignorantes e ingenuos. E' uma barbaridade e uma vileza.

Terá o sr. João Franco força para responsabilisar, como deve, os seus auctores? Duvidamos. Ha quem acredite e affirme que alguma coisa se fará nesse sentido. A cautella o *amarreiro* politico do *Dia* está vernuissimo. O sr. Apoiou já envergou o seu celebre traje de *sansculotte* e prepara-se para reeditar as celebres canções da Yvette.

O expediente, porém, é velho, e d'esta vez não surtirá effeito. Continue s. ex.º entoando a plenos pulmões a sua antiga aria, do tempo em que o mesmo *Dia* preconizava a interdicção do parlamento aos republicanos.

Então, o admiravel Frégolicantava:
— Oh, Richard! oh! mon roi!...
Aconselhamos-lhe que prosiga.
Talvez elle se commova...

Timido.

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Critica anarchista

-1-1-

A proposito da conferencia realisada pelo sr. Dias Ferreira no Centro Republicano Academico, *A Era Nova* estende-se em considerações criticas de sabor accentuadamente sectario, como tudo o que sabe da diminuta egreja libeitaria d'este paiz, sobre todos os regimens politicos, alerindo-os, sob o ponto de vista da concessão de liberdades, uns pelos outros.

Está plenamente no seu direito e mal de nós se iam agora notular e corrigir todos os erros de doutrina e todos os vicios de logica que presidem ao raciocinio e á argumentação no campo anarchista, d'onde se vê os republicanos com irritação tão feroz que nós nem sabemos como ella se pôde produzir em almas tão candidas e sinceras.

Não, que não nos chegava o tempo nem o espaço para isso, tanto mais que os nossos interessantes libertarios concentram a sua preocupação combativa no systema republicano, no ataque pessoal aos republicanos, deixando em paz os governos da monarchia, e todos os factos d'onde se poderia tirar razão para censuras justissimas a esse regimen que, aqui lh'o communicamos! é o que vigora em Portugal.

Já estamos, de resto, habituados aos seus arremessos de neurasthenia hyper-revolucionaria, que nos deixam absolutamente tranquilos e serenos tal é o encanto de ingenuidade inoffensiva que d'elles irradia.

Queremos, no entanto, explicar que o nosso applauso á affirmacão do sr. Dias Ferreira de que a lei de 13 de fevereiro foi feita para *numa noite ou num dia metter na cadeia todos os republicanos de Lisboa*, derivou da sua verdade por todos nós sentida.

Os anarchistas da nossa terra, reduzi-

dos e pacificos, não podem ter a pretensão de que essa lei traçoefira se originasse no temor que elles infundiam ao Poder, tanto mais que pela sua orientação systematicamente anti-republicana a maior parte dos anarchistas implicitamente o secunda e favorece.

O intuito da lei, como foi explicado pelo sr. Dias Ferreira, foi attingir aquelles que mais terrivel ameaça, que mais immediato perigo representavam para a monarchia, abalada nos seus fundamentos pela propaganda persistente e pela acção revolucionaria dos republicanos.

Muitos operarios teem cabido sob a sua alçada e sem se perguntar qual a *nuaça* revolucionaria a que pertencem, o nosso protesto sempre se tem feito ouvir muito energico e muito sentido.

Os anarchistas levados perante os tribunaes, incursos na lei de 13 de fevereiro, foram defendidos por advogados republicanos e por jornaes republicanos que chegaram a crear em torno d'elles a atmosfera de sympathy que elles muito bem mereciam e para elles reivindicaram a justiça que lhes era absolutamente devida.

Não ha, portanto, um sentimento de egoismo ou de defesa propria a ditar os nossos protestos, mas simplesmente o principio de fraternidade que os nossos principios implicam.

Isto é para aquelles individuos que, alheios aos processos obstinados de critica que usam os nossos libertarios, a proposito e a despropósito dos republicanos, se pudessem impressionar por injustas palavras escriptas não por impulsos do coração que não lhes aconselha maldades, mas por obediencia aos preceitos fixos e estabelecidos d'um programma que tem obrigação de ser muito feroz para todos os burguezes!

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empreza editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

RAPSODIA

A Republica e o clero

Diziamos que a Republica e o clero são irreconciliaveis. Claro, enquanto o clero não limitar a sua acção ao cumprimento stricto das funcções religiosas. Enquanto o clero abrigar, não dizemos já sonhos de dominio temporal, porque esses sonhos estão d'uma vez desfeitos, enquanto abrigar velleidades de influencia politica, o clero será a enorme muralha que é preciso derrubar porque para além d'essa muralha é que está a vida livre, a terra fertil, a solidariedade dos corações e dos espiritos.

Isto não quer dizer — expressamo-lo para cortar pretextos a interpretações malevolas — que a Republica terá de perseguir *manu militari* homens, ideias ou crencas. A Republica é principalmente um regimen de educação e de discussão. Será educando e discutindo que a Republica preparará o terreno para a abundante colheita. E' preciso derramar ás mãos cheias a divina semente. E' preciso convencer toda a gente de que a Republica não é o assassinato, a pilhagem, a desordem. E' preciso gritar a toda a força dos pulmões que a Republica não é em verdade a ordem mantida pelas armas, mas é a ordem mantida pela lei do povo pelo povo. A Republica é um regimen de tolerancia. Mas, precisamente porque o é, na Republica o clero de forma alguma poderá ter a influencia politica que tem nas monarchias. Influencia clerical querera sempre dizer intolerancia. Porque as ideias religiosas são sempre as que mais empregadoramente tomam as faculdades de reflexão e critica e mais facilmente des-cambam no fanatismo, as ideias religiosas, sejam quaes forem, toda a vez que triumphem e se imponham como conquistadoras e dirigentes, sobrepôr-se-hão sempre a toda a especie de considerações de moderação, de concordia, de tolerancia, e procurarão sempre subordinar os actos publicos e particulares mais obscuros, menos impressionaveis, á sua carreira triumphal e á manutenção do seu triumpho. Sempre. Por isso o clero não terá com a Republica a acção, se não já predominante, ainda importante, que tem na politica monarchica.

As monarchias julgam o catholicismo um freio ás reivindicações populares. Cruz e espada é o symbolo supremo. O catholicismo, entretendo as massas populares com todas as formas de suggestão, não lhes deixa tempo nem logar á intervenção e fiscalisação dos negocios publicos. Por outro lado, o catholicismo, mantendo na ignorancia e na inacção essas massas, e exercendo sobre ellas a influencia que sempre exercem sobre os ignorantes todos os prégadores do mysterio e do dogma, é realmente não só um impedimento á propagação das ideias democraticas, mas um verdadeiro sustentaculo das insituições. E ainda sobre tudo isto, pesa nessas massas o prestigio que advem á Igreja da sua existencia vinte vezes secular. Poderá dizer-se até que este prestigio é a maxima força, hoje, do catholicismo.

O clero e a monarchia dão-se as mãos, porque se precisam mutuamente. São duas mentiras, e as mentiras são como estes blocos de tijolo que sómente se sustentam no ar porque estão bem justapostos e bem argamassados. Ha entre as mentiras a mesma afinidade que entre todos os corpos. Perdura melhor

um montão de mentiras do que uma mentira só. Para desfazer uma mentira bastará o sopro d'um homem, para varrer um montão d'ellas é indispensavel o esforço de gerações. O clero e a monarchia formam uma liga e para a decompor ou para a fadir ainda não se conhece o grau de tempera sufficiente.

A Republica, porém, sendo, como diz Mazzini, um regimen d'educação, não precisará já do clero e terá a suprema ventura de dispensar-lhe os serviços... A Republica terá como o mais alto fim, sob pena de negar a sua missão, a educação do povo. As teias d'aranha que ainda lhe difficultam os movimentos, as folhas secas que ainda lhe batem as faces, as nebruras que ainda lhe embaçam o olhar, tudo isso a leitura esfrangalhará, pulverisará, e de tudo isso só ficará a memoria d'uma poeira venenosa que um bom vento levou para longe.

A Republica não quer vadeias nem freios. Quer os pulsos e as bocas livres.

Antonio Granjo.

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a *cobrança das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fuzza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.*

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

sucenas que se abrem dentro d'um vaso, e que o enchem.

De noite, nos tombadilhos, embrulhados nos seus mantos esburacados, deitados entre as cordagens, aos embalos das marés, enquanto os pilotos, silenciosos, seguiam com os olhos as viagens immensas das estrellas, e todo o mar enorme se amollecia como um seio cansado, elles contavam em voz baixa, com as cabeças juntas, as historias de amores, os torneios, as aventuras, as serenatas, e a vida da patria.

E escreviam poemas, cantatas, sonetos, farças, comedias e alegrias.

E para vestirem o sentimento fecundo, forte, cheio do sol e do mar, tomavam a forma popular.

Estavam longe da Europa, das plasticas da Italia, dos renascimentos gregos e romanos, das antigas formas rituaes, das educações classicas.

Não conheciam isto.

Mas lembravam-se sempre das cantigas da patria, das lendas heroicas, dos romances populares, que elles tinham ouvido pelos campos, com que os velhos embalavam o netos, que se cantam de noite ás estrellas por Sevilla e por Granada e que os mendigos diziam pelas velhas pontes dos godos e dos arabes. Porque o povo na Peninsula, tinha uma poesia, sua exclusivamente, que cantava nos trabalhos, com que adormecia os filhos, em que escarnecia os alcaides e celebrava os heroes.

Fazia d'aquella poesia um uso sagrado: era a sua consolação, o grande leito mysterioso onde adormecia as tristezas: era alli que procurava confortos, recompensas, e as ideias da patria.

No Norte, a poesia popular foi a Invisível que levou, pela mão, os trovadores, filhos das glebas, até ás lareiras dos senhorios feudaes: foi o primeiro suspiro de amor que os pobres poetas da população, mysticos e sensuaes, soltaram para as brancas castellas que entreviam nos torneios, cobertas de pedrarias; ou passando de noite, brancas, ás estrellas, pelos altos terraços; ou entre as arvores, ao entardecer, quando as ogivas, cheias do sol obliquo, estão flamejantes como mitras.

E as castellas abriram os braços para os poetas tristes, indolentes e cheios do paraizo. Admiravel influencia da poesia, que produziu, pelo amor, um renascimento social!

Mas a poesia da Peninsula era unicamente do povo: era a epopeia austera do Cid, exterminador de mouros, e de Bernardo del Carpio, exterminador de barbaros. Na Peninsula, o povo estava sob uma condição especial; tinha uma importancia não estado forte, fecunda e soberba: a Peninsula tinha passado os primeiros annos da sua constituição nas luctas terriveis do forte Mahomet e do Christo mystico; ora o popular da Peninsula não era um servo, era um christão; consagrado pelos baptismos, era uma for-

ça individual, que impellia e dissolvía o elemento mourisco, sensual e poderoso.

Ora foi sob a forma popular que aquelles batalhadores e poetas, que vão hoje tomando a vaga attitude da legenda, escreveram os seus poemas, as suas cantatas, as suas comedias e os seus sonetos.

Enão toda a litteratura peninsular tem uma originalidade profunda, independente de formas e ritos: a arte, o drama, a poesia, siem das tradições populares, do clima, do sol, de todas as vitalidades meridionaes: isto quando pelo resto da Europa todas as nacionalidades esqueciam as suas tradições, a sua historia, a sua velha alma, para se envolverem nas formas antigas. Era a Renascença. Então apparece o theatro hespanhol, original, cavalheiresco, energico, apaixonado, cheio de selvagens palpitações, de lances, de religião: theatro onde a cruz é um personagem; onde fallam lacaios, heroes, santos, ventos, galeões; onde todas as formas da vida se confundem — o riso, o choro, a ironia, a satyra, o madrigal...

Depois uma pintura mystica e sensual: não é a espiritualisação da alma, é antes a immortalisação da carne, inspirada d'aquelle mysticismo hespanhol, que sob a influencia da natureza, do clima, da politica, da raça, parece mais cheio das tragicas iras de Jehovah, do que das doçuras de Jesus.

Depois uma musica, como a do *Dies irae*, obra dos terrievis dominicanos: um

poema de morte: uma das maiores agonias da alma: musica ascetica e flamejante, onde a natureza apparece, tragica e desgrenhada.

Uma arte onde se torcem todas as chummas do inferno, e todas as pedrarias dos paraizos catholicos, que parece uma lucta tragica e comica da vida e da morte; uma egreja cheia de renunciamentos mysticos, mas onde o mysticismo parece mais um desespero de não poder saciar-se dos bens do mundo, do que uma aspiração a poder faltar a alma nas contemplações divinas: uma defeza do catholicismo, tragica e apaixonada: um amor sublime pelos despoli-mos e pelos sacerdotios: confusão dos imperadores com os santos e das cordas de metal com as cordas de luz: uma vida superabundante: ascetismos ferozes e onde o sentimento mais apparente é o rancor.

Ao mesmo tempo uma austeridade monastica em tempo de guerra: caravelas que partem, sem cartas nem roteiros, sob as simples indicações das estrellas: quasi, por vezes, uma reconciliação apparente do Mahometanismo e do Christianismo: uma paixão avara pelo dinheiro: o elemento da intriga que quer entrar na politica, vindo substituir o elemento da força: combates cavalheirescos com a Europa visinha. Depois um sol ardente: um sangue exigente: uma carnacão soberba: ao longe a America e as Indias como um paraizo de oiros, de metaes e de soberanias.

Tal é o aspecto mais geral da Hespanha nas vespers da Renascença.

E' dramatica aquella vida.

Não admira, por isso, que a forma suprema da sua arte — fesse o drama.

Em Portugal, não é este rigorosamente o fundo do genio: ha mais serenidade na força: o caracter portuguez é mais parecido com o caracter italiano: os nossos sabios, os nossos viajantes, os nossos descobridores, tinham mais a lucidez do tempo de Galileo do que a fé do tempo de Dante: as navegações são prudentes: por isso Portugal não resistiu nada á influencia italiana. O renascimento da antiguidade, a serenidade plastica, a frieza classica: acclimam-se na Hespanha, mas com dor e com lucta: foi necessario que a Hespanha já não acreditasse na sua epopeia cavalheiresca e que Cervantes começasse a fazer trotar, pelos caminhos, o magro D. Quixote.

Em Portugal não: o genio antigo acclimam-se: transformou-se mesmo: perdeu o elemento vital e fecundo — e ficou-lhe o elemento rhetorico.

Oh Arcadia! Oh moços pastores e burguezes! Oh classicos!

EÇA DE QUEIROZ.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne*, *Galand*, *Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com alrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empresa Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empresa Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 11 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 29 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Um pedaço de historia . . . do sr. João Franco

A historia é a mestra da vida, é costume dizer-se, e é a ella que se vão buscar as leis da evolução dos povos e a explicação das causas e dos motivos que nos conduziram á situação social do momento em que nos encontramos.

Isto, que respeita aos factos, entende-se tambem com os homens. E assim, nós vemos explicadas na historia dos homens publicos de todos os paizes as determinantes das suas attitudes, da sua influencia e das suas transformações. Thiers, por exemplo, foi monarchico, mas diante da situação da França, dos acontecimentos produzidos que o fizeram reconhecer que a monarchia era uma causa irremediavelmente perdida, por seu proprio interesse, que nesse instante coincidia com o interesse e com a salvação da patria, fez-se republicano. Era um homem habil que sabia adaptar-se, como bom politico, ás circumstancias do momento, e, se levou para a historia o stygma indelevel da responsabilidade dos morticínios da communa, a justiça sabe destacar no meio das suas paginas manchadas a sangue, as claras intermittencias do seu esforço salutar e fecundo.

Tem-se dito para ahi que se não deve citar o que fez o sr. João Franco a quando do seu execrando consulado que vai de 1893 a 1897, visto que elle já chorou aos pés do povo opprimido, principalmente por suas leis, as lagrimas d'uma contrição sincera.

Não somos da mesma opinião; e entendemos até que é conveniente invocar as circumstancias em que o sr. João Franco, na epileptica arrogancia do seu gesto de tyranno, executou a sua repugnante obra liberticida e enumerar depois, pelo menos, os pontos mais accentuados de oppressão e de violencia que a distinguem e recommendam ao odio dos cidadãos.

Quando mais não seja é um pedaço de historia constitucional que ali fica, a tornar, pelo confronto, mais evidente e mais admiravel, o arrependimento e a regeneração d'um homem que parecia, por predisposição organica, irresistivelmente talhado para as attitudes violentas dos governos *à poigne*, como o d'aquelle Polignac, que foi ministro d'um rei de França que tambem se chamou Carlos, e que uma revolução constitucional atirou para os melancolicos desesperos do exilio!

As circumstancias em que o sr. João Franco subiu ao poder em 1893, são quasi as mesmas do presente momento em que outra vez toma conta d'elle.

Se havia então uma monarchia fallida, dissipadora, desacreditada, necessitando absolutamente de explorar para subsistir e de opprimir para se defender, diante da onda

crecente de indignação que avassallava as almas pelo seu viver immoral e do repudio consciente dos espiritos pelo reconhecimento da sua falta de logica, essa monarchia vigora ainda mais fallida, mais dissipadora e mais desacreditada do que nunca e tendo na sua frente perigos mais temerosos a vencer e dificuldades, porventura insuperaveis, a esmagar.

O sr. João Franco deve conhecer bem a situação e reconhecer, pelas manifestações e pelos protestos da opinião, que, se transigir com o rei é perder-se no conceito publico, transigir com as exigencias e as reclamações justas da mesma opinião é perder inevitavelmente a monarchia.

E o sr. João Franco não constituiu governo para perder quem, por virtude da sua confiança, lhe conferiu esse encargo ha tanto tempo ambicionado do fundo d'um ostracismo desolador, que mesmo não lh'o consentia o rei que tem, pela carta constitucional, a faculdade de despedir ministros como quem despede laçaios!

Nestas condições, subsistem as causas, porventura aggravadas, que determinaram o sr. Franco a governar da maneira por que governou então e por que tem governado todos os politicos que a monarchia tem ao seu serviço para este trabalho pavoroso de deshonra e perdição nacional.

Para ser mais completa a analogia, o ministerio de 1893, em que entrava o sr. João Franco, constituiu-se no meio de promessas effusivas de respeito pelos direitos individuais e de veneração pelas liberdades publicas e, como garantia do seu cumprimento, apresentava a figura honrada de Bernardino Machado.

Não tardou muito que elle sahisse do ministerio para não pactuar com os processos vergonhosos de tyrannia e repressão que o governo, para manter-se no poder, teve de adoptar e que se iniciou com a dissolução da camara dos deputados onde havia representação republicana.

Depois vem tudo o que o sr. João Franco fez para engrandecer o poder real e consequentemente diminuir as garantias e as liberdades dos cidadãos.

São d'elle as leis de policia que nos põem á mercê e á discrição dos esbirros; é d'elle a lei de 13 de fevereiro que, como afirmou o sr. Dias Ferreira, foi feita para, *sem crime, sem prova e sem sentença*, metter na cadeia todos os republicanos de Lisboa; é d'elle o codigo de justiça militar que introduziu na legislação portugueza a pena de morte para os crimes politicos; é d'elle o codigo administrativo que contem a garantia de impunidade para os agentes da auctoridade que delinquirem e abusarem no exercicio das suas funções, pois que o seu processo é dependente de auctorização do poder executivo; é d'elle o acto adicional de 1895 que poz exclusivamente nas mãos do rei a nomeação dos pares do reino; foi elle que iniciou, mesmo contra a

lei, a censura prévia para os jornaes, e que dissolveu os centros democraticos e as associações commercial e dos logistas; foi elle, emfim, que accentuou o sentido regressivo das nossas leis concentrando na corôa, que queria bajular, o maximo de força despotica a ponto de não haver hoje uma unica violação de direito que não tenha fundamento legal!

E' este homem que está no poder e o assumiu, sabendo que tem de se sujeitar ás imperiosas determinações d'um soberano que não admite hesitações no cumprimento das suas ordens dadas d'harmonia com as suas conveniencias e os seus interesses que tem de ser mantidos a todo o transe, contra os interesses do paiz e contra as reclamações da opinião.

Só temos a esperar, agora, que elle caia agarrado ao poder que tanto serviu e de que será a ultima figura, pois o sr. João Franco é que está encarregado de representar o ultimo acto da monarchia em Portugal.

CARLOS OLAVO.

ECHOS

A primeira nota

O sr. João Franco inaugura o seu consulado com duas prohibições: a da chamada Festa de Maio, de distribuição de premios nas escolas, e a do congresso pedagogico nesta cidade.

O pretexto apresentado para a primeira prohibição foi a falta de verba para as respectivas despesas e estar esgotada a do fundo da instrução primaria, por onde ellas deviam ser feitas; e o fundamento da segunda foi o facto do congresso não submeter o seu programma ao conselho superior de instrução publica, como é de disposição da lei.

Quem conhece o feitiço politico do sr. João Franco, a sua pathologica tendencia oppressiva, assignalada já numa obra odienta de intolerancia e despotismo, quem se não deixou, ingenuamente, embair por declarações de arrependimento hypocrita, por promessas de liberalismo impossivel dentro da monarchia, certamente que se não espanta com estes primeiros actos revoltantes do seu governo.

Os senhores sabem perfeitamente que, para passeios de luxo, para representações da corte em casamentos reaes, se abrem creditos especiaes de quantias consideraveis e até se não abrem creditos nenhuns entrando-se escandalosamente nos dinheiros da nação, a ponto de se confundirem os erarios para satisfazer a vontade, os caprichos, os negocios de creaturas gradadas d'este reino, e só agora, diante d'uma despesa insignificante para uma festa util pelo que implicava de estímulo instructivo, é que é todo o prurido de honestidade e todo o escrúpulo de economia.

E o congresso pedagogico, reunião dos pobres, honrados e prestimosos funcionarios do paiz a que anda ligado o progresso e o levantamento moral do povo portuguez e que devia portanto ser facilitado pelos poderes publicos, é prohibido por se não sujeitar ás disposições da lei, quando o sr. João Franco para constituir o seu proprio ministerio violou a Carta Constitucional, elevando a ministro um homem de negocios austriaco que andou numa contradação de nacionalidades por virtude dos seus proprios interesses e que não possui, portanto, as condições de patriotismo exigidas para haver devoção pela causa

nacional, num momento perigoso e angustiado da sua vida.

São os primeiros symptomas do inevitavel despotismo franquista e tambem os primeiros momentos da sua irremediavel fallencia!

Andar com sorte . . .

Na sexta-feira iamós nós pela Estrada da Beira, no nosso passeiosinho hygienico, fazendo o chylo do jantar, quando encontrámos o sr. Affonso de Bragança que vinha num trem com outro sujeito, naturalmente seu ajudante. Até aqui nada ha de notavel.

O que é verdadeiramente extraordinario, o que ainda nos custa a acreditar, é o não termos sido atropellados! Talvez fosse por o condestavel não ir a guiar. . .

Em todo o caso sempre é ter sorte. . .

Cheliques

A sr.ª D. Amelia d'Orleans em seguida á manifestação do Campo Pequeno, segundo dizem chronistas, teve varios desmaios.

O sr. Hintze Ribeiro depois de despedido do poder, soffreu tambem intensos deliquios nervosos.

E' um bello symptoma, porque da generalisação da doença é provavel que saia o derradeiro e fatal chelique da monarchia!

O verdadeiro motivo

Querem saber qual foi o verdadeiro motivo da prohibição da festa das Escolas? Foi o sr. D. Carlos, que é, aliás, valente como um boi, não querer sujeitar-se ao risco d'estas festas publicas, onde, ás vezes, se produzem manifestações contrarias a pessoas que tem de ser populares por obrigação profissional.

E ainda vinham com a cantiga da falta de verba, os farçantes do franquismo.

Protesto

A Associação Commercial de Coimbra enviou ao sr. João Franco um telegramma, protestando contra a prohibição da festa escolar e do congresso pedagogico e pedindo simultaneamente que não fosse mantida tal prohibição.

Ora isto passou-se no dia 25 e, como até hoje não veio ordem para ser dissolvida esta associação, começamos a acreditar em que o sr. Franco mudou realmente. . .

. . . da opposição para o poder. . .

Uma campanha

Alli dos lados da *Folha de Coimbra*, um impedido não sabemos de que illustre official do 23, desde que o franquismo subiu de cotação começou a forjar sandices contra o sr. commissario de policia numa ancia doida de apanhar o logar.

Ora nós não temos procuração do sr. commissario para o defender, mas sempre nos quer parecer que a população de Coimbra está melhor servida com o sr. capitão Aguiar do que com o sr. Freitas, capitão.

Emfim, os collegas do Ruivo da Sophia dirão a ultima palavra.

Manifestação

O sr. Franco liberal entrou positivamente com o pé direito no ministerio do reino.

Quasi não se passa um dia em que os jornaes não noticiem uma manifestação ao sr. João, com morras á lei de 13 de fevereiro.

O povo sabe que estes gritos são agradaveis ao presidente do conselho depois que S. Ex.ª se declarou muitissimo liberal, e é por isso que não perde occasião de se manifestar d'esta maneira.

O que é um homem contar com a opinião publica!

Additamento indispensavel

O nosso presado collega da Figueira da Foz, *A Vos da Justiça*, num artigo sobre o governo franquista diz o seguinte:

«Mas o sr. João Franco, como todos os estadistas afastados do poder, é obrigado, desde que a elle volta, a esquecer os seus programmas e as suas promessas, porque acima da sua vontade outro poder mais alto se levanta.»

— Mais alto e mais gordo. . .

No Mundo

Este nosso querido collega appareceu agora notavelmente melhorado.

Todos os que conhecem a obra profundamente revolucionaria d'este nosso collega sempre em lucta aberta com todos os que têm conduzido este paiz ao estado triste em que se encontra, devem regosijar-se com a justiça que o povo vem a fazer-lhe procurando-o, promovendo assim o seu engrandecimento para bem do partido republicano que é tambem o do povo portuguez.

A França Borges os nossos parabens.

Efeitos do tabaco

Dizem jornaes que a doença do sr. Hintze é devida a uma intoxicação de tabaco.

Isto sem ter fechado o contracto; imaginem os senhores que o sr. Hintze o concluiu: era morte certa.

Que as grandes alegrias tambem matam.

O caso Schroeter

A proposito d'esta questão que está sendo justamente debatida na imprensa e que já é hoje do dominio publico pelo vivo interesse que tem despertado, alguns dos jornaes do norte registaram boatos de que a Academia de Coimbra, num impulso de patriotismo, ia protestar calorosamente contra a entrada d'um estrangeiro no actual gabinete.

O *Primeiro de Janeiro* foi um d'esses e logo o *Diario Illustrado*, por certo sossobrado com a noticia, appareceu officiosamente a desmentir-la, fazendo insinuações nestes termos:

«Ora os taes boatos de manifestações em Coimbra obedecem apenas ao proposito evidente de desconsiderar os estudantes da faculdade de Direito fazendo suppôr que elles a respeito de jurisprudencia estão tão atrazados. . . como certos jornalistas de Lisboa, que querem por força que o facto de um portuguez desnecessariamente se ter naturalizado portuguez, o torne estrangeiro de nascimento, embora isso atire pelos ares artigos da Carta Constitucional e disposições do Codigo Civil.»

São estranhas estas considerações do *Illustrado*, porque, quanto a Academia não se tenha ainda reunido para collectivamente deliberar sobre a attitude a tomar perante o caso Schroeter e afirmar o seu modo de ver, em todo o caso nos logares habituaes do cavaco tem-se discutido a questão e em quasi todos ficou a convicção de que o actual ministro da fazenda, *estrangeiro naturalizado*, não pode permanecer na situação em que se encontra por lhe ser absolutamente prohibido pelas leis fundamentaes.

A nossa contribuição no debate levantado pelo caso Schroeter é

desnecessaria, dada a persistencia e a justiça com que alguns jornaes de Lisboa o têm encarado.

Mas o Illustrado enten leu dever lisongear os academicos da faculdade de Direito, julgando certamente que este estariam d'accordo com os seus juriconsultos, aliás muito habilidosos.

Puro engano. Desde o começo da discussão, que nós temos acompanhado com cuidado, o Illustrado tem dado — permitta-nos a franqueza — o que nas escolas se chama um verdadeiro astenderete. Toda a sua argumentação revela o proposito imperdoavel de illudir, de embullhar por meio de subtilezas e sophismas fastidiosos uma questão que é de dignidade nacional, uma questão de patriotismo, e, portanto, d'uma alta importancia, cuja solução não pôde nem deve demorar-se.

A teimosia do orgão do sr. João Franco é de todo insensata. No entanto esperamos que o presidente do conselho ha de dar-se por vencido. E aqui dec'a amos bem alto, se não em nome de toda a Academia, pelo menos exprimindo o sentir dos estudantes republicanos que formam um nucleo forte e consideravel — que ao primeiro movimento que se manifeste no paiz nós daremos o mais energico apoio para que seja dada immediata satisfação á nação afrontada nos seus bríos, na sua honra, na sua dignidade.

De Lisboa

27 de Maio

Que calor, amigos! Decididamente a entrada do sr. João Franco nos conselhos da corôa, que, segundo dizem os seus entusiastas, veio «segurar as instituições abaladas» exerceu tambem uma influencia meteorologica apreciavel e «segurou o tempo!» Isto marca trinta graus á sombra!

Faz sonhar no fresco que deve estar na Siberia e pensar nos tormentos do sr. Alpoim com tal temperatura. Muito pó d'amido deve gastar o chefe dos dissidentes, no verão!

Com esta calma a politica tambem se acalma. Hontem, no centro regenerador-liberal Mello e Sousa, houve, no emtanto, «o grande acontecimento da epoca, a apresentação da companhia franquista, o extraordinario successo oratorio e politico», é entrar meus senhores, é entrar, sete liberaes em alta escola...

E então, hein?! Não estava eu agora a julgar-me na feira d'Alcantara! A razão foi a leitura do Illustrado d'hontem. Ficou-me o estylo da conspicua folha da Travessa da Queimada que embandeirou em arco, em signal de regosijo. E o caso não é para menos. O programma franquista é uma

coisa unica, uma panacéa universal que salva o paiz com toda a certeza! A critica, não me compete a mim faze-la e por isso limitar-me-hei a contar-lhes um dialogo que ouvi hontem entre um franquista que sahia da sessão, rubro d'enthusiasmo e de proselytismo e um amigo a quem elle queria converter á sua fé.

— Isto é que é um liberal, ó compadre! Que diz você ao programma? — perguntava, radiante, o adepto do sr. João Franco.

E o outro, com um sorriso sceptico:

— Homem, isto de a gente fiarse em cantigas...

— Qual cantigas? — urrava o primeiro — Você verá o que vai haver... O nosso chefe assignou uma letra, como disse o Luciano Monteiro... E paga-a, você verá que a paga, que para mais tem com quê... Liberdade e mais liberdade! Tudo, tudo livre, nesta terra!

E, rubro d'enthusiasmo, enumerava as liberdades todas que a cornucopia franquista vai entornar beneficentemente sobre o paiz.

O outro abanou a cabeça incredulo e tornou:

— Eu, por mim, só acredito que elle deixe livre uma coisa...

— Qual é?

A resposta do compadre sceptico não a ouvi porque foi segredada baixinho ao ouvido do franquista.

Só reparei que este ficou um momento entupido e respondeu:

— Isso é livre desde o principio da monarchia... Desde D. Affonso Henriques, compadre!

E o outro, immensamente sceptico:

— Pois é a unica liberdade em que eu acredito...

Deixo aos leitores da Patria averiguar o que seja. Cá por mim desisto, que o calor não vai para charadas.

E até á semana, se fizer mais fresco...

32 á sombra! Pobre senhor Alpoim, deve estar assadinho de todo!

Timido.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correlo ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a flicza de satisfazer os seus reebos, logo que lhes sejam apresentados.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

lario, que o musgo ia cobrindo. Nas plantas, nas clematites, nas trepadeiras que o cercavam, havia um murmurio como de vozes distantes que contam felicidades perdidas. A pedra escura e molhada do banco tinha a tristeza das pedras do cemiterio, á luz consoladora, purificadora e branca, que cae dos céus outonaes.

Agora, sobre aquelle banco, dorme estirada a grande luz do sol, e á noite o luar, porque já não ha naquella casa namorados contemplativos que venham, de noite ou á sesta, despertar, para se poderem sentar alli, aquelles dormentes de luz.

Aquella casa abandonada faz lembrar amores mysticos: e, quando se vê á luz dolente do escurecer, faz subir do coração como um sabor de beijos amigos e esquecidos.

As arvores erguiam, em attitudes violentas e propheticas, os seus braços nus, engelhados, supplicantes para o frio azul, esperando, no entorpecimento, a fermentação violenta das seivas. Os ramos frios e nitidos deixavam passar indifferen-

O programma do sr. Franco

Apenas o sr. Franco tomou conta do governo os jornaes franquistas annunciaram a proxima apresentação do programma governativo dos regeneradores liberaes cheio de largas reformas politicas e economicas.

Reclamava-se o caso de maneira que os correligionarios do sr. Franco olhavam-nos de modo tal que quasi chegámos a entristecer pelo desfazer das nossas aspirações revolucionarias ante a quantidade de coisas que se prometiam e que ameaçavam atastar para um longiquo futuro, a realização dos nossos principios na terra portugêsa.

Por toda a parte os arautos do franquismo proclamavam a boa nova, e para o paiz chegava finalmente a epoca de grandezza e prosperidades que a palavra redemptora do Messias da Beira annunciara aos quatro ventos, quando dos campos da opposição o actual sr. presidente do conselho promettia a observação stricta da lei, e a applicação de principios liberaes que S. Ex.ª adquirira já depois de velho com a cura das nevralgias, numa viagem á Suissa.

Mas chegou emfim o dia venturoso em que o povo ia saber o que tencionavam realizar os novos ministros, e positivamente veio-nos a certeza da proxima implantação da republica em Portugal pela fallencia completa de todos os partidos monarchicos e, consequentemente, da monarchia.

Com effeito o programma do sr. Franco, por liberal que fosse, não podia realizar-se a dentro das formulas monarchicas, porque o não consentiriam os privilegios e os preconceitos em que se baseia um regimen incompativel com as reivindicções do presente.

Por liberal que fosse, dissemos nós, e, assim fizemos porque nada encontramos nesse programma que seja uma satisfação completa e plena ás legitimas aspirações d'um povo que, neste seculo e na Europa, só encontra depois, em ordem de liberdades publicas, a Russia e a Turquia.

Assim o sr. Franco vem prometter-nos a substituição da lei de 13 de fevereiro por uma outra calcada na lei franceza, diminuindo apenas as penalidades que esta lei impõe, como se este facto bastasse para satisfazer os verdadeiros liberaes.

Não tem sido a substituição que se tem pedido; o que se tem reclamado, o que se reclama, é a annullação de todas as leis de excepção; o que se tem reclamado, o que se reclama, é a livre expansão do pensamento humano sem outras peias que restrinjam o livre exercicio d'este direito, que não sejam aquellas que impeçam a lesão de direitos de terceiros; e para isso bastavam as penalidades que os nossos codigos impõem.

Não é com uma lei calcada na lei franceza que o sr. Franco vem acalmar a excitação que no espirito publico tem produzido a applicação da lei de 13 de fevereiro e de todas as outras leis de excepção; só a revogação de todas ellas nos satisfaria a todos os que temos pela liberdade um culto que o sr. Franco é incapaz de sentir, como o prova o seu passado.

Sobre o juizo de instrução, o sr. Franco não o supprime nem o remodela, numa

satisfação aos sentimentos liberaes do povo portugêso, limita apenas as suas attribuições ás que tinha em 1893 e muda-o de edificio.

Positivamente muita fraca idéa faz o sr. Franco de todos nós, para assim vir fazer declarações d'estas com o mesmo ar que teria se estivesse disposto a fazer a revolução definitiva que ha-de levar de vencida todas as reformas do sr. Franco e dos outros.

Concede-nos representação no parlamento como se elle tivesse força para impedir que lá entrassem os legitimos representantes do povo, a dizer as palavras de justiça e de verdade que os do regimen não gostam de ouvir.

Não faz mais, afinal, do que confessar a sua impotencia, perante o alastrar vertiginoso da idéa republicana, para nos roubar impunemente nas urnas. Mas este facto consola-nos, porque representa o reconhecimento expresso da nossa força e do nosso poder.

Em materia de impostos o sr. Franco não diz que os não augmenta, e unicamente afirma que o governo julga nada se poder pedir mais ao paiz, sem previamente se assegurar d'um modo real a ordem na administração publica.

De maneira que o sr. Franco no dia em que tiver resolvido que a ordem na administração publica está assegurada, julgar-se ha no direito de augmentar ainda mais os impostos, como se não fosse um verdadeiro crime não os diminuir, conservando-os no estado actual. Demais, perante a crise que o nosso paiz atravessa, a verdadeira medida tributaria justa e equitativa, seria aquella que reduzisse o imposto e supprimissemos os impostos indirectos sobre os generos de primeira necessidade que tornam difficilissima a vida das classes trabalhadoras e preparam um campo perfeitamente adubado para o alastramento da tuberculose.

E sobre estes impostos de que o partido republicano tem pedido a supressão, o sr. presidente de conselho entende: — que não podem aggravar-se mais os impostos chamados do consumo.

Isto é, o sr. Franco não acaba com elles, não os supprime e nada promette, diz só que elles não podem ser aggravados.

Sobre o mais, idéas vagas, palavras para enganar o povo, e se alguma coisa ha de positivo como seja a affirmação de que será revogada a disposição que não permite que sejam julgados sem licença do governo os seus agentes, isto não pode, positivamente, dar ao sr. João Franco a aureola de que quer cercar a sua figura deselegante, porque afinal não faz mais do que o seu dever, se o fizer...

E, posto isto, aguardemos o dia em que o sr. Franco ordinar que sejam transferidos de Timor todos os deportados que a morte não roubou ainda, sublimes visionarios d'uma nova ordem de coisas que o sr. Franco não comprehende.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

desejos, todos cançados das luctas e da vida, dizem á natureza como gladiadores vencidos: — Os que vão morrer saldam-te!

— E morrem.

A vida e o seu supplicio é absorvida na insensibilidade da natureza, no silencio perpetuo, na força fatal e cega. E a materia vai pelos ares, pelas planicies, amolcece-se nas sombras, vivifica-se nos raios claros, é rochedo, floresta, torrente, fluido, vapor, ruido, movimento, estremeamento confuso do corpo de Cybele: e a materia sente a vida universal, a palpitação do átomo debaixo da forma, sente-se banhada pelas claridades suaves e pelos cheiros dos fenos, sente-se impellida para a luz magnetica dos astros e dilacerada nos asperos movimentos da terra. A materia tem a consciencia augusta da sua vitalidade. E assim, sob a tua impassibilidade, ha uma angustia immensa, uma vida ardente, impiedosa, uma alma terrivel, oh formidavel natureza!

A noite descia: caía de cima uma claridade lactea; pesava um austero e lento silencio; a larga brancura celeste era gloriosa; os pastores desciam com os

A nova camara franceza

As ultimas eleições em França foram — já o dissemos — a derrota completa, total, irremediavel, do nacionalismo e da reacção clerical e a mais alta affirmação das tendencias democraticas do povo francez.

Com a nova camara, a reacção nada mais poderá tentar contra a Republica, pois se encontra reduzida a uma impotencia absoluta, sob o peso formidavel do bloco, que dispõe de 237 votos de maioria.

A estatistica official dá, com effeito, o seguinte resultado:

Em 585 eleições (faltam os resultados da Martinica, da Guyana, da India e da Reunião), o bloco ganhou 411, sendo 132 pelos radicaes socialistas, 115 pelos radicaes, 90 pelos republicanos da esquerda, 54 pelos socialistas unificados e 20 pelos socialistas independentes. Ao bloco, a direita pode apenas oppôr 78 reaccionarios, 66 progressistas e 30 nacionalistas; total, 174.

Na camara precedente estes 585 fauteuils eram occupados por 119 radicaes socialistas, 96 radicaes, 83 republicanos da esquerda, 41 socialistas unificados, 14 socialistas independentes, 95 progressistas, 84 reaccionarios e 53 nacionalistas, — isto é, 353 partidarios do bloco e 232 membros da opposição.

Esta tem, por consequencia, na actual camara, menos 58 deputados do que na precedente, o que representa uma minoria total de 237 votos. Quer dizer, o governo, que conta com o apoio seguro dos radicaes e dos radicaes socialistas, pôde, num dado momento, passar sem o concurso dos dois grupos socialistas e dos republicanos da esquerda, dado que estes, o que não é provavel, quizessem seguir aquelles.

Quanto á situação social dos eleitos do povo, a nova camara comprehende: 120 agricultores, 119 advogados, 46 medicos, 30 industriaes, 29 jornalistas, 26 professores, 24 antigos magistrados, 26 antigos officiaes do exercito e da marinha, 15 antigos funcionarios, 12 procuradores, 11 homens de letras, 9 pharmaceuticos, 7 antigos diplomatas, 7 notarios, 3 banqueiros, 2 armadores, 2 veterinarios, 2 pintores, 2 padres e 1 corretor de bolsa.

De Fomalção

Dizem-nos d'aquella villa: «Ha um enorme enthusiasmo pelas festas que nos dias 13 e 14 do proximo mês de junho se realisam cá na nossa querida terra.

Os hotéis tem já tomados quasi todos os quartos e os particulares andam numa verdadeira lufa-lufa para receber os seus convidados.

Como sabe, as festas são esplendidas. Illuminações á moda do Miho no grande campo da feira, musica e mais musica, muito foguetorio e sobretudo o olhar gaiato das nossas lindas conterraneas.

Este ultimo numero do programma é excellent, não lhe parece, amigo?»

Só lhe dizemos que, se Deus Nosso Senhor nos der vida e saude, lá iremos caibir com os ossos na formosa e encantadora villa.

rebanhos lentos, balando; havia pelo ar uma bondade indefinida, uma virtude fluida: eu lembrava-me dos Elysios olympicos e mythologicos onde, na claridade, passam as sombras heroicas, serenas, brancas, leves, levadas por um vento divino. Claridades sem sol!

Eu ia escutando os passos da doce noite, que vinha caminhando. Ia-me afundando no tedio, como um navio roto numa maré do equinoxio. Enchiam-me a alma crepusculos brancos. Entrei no grande arvoredor negro. Aquellas horas, os lymphaticos, os innocentes, os mysticos, encontram nos arvoredos languidezas e elevações asceticas. Mas eu tremia entre a ramaria inquieta como um mar, mysteriosa como um firmamento: — tremia como um homem medroso que visse erguer-se um morto. Toda aquella negra decoração de ramos torcidos, de folhagens lividas, de silencio, enchiam-me de um terror profundo e trivial. A luz dissipada e transfiguradora do occaso dava aos troncos um estranho aspecto de luctadores, vindos do sangue e dos incendios;

Mysticismo humoristico

Voltei. E agora que as toutinegras emigram.

Andei pelos campos, neste ar desfallecido do inverno outonal.

Agora o azul está indolentemente bello. Tem quasi uma ironica serenidade. E' o azul intenso, frio, triumphante. Tem a luz, a belleza, a força, a ineffabilidade. Agora a luz enternecida dos campos arrasta-se pelas grandes aguas quietas e pallidas, onde o vento revolve e espalha á agonía das folhas.

Quando voltava, vi uma casa pequena, esbranquiçada, escondida entre as benções indolentes das arvores. Tinha a serena quietação de quem tem ouvido segredos extaticos, e era triste e religiosa como a entrada amarellecida de um convento catholico. Havia uma corrente de agua delgada que fazia claras murmuraciones, e era como o acompanhamento, natural e melodico, de uma ecloga latina. Entre as arvores estava um banco soli-

Pontos de vista

O Sr. João Franco... E a minha admiração é grande ao escrever este nome! Tão longe e afastado o meu pensamento d'estes homens da politica! Raro me interessam com a sua actividade glotonica, num revolucionar de desejos, mãos enclavilhadas a procurar amarra onde melhor se segurou.

Estes homens interessam-me só quando a historia já lhes tem tirado a andrajosa vaidade humana que os mitra, a morte tem apagado com seu gelido manto a voracidade ardente dos seus estomagos anciosos e a mão inflexivel do destino lhes tem parado o coração, onde corriam borboões de rubros desejos acirrados pela estupenda vaidade que os veste. A historia lima as rugosidades e abate as arestas asperas dos homens e dos factos, assim como as camadas atmosfericas sublimam a paisagem que a vista alcança a distancia.

Veja-se. A figura de Bismark duro e rigido, que ao pensar-se nelle logo surge a imagem d'um ago resistente e impenetravel, parece-nos hoje quasi familiar, quando lemos a vida onde recantos alegres, clareiras luminosas, se abrem, de bonhomias felizes, casos picantes, que a figura rigida dão um tom meigo de bom pae. Até a physionomia desgastada, onde os olhos claros abrem horizontes de meiguice, parece estar cançada de ser bô, de fazer o bem, sem que um traço a-pero assignale a face crua do canceller de 70. Pina Manique, o corregedor feroz, até faz rir as creanças. E é assim que eu os vejo quando toda a ancia de odios, dos mesquinhos e rasteiros sentimentos se evelaram para sempre com a sua morte. Os vivos, os de agora, se ás vezes os olho, porque um brado mais alto das multidões n'os tornou conhecidos, corro a observa-los com a mesma e idêntica curiosidade com que as creanças correm ás janellas a ver o homem dos sete instrumentos ou o homem do urso.

Eis o caso. Mas hoje, como se o urso, solto por momentos da grilheta que o peia, se arremessasse feroz sobre a multidão incauta e a creança transida de susto transmutasse em horror a face sorridente e rosea, assim eu de medo e susto pergunto ao meu espirito alarmado: onde chegarão as torrentes de odio? até que recantos socegados irão as ondas de tenebrosa maldade lançar o cachão furioso?

Mas agora vejam que já vou longo do assumpto. O sr. João Franco prohibiu os festejos escolares de maio.

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça. Irregularidades e muitas coisas com igual significação. Num governo de moralidade a mesma razão nivela todas as coisas. Mas as pessoas ingenuas perguntam — então porque fica esse triste caso, Schreoter, com roubo de documentos e escamoteações varias, a attestar a moralidade de funil do terrivel dictador?

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio? até que recantos socegados irão as ondas de tenebrosa maldade lançar o cachão furioso?

Thomas Vireloque.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

os sinos distantes eram como vozes indefinidas de miseria e de dor.

Passava um vento incessante e perseguidor. Os môchos voavam, e as aguas sonoras eram como vozes vingativas e trágicas. A lua, entorpecida, passava por defraiz da estacada de ramos. O vento era roncô e lento como um canto calholico de officios. E o gransar lento e arrastado dos côrvos parecia uma ladainha barbara de padres. As arvores doentias rangiam ao vento hybernal, o ar estava diaphano, lacteo e mortuario. As estrelas que appareciam tinham o olhar lacinante.

Cheguei á estalagem. Em baixo na lareira, um magro fogo lambia as fuligens. A luz do meu quarto tinha a lividez dos crios, e o espelho tinha reflexos pallidos, como de sombras mythologicas que passassem. Ouviam-se os lobos.

Lembraram-me então as outras noites, claras, doces, lentas, em que o ceu derrama somnolencias; então tambem eu ia por entre as arvores, e ouvia ondas sonoras de cantigas, que o vento fazia retinir atravez da bruma, entre o acre cheiro das efflorescencias. Aquellas vozes claras

A critica anarchista

A *Era Nova* responde com duas paginas de prosa que não contestamos que seja boa, ás ligeiras considerações que aqui fizemos procurando desfazer a impressão que poderia causar no publico a affirmação de que se a lei de 13 de fevereiro não abrangesse os republicanos, nós não só a não combatiamos mas até eramos capazes de applaudir a lei do sr. João Franco.

Era, como claramente se vê, uma affirmação offensiva que os proprios factos desmentem e que nós estavamos, portanto, no direito, para não classificar peior, de dizer que se tinha gerado no sectarismo dos anarchistas, que faz com que elles sejam, muitas vezes, injustos e impertinentes para quem não pertence á sua grei.

E citámos esses factos: os anarchistas incursos na lei de 13 de fevereiro defendidos por advogados republicanos que empregaram todos os esforços, com prejuizo até da sua saude, para os arrancar ás garras d'essa lei traiçoeira; os jornaes republicanos empenhados em criar em volta d'elles uma atmosfera forte e salvadora de sympathia e a reivindicar para elles a justiça que, aliás, muito bem mereciam.

E podíamos citar mais: nas conferencias e nos comicios contra a lei, nunca faltaram os oradores republicanos e até nas nossas reuniões politicas, tendo fins muito diversos, o protesto tem estalado sempre, vivo e sincero, exprimindo o desejo da sua revogação.

Mas como a ferocidade obrigatoria d'estes adversarios por seu proposito, que não pelo nosso, pôde argumentar que este procedimento é ditado por uma conveniencia egoista de deitar abaixo uma lei em cuja alçada nós podemos muito bem cair, dir-lhe-hemos que não faltámos nunca nas reuniões de protesto contra os crimes de Montjuich e Alcalá del Valle, sem termos probabilidades de ir parar ao lagedo das suas masmorras desesperadoras, nem de soffrir a tortura dos seus instrumentos inquisitoriaes.

E', portanto, um bom sentimento desinteressado que nos determina a pronunciarmos-nos sempre contra todas as leis e todos os actos lesivos de principios humanos e justos. E esse sentimento vive na nossa aspiração republicana que nos faz desejar uma republica generosa e fraterna, onde não caibam nem leis de excepção, nem restricções ao pensamento e que represente a verdadeira preparação para outras organizações sociaes mais perfeitas.

Nós fizemos a affirmação de que os anarchistas com a sua attitude systematicamente anti-republicana favoreciam implicitamente a monarchia, que ainda vigora entre nós. Vamos demonstrar-lo. A *Era Nova* naturalmente não tem a pretensão de ter no seu seio todos os anarchistas portuguezes, o que sobremaneira os reduzia e só uma pontinha de vaidade é que pode ter feito com que ella avocasse a si todas as allusões do nosso artigo.

No comicio republicano de 10 de dezembro, realisado em Lisboa, foi apre-

eram doces, santas, saidas de crystaes, como veladas por um luar. Eram como claridades sonoras de estrellas. Era uma multidão de formas divinas que assim cantavam, divindades feericas, willis, nixes, peris, fadas, que passavam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos. Aquellas nudezas celestes, filhas do fogo, flores do mal, ondas do ar, entrelagavam-se dançando nas obscuridades, que as scintillações estellares franjavam de pallidezas. No meio dos nevoeiros humanos, ellas faziam re-plandecer de nite dos olhos as visões paradisiacas, as creaturas sideraes de languidos mysticismos. Ellas iam naquelles enlaçamentos, brancas e loiras, cheias de lyrismo, com os pés vermelhos e magoados de terem pisado auroras; iam poisando nos jacinthos, nos myrthos, nas rosas barbaras cheia de sangue radioso; iam rolando sobre a brancura soluçante dos lyrios: é a sua voz triste subia, por entre o azul lacteo, para a lua chorosa.

Quando estava no quarto da estalagem, inerte como uma mumia, pensando nestas coisas, vi, repentinamente, atravez das vidraças, a lua apparecer-me.

sentada uma moção em nome do partido, fazendo, entre outras, as seguintes reclamações:

abolição, ou, pelo menos, redução dos impostos sobre os generos de primeira necessidade;

revogação de todas as leis e decretos chamados de excepção.

O que se esperava, o que se comprehendia era que todas as classes operarias, directamente interessadas, qualquer que fosse a nuance revolucionaria a que pertencessem, secundassem o partido republicano deseioso de ver, para utilidade dos pobres e dos trabalhadores, executadas as suas reivindicações. Pois um jornal anarchista occupava-se com largueza no seu numero seguinte, do comicio, combatendo-o e agredindo até pessoalmente alguns dos seus oradores. Se isto não é, ainda que involuntaria ou inconscientemente, fazer obra monarchica, nós não sabemos francamente o que seja.

E é ver, ainda agora, jornaes chamados libertarios cheios de insultos aos republicanos, rebuscando tudo o que possa servir de ataque aos regimens republicanos, sem uma allusão, uma censura, uma preocupação de combate á monarchia, que é a quem nós devemos a oppressão que nos esmaga, a degradação moral que nos avilta como povo, a exploração e o roubo que nos reduz á miseria e á fome.

Era uma modificação nestes processos que nós desejavamos, permitindo uma junção de todos os esforços revolucionarios tendentes a destruir o que está e que a todos prejudica, impedido o progresso que a ideia republicana fatalmente trazia e, portanto, o desenvolvimento do proprio ideal libertario.

Isto não quer dizer que queiramos fazer dos libertarios uma dependencia do partido republicano, mas que cooperemos todos, autonomamente e sinceramente, numa obra que a todos interessa e que elles parecem deploravelmente desconhecer.

Nós não temos a pretensão de responder com a miudeza e a extensão com que *A Era Nova* se nos dirige, queremos simplesmente pôr em foco os factos principaes que para uma polemica elevada e impessoal poderem ter utilidade. E por isso vamos terminar, accentuando que queremos mais alguma coisa do que fazer eleições e que ninguém tem mais ancia do que nós, de que se execute o acto revolucionario que decisivamente ha de implantar a republica em Portugal.

Mas entendemos tambem que o partido republicano deve, pela logica do seu programma e pela necessidade de lucha constante, não faltar nunca em todos os campos em que a monarchia lhe der batalha.

Foi a abstenção da lucha eleitoral que marcou esse periodo abtido e inerte que chegou a dar a impressão ao paiz de que o partido republicano estava morto e de que não podia, portanto, contar com elle.

O combate exercita e educa civicamente os cidadãos, avigora as crencas pelo enthusiasmo que se desenvolve, augmenta o partido pela propaganda intensa que se realisa.

Mas não era aquella pura e immaculada lua cor d'opala — que derrama brancuras, como se atravez do azul caissem lyrios. Era uma lua metálica, fria, hostil, material como uma moeda d'ouro nova. Ella apparecia-me mortuaria e livida como uma sombra finada, que se ergue ás grades de um adro. E o seu olhar, lancinante e rapido, estava cheio das minhas agonias.

Ora nessa estalagem encontrei um amigo, antigo camarada, que se finha feito saltimbanco.

Fez bem. Cançado dos pedantes, dos burguezes, dos ventres mercantis, dos imbecis afogados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços. Faz forças coberto de farrapos luzentes, engole espadas, dança farto de vinho como um Sileno. Dorme numa capa esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, á frescura das estrellas e sob a bondade dos luars.

As vezes tem frio e fome, e gela nuns calções feitos de veludillo e de galões d'ouro. Anda errante de villa em villa, e a população da lama admira-o

O facto de não assignarmos estes artigos, quer simplesmente significar o desejo de impessoalizar as discussões o mais possível, tanto que nem nos referimos á pessoa que era representada nas iniciaes que firmavam o artigo da *Era Nova*. Demais, tendo sido feita uma allusão affrontosa e injusta ao Centro Republicano Academico, a *Patria* que o representa na imprensa, defendeu-o no uso d'um direito indiscutivel.

Se *A Era Nova* não sabia fica sabendo que sendo necessario uma pessoa que assumia qualquer responsabilidade, aqui encontra-se sempre.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos do 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empresa editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Anunciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

IBSEN

1871

Morreu em Christiania no dia 23 de maio o grande dramaturgo Ibsen

Não podendo por falta de tempo fazer um estudo consciencioso sobre a obra de Henrik Ibsen, limitamo-nos a inserir no nosso jornal umas notas de carteira — podemos assim dizer — de caracter muito pessoal, de um dos seus grandes admiradores.

Notas soltas de um admirador de Ibsen

Terminei a leitura de toda a obra do grande poeta norueguês. Tive a sensação de quem sobe a uma alta serra, por um dia claro; e ali respira livremente.

— *Um dia claro!* A Verdade, a ancia de Verdade, é como um sol deslumbrante illuminando todo o vastissimo horizonte que se enxerga do topo d'essa montanha.

— *...E respirei livremente...* livremente porque me senti desacorreato de todos os preconceitos; amando a Verdade, a grande Verdade; com a aspiração enorme de lutar por ella, de a prégar, de a incutir em todos os corações.

— Senti então dentro de mim uma alma nova; o caracter engrandecido.

— Compreendi que só na Verdade reside a felicidade, a paz e a harmonia; — e enchi-me de tristeza e de revolta pela ignominia da mentira que grassa por toda a terra.

— Compreendi que o homem só é digno de ser homem quando lucha pela Verdade; — que só no seio da Verdade elle pode gosar a grande Alegria da Vida; — e que todas as vezes que d'ella se desvie começa por se trahir a si proprio.

— Vi como a inercia do pensamento deixa tantos cerebros recostados na almofada dos velhos preconceitos; — e tive vontade de os sacudir e despertar.

— E ainda mais. Vi como essa inercia faz o progresso recutar um passo por cada dois passos que elle avança; — e senti-me revoltado.

cingido do seu diadema de metal luzente. Dança sobre a corda, e os seus gestos e as suas musculaturas fazem soluçar de desejos as gitanas e as feiticeiras. Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?

Elle tem a multidão extatica e enlevada nos giros dos seus sapatos. E tem uma bem-amada de tranças tão compridas como os ramos de um chorão, e anelladas e fortes como negros pennachos de voluptuosidade; e a sua testa tem um reflexo de luar, de marmore e d'espelho; e tem um bello seio de formas barbaras.

Elle pula á noite, no circo alumiado, emquanto as loutinegras cantam nos cannavias. Elle faz girar vinte punhaes agudos em volta da cabeça, num circulo puro e sonoro. E a multidão, um dia, vendo aquelle diadema terrivel e fuscante, e o saltimbanco impassivel, grave, enfarinhado, sob aquella corôa de luz, tomal-o á por um idolo e fa-lo á igual aos deuses!

Elle, o meu saltimbanco, tem a alma de ouro e o coração de diamante — e ri-se, ri-se, quando o vento sóa como flauta do

— Foi o que produziu em mim a leitura da obra do Ibsen.

Foram todas estas verdades — tão simples mas tão grandes! — que exaltaram o meu caracter e me encheram a alma de deslumbramento; — e pensei:

— Se tivesse um filho fa-lo-hia ler esta obra e educa-lo-hia por ella.

Elle formaria o seu espirito de artista, e dar-lhe-hia a independencia de caracter que torna os homens bons e grandes.

— Ah! neste momento o sol brilha mais intenso dentro do meu coração; e sinto dobrada ancia de viver!

A obra do Ibsen deve ser lida em globo. Ao terminar algumas peças a impressão que me ficava era pouco intensa.

— Vista de longe e no seu conjunto, os entrecos desappareceram — e só ficaram os principios; desappareceram as situações e só ficaram os heroes.

— Mas esses tomaram proporções de colossos; e são esses colossos que eu tenho agora diante dos meus olhos. E' Ellida Wangel, Hiemar e Gina Ekdal, é Nora, é Rosmer e Rebeca, é Lonã, é Stockmann, é Bernich...

— E eu sinto-me arrastado para o seio d'esta grande familia, na ancia de viver a sua vida, na communhão d'aquellas almas fortes e na pureza d'aquellas consciencias.

— Cada heroe é um symbolo; — e porque são symbolos, tem ás vezes proporções desmesuradas, sobre-humanas.

— Em torno d'elles tudo se foi esbatendo, pouco a pouco, gradualmente. Só elles ficaram, firmes, altivos.

— Se quizesse fazer um trabalho sobre Ibsen bastava-me estudar os seus heroes.

Elles vivem como seres humanos, independentes, destacados no seu mundo. Não são concepções, são creações. Vivem como nós, e como vive Hamlet, Othello, Iago, Fausto, Père Goriot, D. Quichote...

— Ibsen acima de dramaturgo é um poeta; é um pensador; é um educador. A sua obra exalta-nos e purifica-nos. Ali não ha dissertações, theorias; ha principios simples, mas cheios de grandes verdades.

«Vale mais destruir a felicidade do que deixa-la subsistir sobre a mentira.»

«Não pode viver sã nenhuma sociedade que se alimente de mentiras.»

— Ah! Se todos nós tivéssemos sempre estes principios diante dos nossos olhos; — e ainda mais, dentro do nosso coração!...

Terminei a leitura de Henrik Ibsen pela peça «Quand nous nous reveillerons d'entre les morts.» E' com que fecha o cyclo das suas obras.

— Ibsen não tem mais que escrever. A sua obra está completa desde 99.

— Como o obreiro que terminou o seu edificio, só lhe resta contempla-lo, admira-lo.

— Ibsen pode agora morrer. Morrerá com a intima satisfação e gloria de quem cumpriu por completo a sua missão.

Sant'Iago Presado.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

inverno, e ao concerto das corujas e das ondas as estrellas dançam.

A miseria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não soffrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, applaudindo, debaixo dos seus borzeguins. Os tambores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer; tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os tímpanos, os clarinetes, os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as attitudes, phantasias e desmanchadas, que a sombra dá ás verdades. Já pensava assim o poeta Li-Tai-Pé, que escreveu sobre as coisas santas da China, entre porcelanas e lacas, ao aroma dos nenuphars, vestido de sedas amarellas, perfumado de saudalo — doce, contemplativo, branco, di-nite d'um vaso de margaridas?



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposiçào para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Família

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 34 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia. Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham: a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, tolhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Anno

em descripção

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 12 — 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 6 DE JUNHO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Ultima esperanza

Entre os canticos festivos dos correligionarios subiu ao poder o sr. João Franco substituindo nas cadeiras ministeriaes o sr. Hintze e logo por toda a parte se espalhou a doce promessa da moralidade governativa, e applicação de novos principios de liberdade que o sr. Franco adquirira depois de toda uma mocidade gasta em engrandecer systematicamente um poder que neste paiz abençoado absorve todos os outros, conhecido pelo nome de poder real.

Annuncia-se que o sr. Franco vae tornar publico o seu programma e ha uma certa anciedade em conhece-lo, visto que as liberdades publicas se achavam de tal maneira coarctadas, os dinheiros da nação e os d'uma casa privilegiada confundiam-se a tal ponto, o espirito publico começava a tornar-se de tal modo irreverente e incredulo, que se tornava necessario entrar na vida nova tantas vezes promettida, em horas solemnes e que o sr. Franco se mostrava disposto a encetar neste ultimo periodo da sua vida politica.

Era a ultima esperanza dentro da monarchia, diziam-no os proprios monarchicos que a gente se costumou a considerar honestos não se sabe bem porquê, e se esta falhasse o caminho estava indicado desde que o ambiente formado pelas fraudes do regimen não deixava triumphar os que bem intencionados por lá tinham passado numa anciedade de bem servir a sua patria.

Ora bem, conhecido já o programma do governo, apreciando os seus primeiros actos, a conclusão é a de que positivamente a ultima esperanza falhou.

Esqueceram-se logo os preceitos da Carta e para gerir a pasta da fazenda foi chamado um austriaco naturalisado português que hoje ainda se conserva no poder contra a manifesta má vontade do povo; para delegado de confiança do governo em Faro a escolha recahiu num individuo que tambem a lei torna incapaz por ser facultativo municipal no districto que vae superiormente dirigir; e annuncia-se já a dissolução das côrtes sem que se encontre motivo sufficientemente forte para um acto de tal natureza.

E agora para cumulo, sem razão e contra a lei, o sr. Franco dissolve as côrtes de combinação com os directores de todos os outros grupos da monarchia, sempre concordando, quando se trate de violar a lei em proveito dos seus interesses e dos do patrão cegamente obedecido

O sr. João Franco desmascara-

se e a dissolução das côrtes, disparatada e tomente resolvida, vem mostrar que por traz d'aquelle pessimo verniz de liberal, se esconde o caruncho do dictador que inventou a lei de 13 de fevereiro e o juizo de instrucção criminal.

Já o seu programma cheio de coisas ambiguas, as invocações á divindade, a prohibição das festas de maio e do congresso pedagogico no intuito reles de vingança mesquinha, faziam prever para bem depressa a apostasia do sr. Franco dos principios prégados quando na opposição se precisava captar a sympathia d'um povo que, felizmente, começa a comprehender já que só na Republica se encontra uma mais perfeita felicidade.

Falhou, pois, a ultima esperanza da monarchia e agora é bem pequeneno o espaço a percorrer para alcançar o unico meio de salvação nacional — a Republica.

J. M.

ECHOS

A primeira nota

Os orgãos da imprensa governamental affirmam dia a dia que o sr. João Franco está no proposito firme de cumprir á risca as leis.

Para quem esteja de boa fé pôde esta mascarada resolução do chefe do gabinete dar a impressão d'um louvavel symptoma de moralidade.

Para nós que estamos ha muito habituados ás promessas mentirosas dos nossos homens publicos, sempre feitas com um alto cynismo, e que conhecemos bem o sr. Franco no que elle tem de fundamental no caracter, as tendencias despoticas, — não nos merecem valor as affirmações que as gazetas da concentração liberal exprimem.

Dentro de poucos dias temos a registar dois actos illegaes. Primeiro, a conservação na pasta da fazenda do sr. Schroeter, estrangeiro naturalisado, a despeito da prohibição expressa do art.º 106 da Carta Constitucional. Segundo, a nomeação para governador civil de Faro do sr. dr. Virgilio Inglês, facultativo municipal e portanto incompativel com qualquer outro emprego estranho á profissão, segundo a disposição terminante do art.º 69 do Dec. de 24 de dezembro de 1901.

De resto, querendo mesmo executar rigorosamente as leis, o sr. Franco encontra amplo terreno para dar plena expansão ás suas qualidades de tyranno.

« Em Portugal não ha violações de leis, porque ha leis para tudo » — disse ha pouco o sr. dr. Dias Ferreira perante uma numerosa e selecta assembleia que nós organísamos.

De facto, a legislação portugueza em vigor está repleta de disposições odiosas pela affronta insupportavel que ellas exprimem á independencia individual, á liberdade de consciencia, á liberdade de pensamento, a todas as liberdades emfim, mesmo á dignidade nacional.

O cuidado do sr. João Franco não deve ser o de cumprir as leis ou reformalas. Se as suas intenções são sinceras e honestas, o sr. Franco tem um caminho acertado a seguir: é aboli-las d'uma maneira absoluta e fazer outras novas a fim de corresponder plenamente ás necessidades inevitaveis do progresso e da liberdade.

Nomeação acertada

Vae ser reformado o sr. capitão Domingos.

Ouvimos dizer que o sr. João Franco nomeará S. Ex.ª, depois de reformado, para um logar vago de servente do ministerio do reino.

Não regatearemos louvores ao sr. João Franco, porque gostamos de ver fazer justiça aos merecimentos e aptidões de toda a gente... até do sr. Domingos.

E' pratico...

Alfonso XIII mostrou, segundo dizem os jornaes, muito sangue frio por occasião do rebentar da bomba e mostrou tambem que sabe aproveitar as occasiões, pois quando se dissipou a fumaceira estava elle abraçando e beijando a sua noiva.

Se a fumaceira tem durado um pouco mais...

Nos quoque gens sumus...

Partiu para o estrangeiro o sr. Hintze que, segundo nos consta, vae ver se arranja por lá uma pasta para fazer ferro ao sr. João Franco, mostrando-lhe que não é só o João Sem Terra, perdão... o sr. Schroeter que pode ser ministro na terra alheia.

Desejamos que seja muito feliz e tarde volte, que não faz cá falta.

Promoção

Foi promovido a general de divisão o sr. Arreda de Bragança.

Cremos que foi promovido por distincção, em virtude dos numerosos serviços por elle prestados ao povo português com o seu atropellomovel.

Congresso republicano

Deve realizar-se no Porto nos dias 29 e 30 do corrente mês de junho e 1 de julho o congresso republicano.

Varios motivos teem impedido a realização d'esse congresso que finalmente vae realizar-se para serem eleitos os dirigentes do Partido e regulados outros assumptos da sua vida interna.

O Partido Republicano precisa agora mais do que nunca de firmar a sua organização e conservar as suas forças que teem augmentado cada vez mais; é preciso desenvolvê-las para que o Partido possa realizar o seu triumpho completo e definitivo.

Por isso todos os republicanos devem empregar os seus esforços para que nesse congresso haja larga representação.

Os abaixo assignados, membros da comissão reorganizadora do partido republicano, teem a honra de participar aos seus correligionarios que o Congresso geral do partido se realisará na cidade do Porto nos dias 29 e 30 do corrente mês de junho e no dia 1 de julho em local e hora opportunamente indicados.

O Congresso será constituído por todos os membros das juntas directoras, por delegados das comissões municipais em numero não superior a um terço dos seus membros effectivos, por um delegado por cada comissão parochial, por

um delegado por cada jornal, e por um delegado por cada centro.

Egualmente terão logar no Congresso os cidadãos que tenham exercido ou estejam exercendo funções no directorio do partido ou juntas directoras, ou hajam representado ou estejam representando o partido na Camara dos Deputados, ou municipaes, contanto que tenham continuado na vida activa partidaria.

Por este meio ficam convidadas todas entidades a comparecerem no referido Congresso, devendo ellas comparecer, para Lisboa, Largo de S. Carlos, 4 2.º, até ao dia 18 do corrente mês, ao signatario Antonio José d'Almeida, os seus titulos de habilitação em troca dos quaes receberão o bilhete de admissão.

Pede-se a todos os jornaes republicanos a reprodução d'este convite. Não se fazem convites especiaes.

Lisboa, 3 de junho de 1906.

A comissão reorganizadora

Albano Coutinho.

Antonio José d'Almeida.

Antonio Luiz Gomes.

Cassiano Martins Ribeiro

Celestino d'Almeida.

José Cupertino Ribeiro Junior.

José Ferreira Gonçalves.

José Nunes da Ponte.

Manifestação republicana

Realisou-se no dia 1 a entrega ao presidente da sessão de abertura do parlamento, do protesto contra a entrada no ministerio d'um estrangeiro naturalisado.

Ao meio dia reuniram-se no largo de S. Carlos as comissões parochias republicanas e muitos correligionarios que desejavam tomar parte na manifestação.

Depois de tomar a presidencia o sr. Dr. Bernardino Machado, foi lido pelo Dr. Antonio José d'Almeida o protesto que ia ser entregue ao parlamento e que adiante publicamos.

Em vista dos extraordinarios applausos da assembleia, o sr. Dr. Bernardino Machado considerou aprovado por aclamação o protesto.

Depois seguiram para S. Bento os deputados republicanos acompanhados por grande multidão que soltava entusiasticos vivas á Patria, á Liberdade, ao partido republicano e ás suas principaes figuras, conservando-se sempre debaixo da melhor ordem. A multidão foi augmentando e quando o cortejo chegou a S. Bento mais de 20.000 pessoas acompanhavam os deputados republicanos.

Chegados ao palacio das côrtes, os deputados republicanos entraram no gabinete do sr. Sebastião Telles, presidente da Camara dos Pares, a quem a mensagem de protesto foi entregue depois de ser lida pelo Dr. Bernardino Machado.

Feita a entrega do protesto retiraram-se os deputados republicanos,

declarando o Dr. Antonio José d'Almeida ao povo que o protesto fóra entregue.

Logo a multidão se manifestou novamente com vivas entusiasticos e saudações aos deputados republicanos.

Depois o cortejo poz-se a caminho do largo de S. Carlos com o mesmo entusiasmo e a mesma ordem que tinha tido á vinda.

Junto do Centro Republicano as manifestações augmentaram de intensidade, sendo muito acclamados os nossos correligionarios.

O Centro Republicano Academico de Coimbra fez-se representar pelos nossos camaradas Carlos Amaro, Pinho Ferreira e João Garraio.

Damos a seguir a mensagem de protesto:

Senhores deputados da Nação portugueza:

Somos representantes legitimamente eleitos da cidade de Lisboa, mas não podemos ter voz no parlamento, porque o direito, em Portugal, ha muito que foi substituido pelo arbitrio e ninguém ignora a criminosa expoliação de que fomos victimas.

No entretanto é certo que somos deputados eleitos por muitos milhares de eleitores, e, pela força moral de que nos achamos investidos, somos os seus legitimos mandatarios.

Em nome de esses eleitores e interpretando o legitimo e honrado sentir de toda a nossa Patria, aqui vimos protestar, contra o facto incorrecto, illegal e anti-patriotico de ter sido nomeado ministro de Estado em Portugal um estrangeiro naturalisado.

Esse ponto de direito está interpretado e esse ponto de moral está esclarecido.

Não ha da nossa parte o menor proposito de alterar a verdade em proveito do nosso credo politico.

Tudo o que allegamos se fundamenta em factos do dominio publico e em documentos officiaes.

No suplemento ao *Diario do Governo*, de 19 de maio de 1906, vem publicado um decreto nomeando ministro da fazenda o sr. Ernesto Driesel Schroeter.

No *Diario do Governo*, n.º 77, de 4 de abril de 1884, encontra-se um despacho relativo ao decreto de 27 de março do mesmo anno, concebido nestes termos: — « Ernesto Driesel Schroeter, subdito austriaco — naturalisado cidadão português. »

« A Carta Constitucional, no artigo 106.º diz: — « Os estrangeiros, posto que naturalisados, não podem ser ministros de Estado. »

Se o decreto de 27 de março e despacho publicado no *Diario do Governo*, de 4 de abril de 1884, para conhecimento dos tribunaes e das pessoas interessadas, correspondem á verdade, o sr. Ernesto Driesel Schroeter não pode ser ministro de Estado. Se são menos verdadeiros, cumpre ao governo declara-lo, e prova-lo, demonstrando que, na folha official, foi publicado um documento falso ou illegal. Em qualquer dos casos, a Nação portugueza tem direito a uma satisfação plena e essa ha-de ser, enquanto não for demonstrada a falsidade e illegalidade dos documentos publicados no *Diario do Governo*, a observancia rigorosa do artigo 106.º da Carta Constitucional, e, portanto, a annullação do decreto que nomeou ministro o sr. Ernesto Driesel Schroeter. Se o governo pode provar officialmente que são falsos o decreto de naturalisação e o despacho que se lhe refere e nullas as suas consequências, que o faça, pois que da nossa parte não haverá duvida ou reluctancia em prestar completa homenagem á Verdade.

Mas, até hoje, o que permanece indiscutivel é a declaração do *Diario do Governo*, de que o actual ministro da

Contribuição
Contribuição

fazenda e um fangeiro naturalizado português.

E tal facto é um attentado á lei fundamental do Paiz e uma affronta nos sentimentos patrióticos da Nação portuguesa.

Somos republicanos. Trabalhamos para uma transformação politica em Portugal. São más, geralmente, as leis que os governam, e a propria essência da Constituição, pela qual tanta vida se perdeu e tanto esforço se consumiu, é mesquinha e incerta. Sem duvida. E homens como nós, que procuram, em novas leis e em novas formulas politicas, a reconstituição do seu Paiz e a regeneração da sua raça, não defendem o código fundamental da Nação, que representa a formula governativa que elles se esforçam por substituir.

Mas o artigo 106.º da Carta Constitucional não consigna uma garantia politica privativa de uma dada forma de governo. Elle é, afinal, o ponto commum de todas as constituições e a sua doutrina traduz o fito de todos os povos livres. A formula que elle envolve é mais uma expressão de consciencia nacional do que uma formula de direito politico.

Não se trata de expulsar ninguem da nacionalidade portuguesa. Trata-se de, a dentro d'ella, definir os direitos e deveres de cada um.

Manter bem integra e bem austera a independencia nacional, sem a intervenção de estrangeiros, que a possam corromper ou falsificar, é uma necessidade instinctiva, physiologica, por assim dizer, das nações que sabem amar a liberdade.

Por isso mesmo, as disposições do art.º 106.º da Carta não poderiam deixar de ser, amanhã, expressas com irreductivel clareza numa constituição republicana. E nós, deputados republicanos legitimamente eleitos, posto que indignamente expoliados, defendendo o artigo 106.º da Carta Constitucional, é, na verdade, um dos mais bellos padões da idéa republicana que defendemos tambem.

O que equivale a dizer que, defendendo com dedicação e amor este largo e nobre principio de autonomia nacional, não é bem uma obra partidaria que nós realisamos, mas simplesmente um dever de portugueses que orgulhosamente cumprimos.

Os abaixo assignados, num intuito patriótico, que pode e deve ser secundado por todas as consciencias sãs, prestando uma grande homenagem á Verdade e tendo um grande culto pela Justiça, veam aqui reclamar que satisfação completa seja dada á integridade moral da Patria portuguesa.

Vem aqui cumprir esta nobre missão perante a camara dos deputados porque ella é a unica que entre nós póde ainda representar, na sua essência, o principio democratico da eleição, isto é, da delegação emanada da soberania popular, a unica que os signatarios respeitam e reconhecem.

Lisboa, 1 de junho de 1906.

Os deputados republicanos por Lisboa

- Afonso Augusto Costa
Alexandre Braga
Antonio José d'Almeida
Augusto Cesar d'Almeida Vasconcellos Correia.
Bernardino Luiz Machado Guimarães
João Duarte de Menezes.

Livros e publicações

José da Silva Bandeira, Auxiliador do charadista. — Lisboa — 1906.

Recebemos esta curiosa publicação, d'um indiscutivel interesse para aquelles que aproveitam tempo em decifrações, e que foi, segundo nos diz o seu illustre auctor sr. capitão Bandeira, fructo d'um grande e demorado trabalho.

Agradecemos ao brioso official a gentileza da offerta d'um exemplar.

Um homem sem sorte

Acotencem encontrar-se Melitão, a sós, com Dorothea, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Aproximou-se d'ella, bastante inflamado, com os olhos a espirrar lascivia e a face retinta d'um colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe medo, um susto virginal, e fez pé alraz, aconchegando do seio o menino como uma defeza a brutos apalpos. Elle então sacou da algibeira das pantalonas uma bocetinha de velludo escarlate, abriu a premindo a mola, e expoz aos olhos fascinados da rapariga um bom diamante encravado em anel de ouro, e disse balbuciantemente:

— Dorothea, aceite-me esta lembrança: peço-lhe segredo, e rogo-lhe por

Monumento á Immaculada

Segundo, nos consta o sr. bispo conde que se fez erigir um monumento á Immaculada no pateo do convento de Santa Clara, devendo a inauguração dos trabalhos para esse fim ser feita por occasião das festas da Rainha Santa.

Parece tambem que se pensa em fazer com que os alumnos das escolas primarias assistam a essa inauguração.

Muito bem. Depois de ter sido prohibida a festa de maio que tinha por fim estimular os alumnos e arreigar nelles o amor á escola, por meio de distribuição de premios e de festas em que elles tomassem parte com a alegria propria da sua idade, obrigam agora essas creanças a irem em procissão, talvez debaixo de forma, desfilar ante o monumento da Immaculada!

Isto quando em toda a parte, por todas essas nações adeantadas, se trata de secularisar a escola como base do progresso social, da educação nacional.

Quando essa tendencia se vae afirmando cada vez mais no mundo civilisado, Portugal manda os alumnos das suas escolas primarias, nesta terra onde existe o primeiro estabelecimento scientifico do paiz, em romaria desfilar ante a Immaculada, naturalmente batendo no peito e entoadando canticos á Virgem, com as suas vozes infantis que deviam ser cheias de alegria e de liberdade.

Continuam as nossas escolas com o preconceito da religião, isto neste pobre paiz que tanto mal tem recebido do ensino religioso.

Que o sr. bispo conde faça o monumento á Immaculada ainda se admite, mas o que não pode tolerar-se é que se obriguem os alumnos das escolas primarias a tomar parte nos festejos da inauguração dos trabalhos para esse monumento.

E isso não se pode admitir porque a nossa escola primaria deve ser livre, sem preconceitos, para que possamos acompanhar as nações adeantadas no progresso humano, formando homens livres.

E é desde a escola primaria que se deve começar a forma-los.

Por isso, desde já, protestamos contra essa idéa.

A commissão parochial republicana de S. Bartholomeu resolveu, por proposta do nosso correligionario Gomes Moreira, convocar uma reunião de todas as comissões parochias para resolver qual a attitudo a tomar em presença d'este projecto de romaria dos alumnos da escola primaria ao monumento da Immaculada.

Estamos certos de que as comissões parochias não deixarão de por qualquer forma manifestar o seu protesto e, desde já, lhes damos o nosso applauso.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos; Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga; No Kiosque da «Praça 8 de Maio»; Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

alma da sua filha que não se vá embora. Muito atrapalhado, bem se vê pelo topico da alma da menina que morrera com quatro meses de idade! O caso é que Dorothea estendeu o braço horizontalmente, abriu a mão, recebeu a boceta, fechou a mão, e metteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

Melitão, de orelha fita para o lado do jardim, deu tento das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciadas pela escada acima, e safou-se pé ante pé.

D. Anathilde tinha o effacto subtilissimo das lysicas, a membrana pituitaria tão dessorada que todos os effluvios lhe penetravam nos poros permiaveis. O marido exhalava um cheiro particular a drogas de fabrica de tecidos, um perfume azotado que o annunciava a distancia. Quando entrou na saleta em que a ama, numa starantação de comprometida, estava aleitando a criança, Anathilde poz-se

A critica anarchista

A Era Nova, que tinha declarado não mais responder a allusões da Patria, regista no seu ultimo numero uma rectificação que diz ter sido feita aqui de affirmações anteriormente produzidas.

E' claro que quem tem tido a paciencia de seguir esta polemica fica naturalmente pasmado diante do despalante com que ella se refere a uma rectificação perfeitamente imaginaria.

Se a Patria tivesse feito qualquer referencia injusta ou falsa, todos aquelles que conhecem a lealdade aqui professada e a correção aqui mantida, sabem muito bem que ella seria immediatamente rectificada, provada que fosse a sua injustiça ou a sua falsidade.

Mas, neste momento, tal não succede. A Era Nova fez a affirmação de que se os republicanos não fossem abrangidos na ambiguidade da lei de 13 de fevereiro, não só não protestavam contra ella, mas até eram capazes de applaudir a lei do sr. João Franco.

Diante d'isto, absurda e arbitrariamente affirmado por quem, positivamente, tem a insistente preocupação, nascida d'um sectarismo atrabiliario e doentio, de ver inimigos ferozes em todos aquelles que não commungam nas mesmas idéas ou se não sujeitam submissamente aos seus processos dogmaticos, a Patria tratou de demonstrar que tal não era verdade, porque os factos citados absolutamente desmentiam a affirmação da Era Nova.

E visto que vinha a proposito esse sectarismo, que aproxima muitos dos anarchistas dos jesuitas, tornando identicos os seus processos de combate intolante e d'agressão bravia, varias considerações foram feitas a esse respeito, lamentando-se que essa attitudo assumida por individuos que se dizem revolucionarios, resultasse implicitamente favoravel ao Poder, cuja queda, cujo combate, d'uma forma immediata devia interessar a todos.

Nestas circumstancias a critica tinha um certo caracter de generalidade, embora com origem na referencia da Era Nova e que aquelles que não tem o entendimento obscurecido ou perturbado pelo desvario d'uma ferocidade obrigatoria para os adversarios, claramente perceberam. Isto quer dizer que a Era Nova estivesse fóra do ambito das censuras aqui feitas? Inteiramente não, como o demonstrava a sua propria affirmação affrontosa para o Centro Republicano Academico, que não podia merecê-la, friamente, a quem conhece muito de perto grande numero dos seus membros.

Portanto, o cuidado da Patria foi, sem irritação, porque não irritam já os republicanos os ataques habituaes dos anarchistas, levar ao publico o desmentido ao que foi affirmado na Era Nova e aprovar com factos as censuras feitas aos seus processos.

Aqui está o que se fez e o que se disse, sem miudas habilidades lamentáveis que só servem para revelar um cerebro conturbado de maniaco.

A Era Nova, para terminar, e imaginando ter argumento a seu favor, diz

a fariscar o ambiente, peorando o formato do orgão olfactorio no arregaçado e franzido das azas nazaeas.

— O sr. Melitão esteve aqui? — perguntou azedamente.

— Esteve sim, minha senhora — respondeu a ama, empallidecendo, muito enfiada.

— Elle que queria?

— Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora.

— Ah! bem.

Desceu para a casa do almoço. Ia fular numa irritação de suspeita confirmada, ferida no seu coração de esposa, e mais ainda na consciencia de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes vira embacados os olhos do marido.

Aquelle especimen de collegial franzina, mortíca, algida, e como indifferente para tudo, agora apunhalada pelo ciun e ou pela vaidade, transforma-se, transfi-

que a Patria, em resposta a uma referencia feita aos republicanos, apresenta o procedimento do auctor do artigo, o que é uma falsidade de quem não conhece, ou tem o proposito de deturpar os factos.

A Patria respondeu com o procedimento dos republicanos, visto que nas reuniões de protesto contra os crimes de Alcalá del Valle e de Montjuich, não foi o signatario d'estas linhas o unico republicano que tomou parte.

A uma d'ellas, a mais importante, presidiu França Borges, director do Mundo, fallando ainda outros republicanos como Magalhães Lima, Heliodoro Salgado e o meu camarada e amigo Ramada Curto. Mas a falsidade da Era Nova derivou do desejo de fazer uma insinuação pessoal, unica taboa salvadora no meio do desespero d'uma polemica em que lhe fallece a razão.

Eu não preciso invocar o testemunho de companheiros meus de Lisboa, como Mayer Garção, José do Valle, Costa Carneiro e outros que podem attestar a continuidade da minha antiga orientação, visto que o facto de me encontrar aqui no Centro Republicano e na Patria não se me pode levar á conta de deshonestidade ou de apostasia, attendendo a que muitos dos nomes que figuram no N. E. A. e dos mais prestimosos e sérios, pertencem ao mesmo tempo ao grupo dos republicanos academicos.

De resto, eu podia transcrever artigos que definem precisamente a minha attitudo, sempre aneando por uma organização social integralmente justa e sempre desejosa d'uma libertação definitiva, mas em que declarava dar todo o meu esforço, todo o meu entusiasmo, toda a minha vida até se fosse preciso, á Republica, porque a considero a condição primordial e essencial de todos os progressos que nos hão de conduzir ao ideal ardentemente ambicionado.

Isso ficará, talvez, para depois, visto que os anarchistas da Era Nova parecem ter vontade de continuar. Far-lhes-hei a vontade.

Aqui estou eu — ó Campos Lima — para o sacrificio ás tuas iras! Mas, ao menos, não te esqueças de registrar na Era Nova o exemplo de resignação antiga que eu dou, prestando me a ser a victima necessaria a quem no campo d'uma discussão impessoal se não podia aguentar por mais tempo.

E esse procedimento não resulta somente da falta de razão e de argumentos, deriva tambem, em grande parte, do teu habito de excommungar como pontifice d'essa egreginha, onde impera a tua auctoridade de libertario soberano, onde faz justiça o teu gesto de condemnação irremissivel.

Carlos Olveo

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empreza editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

gura-se, vibra em convulsões de raiva, e desce as escadas muito apumada, batendo o tacão nos degraus e agitando os braços como quem os sente capazes de esganar um marido infiel. Ninguém diria que aquelle galvanizado fenomeno osteologico pertencia ao sexo timido! Cuidar-se-ia antes que bebera naquella manha o sangue irascivel de leão, e não o calmanete leite de jumenta. As arterias frontaes, em alto relevo azul, papejavam muito grossas de calibre. O nariz, como espiraculo da cratera interna, fumegava. De vez em quando, tirava da abobada palatina com a ponta da lingua uns estalidos como as cegonhas. Feia e escamada senhora!

Quando se assentou á meza a trincar um bife de grelha, dava facadas no prato, e por debaixo da banca raspava no taboado com as botinas num phrenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraqueza, pareciam uns suspensorios

De Lisboa

2 de Junho

Escrevo-vos meus amigos ainda sob a esmagadora impressão da manifestação de sexta feira. Tenho os nervos arrazados. Passam-me ainda relampagos pelos olhos. Na minha retina tenho ainda nitidamente aquella massa enorme que alastrava pelas ruas como uma invencivel onda. Por instantes eu julguei que essa onda, crescendo continuamente, subvertesse a cidade. Sim, meus amigos, eu tenho a impressão de que uma onda humana varreu hontem as ruas de Lisboa, deixando por toda a parte, suspenso e errante, um clamor de redempção e de liberdade. Ah! o lindo dia d'hoje! como intensamente se viveu e se sentiu, na ancia, na vaga e tremula ancia que sempre precede os grandes acontecimentos e faz bater umas contra as outras todas as cordas da nossa sensibilidade e da nossa inspiração! Como se viveu e se sentiu! Só agora eu conheço como é boa e compensadora a lucta. Só agora adquiri a certeza de que é a batalha o goso maior que a vida concede ao homem. Agradeço a minha mãe o ter-me lançado á terra neste momento de combate, em que um vento de febre me sóa sem cessar aos ouvidos e o anjo do triumpho sem cessar me mostra a face resplandecente.

Porque a verdade, meus amigos, é que eu me julguei em plena Republica triumphante. Das janellas as senhoras davam palmas e agitavam lenços. Tive a illusão de que aquella massa voltava d'alguã expedição longinqua, victoriosa. A propria policia parecia abrir alas. Dir-se-hia que a auctoridade servia á Republica.

A frente do cortejo, as figuras dos deputados republicanos erguiam-se como tocadas da aza da victoria. Foi uma verdadeira marcha triumphal. Por muito perdurará dentro de mim a lembrança d'esta jornada.

A serenidade altiva do povo devia convencer o regimen de que o partido republicano tem agora a consciencia dos seus destinos. Sabe bem para onde marcha e sabe bem o que quer. O partido republicano é já hoje a onda enorme, a onda avassalladora. Sobre essa onda o barco do regimen sustenta-se ainda. Para o barco ir ao fundo basta, porém, que a onda sacuda mais fortemente o dorso.

Uma coisa quero notar-vos em especial. Foi a primeira vez, depois das festas a Loubet, que um dia de liberdade chegou a Lisboa. Os dias de Loubet desapareceram, todavia, sem que ficasse a esperança de que voltassem cedo ou tarde. A liberdade d'esses dias era condicional. Tinha-se saltado a fêra por tres dias. Passados esses tres dias a fêra seria de novo enjaulada e nunca mais, nunca mais veria o céu senão por entre os ferros da jaula. Chegar-lhe-ia aos ouvidos, como um murmuro vago, o fragor da vida, chegar-lhe-ia aos cabellos, como uma caricia mascula, um raio de sol, e seria d'alli por deante tudo o que a fêra tinha o direito a conhecer e a viver. Todos sabiamos que passados esses tres dias a noite voltaria, acaso mais tenebrosa — e todos nos resignavamos.

Mas d'esta vez ha a certeza de que a fêra quebrou com os dentes a jaula e veio para a rua resolvida a não mais se deixar enjaular. Não, não ha o receio de que ella seja de novo enjaulada. Ha a inteira certeza de que a Republica se apoderou do momento e das circumstancias e tudo se conjura para a servir e a proclamar.

Eis o que eu vos queria notar especialmente.

E essa certeza, que já subjugou o meu cerebro e as minhas veias, queima todo o meu ser num incendio de fé e d'alegria.

Timido.

milagrosos. Melitão estava espantado, e não sabia o que era aquilo, a menos que Dorothea estupidamente denunciasse o segredo do anel. Parecia-lhe impossivel tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fe que elle subiu, á surrella, do escriptorio ao 2.º andar?

— O ama! — chamou Anathilde — traga cá o menino para ver o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? tu ainda hoje não viste o Alvaro, pois não?

Melitão açafroava-se até aos lobulos das orelhas e gaguejou:

— Sim... eu já o vi de passagem...

— Onde?

— Lá em cima.

— Que foi o sr. fazer lá acima, não me dirá?

— Ia ver o menino.

— Mas o seu costume é vê-lo pela primeira vez ao almoço.

— Cuidai que estaria contigo...

TRIBUNA DOUTRINARIA



O JURAMENTO

Entre os primeiros deveres impostos, pelas legislações fundamentais, aos magistrados e funcionarios de todas as categorias, ha um que me dá uma impressão das mais irrisórias — o juramento.

Não ha o respeito á autonomia e á inflexibilidade das opiniões politicas individuais; não ha a mais ligeira attenção á sinceridade e ao ardor das crenças.

Todo o individuo, atheu ou livre-pensador, catholico ou protestante, republicano ou monarchico, quaesquer que sejam emfim as suas convicções sociaes, politicas ou religiosas, é obrigado, antes de tomar posse de qualquer função publica, a prestar solemnemente o juramento.

Tal é a regra predominante nas nossas leis fundamentais e tambem nas de muitos outros paizes.

D'uma maneira geral, o juramento na sua essencia é uma affirmacão religiosa pela qual se invoca uma divindade para testemunho.

Na antiguidade em que todas as manifestações da vida dos povos faziam parte integrante da religião que absorvia e dominava tudo, a necessidade do juramento nos actos civis e politicos era perfeitamente comprehensivel, tanto mais que as leis, os codigos, participando do caracter mysterioso d'ella, davam consideravel valor ao exterior, ás formulas solemnes.

Acresce que as primeiras sociedades civilizadas, pela unidade e uniformidade de regimen e de ideas a que subordinavam a sua vida moral, eram totalmente differentes das nossas.

As modernas sociedades, productos d'uma evolução lenta e progressiva caracterisam-se pela multiplicidade e variedade de doutrinas entre si irreductiveis, de principios e de crenças que se oppõem, de ideas politicas e sociaes inconciliaveis e distinctos.

Encaro muito particularmente a sociedade portugueza. Sob o ponto de vista politico é a forma monarchica que imprime caracter a todas as instituições. Quanto ás relações entre o Estado e a Igreja, sabemos que o Catholicismo é a religião official.

Pois muito bem. Por mais arbitrario que seja um regimen, por mais decisiva que se nos afigure a imposição d'uma determinada fé pela Lei, não obstante nada pode impedir que em muitos espiritos, em muitas consciencias, se desenvolvam principios em completo desacordo com os que o Estado adoptou.

Eu, por exemplo, como rasgadoamente republicano e abertamente livre-pensador, estou fundamentalmente divorciado das ideas pelas quaes se governa a sociedade portugueza. Por isso, nada se me apresenta de mais manifestamente absurdo, nada acho tão aviltante para a dignidade e autonomia do espirito como o ser-se forçado em varias circumstancias da vida a prestar solemnemente o juramento de fidelidade e de respeito ás instituições vigentes e aos que as incarnam.

O exercicio d'uma função publica consiste essencialmente no cumprimento de certo numero de deveres. Claro, a

sua pratica é independente das convicções pessoais.

Por outro lado, não ha prova mais cabal para se apreciar um homem do que o exame das suas acções. Um individuo ou é honesto ou não. Se o é, todos os seus actos publicos ou particulares hão de ser fatalmente d'uma correcção impecavel.

Não é honesto, pois então nenhuma força poderá obstar á que a personalidade viciosa e perversa d'um individuo se manifeste em toda a sua plenitude, nem mesmo o juramento com invocação do que possa haver de mais sagrado.

Mas o juramento é uma mera formalidade, sem grande valor juridico, poderão argumentar os que pretendam refutar. Se assim é, mais uma razão e forte para as leis modernas se emanciparem por completo das tradições do antigo Direito tão essencialmente formzista.

E, porém, obrigatorio o juramento. A sua recusa produz effeitos graves. Tem, pois, toda a efficacia juridica e moral.

As leis, exigindo o juramento como um acto indispensavel, põem em conflicto aberto o Estado e muitas consciencias livres e orgulhosas de independência.

Para mim, como para todos os que estiverem comigo em communhão de idéas e de crenças — estou convencido — nada será mais penoso e deprimente do que ser obrigado implicitamente, por meio do juramento, a reconhecer como viavel a monarchia e aceitar como verdadeiro a religião catholica.

Singular erro dos legisladores! O juramento deve ser abolido em todos os actos politicos e tambem nos civis. «O juramento é um meio imaginado para encobrir hypocrisias» — disse com verdade A. Karr.

Alberto Xavier.

Censura telegraphica

Na vespera da abertura do parlamento, o nosso correligionario João Gomes Moreira quiz dirigir para o Centro Republicano de Lisboa um telegramma nos seguintes termos:

«A commissão parochial republicana de S. Bartholomeu acompanha de alma e coração o povo de Lisboa e seus eleitos na sua jornada de amanhã ao parlamento. Adhere com enthusiasmo de patriotas aos vossos protestos contra a permanencia d'um cidadão austriaco no governo portuguez.

Gomes Moreira.»

Pois este telegramma não foi expedido por o impedir a censura que com certeza viu nelle um grave perigo para a segurança das instituições. Intelligente censura!

Fazemos ao director e empregados do telegrapho a justiça de acreditar que isto é feito em cumprimento de ordens vindas de cima... do liberal governo do sr. João Franco.

Seria revoltante se não fosse simplesmente ridiculo.

Deus lhes dê juizo, que bem precisam d'elle.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a faveza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Sem interpor tempo nem reflexão, D. Anathilde chamou o creado de meza, e mandou-o a todas as inculcadas procurar uma ama, e que trouxesse a primeira que encontrasse. Movia-se por toda a casa, d'alto a baixo, galgando as escadas como um andarilho. Os arames arqueados do merinaque raspavam sonsidos metallicos nas pernas das cadeiras e nas arestas dos degraus. As saias ruflavam. Um turbilhão de musselina, uma tempestade magnetica formada num agulheiro de ossos. Abria e fechava gavetas e bahu e guarda-roupas. Acamava vestidos e encofrava jôias nos escrínios. Fazia e desfazia. Atirava as toilettes de buile ao chão, e removia-as a pontapés. Nem uma lagrima, nem um insulto hysterico. Não perguntava pelo filho nem pela ama, que subira ao terceiro andar, e estava tambem entroixando á pressa as suas cousas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia.

RAPSODIA

A Republica e o clero

Recebemos um postal assignado por um estudante de medicina, do Porto, no qual se diz o seguinte:

«... tenho notado que paralelamente á implantação da Republica em Portugal, alguns jornaes querem tambem levar o povo á descrença no catholicismo; ora isto acarreta difficuldades para mim e para muitos outros propagandistas dos principios da liberdade, egualdade e fraternidade, pois que no nosso paiz ha um pouco de fé no que os padres dizem; e por conseguinte o lavrador dos campos, que quasi só alimenta o espirito com o pão que lhe fornece o sr. abade, e como este cavalheiro só costuma dizer a esses ignorantes de boa-fé, que republica é o paiz em que não se acrédita em Deus e não ha governo, em que todos fazem o que querem, em que se um diz esfola outro acrescenta mata, ha immensa repugnancia á Republica por essas aldeias, principalmente pelas do Minho. Bom seria não fallarem em religiões nenhuns jornaes republicanos. Se adoptassem este systema, como eu faço, seria mais facil democratizar o povo, ao que tenho notado.»

A resposta a estas considerações está dada nos artigos anteriores, mas de forma alguma julgamos inutil repisar e desenvolver tanto quanto possível as razões de ordem varia que nos levaram a abordar o assumpto.

O nosso interlocutor começa por dizer que alguns jornaes, paralelamente á implantação da Republica, querem levar o povo á descrença no catholicismo. A descrença na efficacia da acção social e politica do catholicismo, está bem. Assim é — e assim tem de ser. O catholicismo é estruturalmente um regimen theocratico, que só não redundou num regimen de castas em virtude do celibato, que abrigou a Igreja a recontar os padres em todas as classes, impedindo que se formasse do clero uma classe fechada, e por isso o catholicismo é, já o dissemos, a negação da democracia. Confinando-se a Igreja no seu fim espirital, para a consecução do qual ninguém lhe negará a legitimidade dos bens materiaes necessarios, a Republica, tolerante e coerente, não poderá inquietá-la. E' isto o que está em harmonia com os principios que informam o regimen republicano, e é isto uma pratica eminentemente liberal. As crenças são absolutamente do dominio da consciencia, e, como taes, incapazes, insusceptiveis d'uma sancção legal. E' o caso. Não pode haver crenças officiaes. O Estado tem de ser essencialmente neutral. Empregamos a palavra neutral para nos não servirmos da palavra irreligioso. Não se comprehende uma religião do Estado. Um Estado que impõe uma religião faz profissão de fé. Ao Estado pertence, porém, a protecção e conservação de todos os interesses, a manutenção da harmonia entre todas as aspirações differentes ou contradictorias que traduzam uma corrente d'opinões ou de sentimentos. Para o Estado, ademais, concorrem com as suas contribuições todas as seitas e todas as crenças. Desde que o Estado se decida por uma seita ou por uma crença, assume o papel de perseguidor das outras crenças e das outras seitas.

Não é isto assim?

E', clarissimamente.

«... Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente. — E retirava-se muito esfandegada.

— Espere, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de toilette, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

— Isto é de mais — obviou Dorothea. — Eu só cá estive seis meses, e já recebi tres moedas por conta.

— Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Póde ir, e adens, seja feliz.

— A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um gallego desci com a caixa de pinho ás costas entrava Ladislau Melitão, adivinhando o cataclismo. — Que caixa é essa?! perguntou. — Que a dona vinha ali atrás, explicou o gallego.

— Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente. — E retirava-se muito esfandegada.

— Espere, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de toilette, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

— Isto é de mais — obviou Dorothea. — Eu só cá estive seis meses, e já recebi tres moedas por conta.

— Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Póde ir, e adens, seja feliz.

— A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um gallego desci com a caixa de pinho ás costas entrava Ladislau Melitão, adivinhando o cataclismo. — Que caixa é essa?! perguntou. — Que a dona vinha ali atrás, explicou o gallego.

Ora a Igreja é a religião official do Estado, e só porisso ella tinha e tem de ser combatida. Mas, a par, a Igreja é o inimigo declarado da democracia. Ella é o privilegio, a desigualdade, a intolerancia, a verdade revelada contra a razão. Ella é o credo contra a demonstração, é a condemnação da humanidade á oppressão, á dor, á miseria por vontade divina irrevogavel. Ella é quem diz que vimos inquinados de peccado do ventre de nossas mães. E' ella que nos desvia os olhos da terra, «o triste valle de lagrimas», para nos apontar o céu, «a bemaventurança sempiterna». E no entanto é a terra que nos dá o pão e a alegria, e o céu não passa d'um montão de nuvens. E' ella que mais tem desvirtuado o fim do homem e mais tem pervertido a consciencia delle, porque é certo que o catholicismo é a menos panheista de todas as religiões. Todos os symbolos catholicos se referem a um mundo supersensivel, onde não chega o murmuro da terra e dos homens. Descobre-se, é verdade, a través da evolução dos mythos e symbolos catholicos uma origem mais ou menos francamente pagã (Natal, Paschoa, etc.), mas tudo afogado num ritual de tal modo complicado, que a significação primitiva d'essas festas escapa absolutamente á comprehensão dos fieis. Póde dizer-se que o catholicismo é a religião do odio á terra.

Porque é isto, a Igreja tem de ser combatida até ao ultimo reducto. Ella é o grande manó de sombra que impede ao homem a vida perfeita, a vida integrada na vida cosmica. Quando vier o dia em que o homem deixe de olhar o céu — o sonho, o vacuo, o phantasma — para se fixar na terra — a realidade, a abundancia, o amor — o homem terá vivido o primeiro dia de felicidade.

Mas este segundo objectivo, o ataque ás instituições e doutrinas catholicas, não poderá, nem deverá ser feito pela Republica. A Republica será, como fica dito, essencialmente neutral em questões de consciencia. D'outra forma ella não seria a libertadora, seria a perseguidora. Esse segundo objectivo realisa-lo-ha a diffusão da instrução e a diffusão da liberdade. Serão esses dois maravilhosos factores que realizarão esse supremo objectivo. D'aqui a quanto tempo? Que importa lá isso? Se batalhamos por uma ideia, é simplesmente porque essa ideia é para nós a verdade, e, tendo-se ella apoderado de nós, havemos de servi-la sem olhar a prazos nem a recompensas. D'outra forma prostituir-nos-hemos.

Esse dia virá. Preparemos, na medida das nossas forças, o advento d'essa aurora.

E por hoje, caro collega, só esta explicação a mais, porque a estopada será acaso já insupportavel.

Os jornaes republicanos não podem querer que o povo descreia no catholicismo, sem que a solidariedade que provém d'essa egualdade de crença seja substituida pela solidariedade proveniente da egualdade de criterio. Dizer a alguém: «O que tu crês é uma mentira», e não procurar convencer esse alguém d'uma outra crença ou d'uma outra ideia que se supõe melhor, é nem mais nem menos do que praticar um crime. Porque:

1.º Esse alguém tinha na vida alguma coisa de superior a si mesmo que o norteava e determinava, marcando-lhe os caminhos. Em face d'esse principio su-

perior esse alguém descriminava, julgava, resolvia, amava, existia. Tinha um objectivo e ter um objectivo é uma condição indispensavel de triumpho. Seja embora uma senda de trava a que esse alguém segue, desde que a imagine de luz, segui-la-ha com segurança e firmeza.

2.º Lançar a perturbação e a duvida na alma d'esse alguém, é desorientá-lo, é arrancar-lhe essa segurança, é torna-lo uma folha secca movendo-se á mercê dos ventos. E' fazer uma obra pessima. E' assassinar uma vontade. A duvida é a hesitação e quem hesita é sempre um derrotado. Desapparece a solidariedade, porque desapparece a confiança.

Portanto, o que urge immediatamente é provar a inefficacia da acção politica e social do catholicismo, porque a prova d'essa inefficacia não é de forma alguma obrigar alguém a descreir em Deus e na immortalidade da alma. Só depois, quando a instrução e a liberdade estejam diffundidas a ponto de as maiorias se não deixarem escravizar pela invocação d'um Deus e pelo medo do *au-delà*, só depois é possível a victoria final. A victoria final é o pensamento livre.

Mas d'aqui não se conclua que as circumstancias imponham uma abstenção. Não. E' preciso semear ás mãos cheias, ainda mesmo que haja a certeza de que de cem mil sementes só uma florirá e fructificará. E' preciso combater sempre. Mas, diga-se pela ultima vez, o partido republicano só tem que atacar a influencia social e politica da Igreja. O combate contra o seu dogma e a sua disciplina, contra o seu espirito e as suas instituições, tem de ser um combate de intelligencias, um choque d'argumentos, em que só tem de intervir consciencias determinadas por dados scientificos e em que de forma alguma pode pesar a mão do Estado.

Está comprehendida a nossa intenção? Quanto ás outras considerações, no proximo numero continuaremos, na persuasão de que o nosso caro collega do Porto verá nas nossas palavras sómente um sincero desejo de elucidar, de discutir, e não um prurido de impor opiniões.

Antonio Granjo.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avalso: 10 reis.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Dorothea appareceu no patamar, muito desengonçada, muito vermelha, mais espectacular do que nunca.

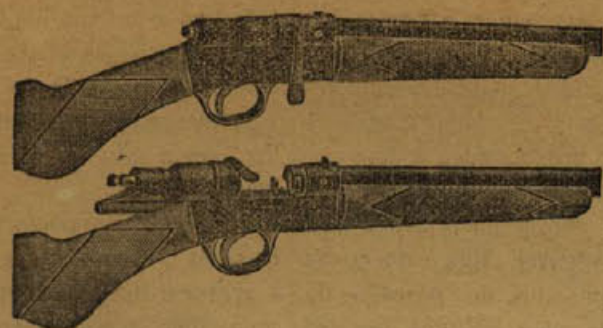
— Você onde vae!? onde vae? — perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espicados.

— Vou para minha casa. Passe V. S.ª muito bem.

Mas o melhor da passagem, como diria o sr. Antonio de Serpa, é que Dorothea não resitiu o anel a Melitão. O esquecimento é desculpavel pela atrapalhada da sahida. — Que espiga! — dizia elle esmagado n'alma sob o peso da catastrophe, e de mais a mais com a perspectiva das borrascas domesticas, bravas luctas com a esposa — o osso da sua carne!... Que espiga!

(Do romance *Volões de Lama*).

CAPILLO CASTELO BRANCO.



Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 3 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO
COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA



Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 1 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis

COIMBRA, 19 DE MARÇO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

PATRIA

Chegamos nas vespuras da batalha.

Nesta hora, para uns tumultuosa de pavores, para outros incendiada das mais claras e seguras esperanças, nós vimos marcar os nossos logares de combate, ao lado d'aquelles que, de ha muito, veem, num rijo e fecundo trabalho de propaganda, fazendo a boa guerra contra velhos principios que hoje mais não são do que uma risivel mascara já sem brilho, mal velando o facies impudente d'uma politica cheia de crimes, roida por mil egoismos, descarada e torpissima.

Não é pois para uma ingenua tentativa de serena orientação, nem, escusado seria dizê-lo, para entoar suaves canticos a uma vaga e idyllica republica, que nós vimos expôr os nossos nomes às perseguições d'aquelles que, na prescencia da sua proxima ruina, se debatem e defendem com a mais terrivel de todas as coragens — a coragem do médo.

A orientação está dada e a republica que entre nós já recebeu o seu baptismo de sangue, ha muito perdeu as formas indecisas de uma romantica chimera, para se transformar aos olhos de todos quantos pensam e ainda crêm, numa nitida, precisa e inadiavel necessidade.

Fazer acordar ao ruido da nossa mocidade os que ainda dormem, dar aos que duvidam o exemplo ardente da nossa fé, magoar com a irreverencia da nossa rebeldia os que, sob veneraveis aspectos de prudencia e são conselho, mascararam os temores d'um coação cobarde, afirmar bem alto o nosso orgulho em pertencer a uma raça que um dia, esperamo-lo, mostrará que nem só de humilidosa paciencia é feita a alma portugueza, comunicar emfim o nosso odio, formidavel como a nossa dôr, contra essa vilissima cohorte de Pachecos, comicos até na ferocidade, despreziveis pelo impudôr, incapazes d'uma palavra ao menos que na historia deixe o corte luminoso d'um caracter, e para quem a honra d'uma patria é como um sarcario entre mãos sujas de bandidos, — eis em resumo o nosso programma.

Portugal precisa de ser acordado a berros, — clamava um dia Eça de Queiroz; actualmente, porém, o paiz já não dorme, que o não deixa a miseria nem lh'o consente a vergonha; por isso a nossa voz, se, pela sua aspera rudeza, não cabe, como a do querido artista morto, nos aristocraticos moldes d'aquella sua fina e limpida ironia, não obstante será ouvida porque terá a forte vibração da nossa sinceridade e a calma segurança de quem, como nós, já divisa num proximo futuro os nitidos contornos d'uma republica redemptora e victoriosa.

DUAS PALAVRAS

Patria. Não gosta do titulo o nosso visinho do lado, acruta tremendo com uma orientação toda moderna, e um odio fulgurante contra alferes aguerridos e empregados d'alfandega. Tem receios graves de que com pendão e caldeira e em som de guerra penetremos em terras da moirama infiel, ou com fins mais altos busquemos nos adustos areas da Africa vingar emfim a inolvidavel e affrontosa derrota d'Alcacer-Kibir.

Descance o nosso humanitario visinho e repouse a Europa, que nem nós nem o paiz, afinal, estamos dispostos a taes commettimentos, pois garantida por nossa parte se pode considerar a paz universal.

Simplesmente não aclamaremos processos revolucionarios como os de lord Chamberlain, roubando aos boers uma patria como quem furta um lenço, não sabemos se também com o humanitario fim de acabar com fronteiras. Que nos perdoe o bem orientado visinho, mas lá isso não, não achamos bem.

Emquanto ao mais, aqui lhe juramos que, apesar d'uma proficua leitura do D. Jayme, nem pelo primeiro de dezembro poremos as patrioticas luminarias.

Descance — que nem um côto!

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A nossa primeira nota d'hoje é dirigida aos jornaes perseguidos pela brutal violencia do governo deshonesto que só se concebe que esteja no poder por virtude da inédita immoralidade d'um regimen politico nos extremos do descrédito.

Sobre elles têm cahido censuras, querellas, apprehensões, condemnações, contra todas as conveniencias e contra o principio da livre expressão do pensamento que passou já dos labios dos paladinos e das preconizações theoricas dos philosophos para as paginas de todos os codigos modernos.

Se isto nos agrada como symptoma dos derradeiros desvairamentos defensivos da monarchia, crivada de crimes e de escandalos, contra a verdade que a condemna no amplo tribunal em que é juiz a consciencia publica, por outro lado revolta-nos pelo que representa como attentado e como extorsão.

A todos esses jornaes a expressão da nossa camaradagem. Mas o que aos republicanos é saudação inteira e incondicional, pela coherencia dos seus protestos em face de todas as repressões, quaesquer que sejam os jornaes que as soffram, aos outros, que em períodos de passada perseguição com ella pactuavam pelo silencio ou pelo applauso, a restricção jubilosa do bem que lhes tem causado a sua situação de victimas, fazendo-os entrar no reconhecimento de como a solidiedade se impõe como necessidade e como dever.

E que ella não seja inobservada e esquecida nos tempos em que, porventura, os seus amigos sejam bafejados pelas auras do poder.

Amores Reales

No *Nuevo Mundo*, revista de Madrid, vem publicada uma gravura representando o rei de Hespanha e a sua noiva, a princeza Ena de Battenberg, olhando-se, diz a revista, ternamente, reflectindo-se

en los rostros de los futuros esposos el sentimiento del amor.

Pois, senhores: vimos a gravura, e a impressão que d'ella tivemos foi que a linda princeza Ena está a dizer compungidamente ao seu real noivo: — Ena pae! Que beijo que vossa magestade tem! Senão façam favor de a vér.

Novo ministro

O *Primeiro de Janeiro* de 14 do corrente encarregou da pasta da marinha no ministerio da presidencia de Sarrien, o distincto sportsman sr. Jayme Tompson cujo retrato foi publicado n'aquelle jornal entre algumas das individualidades do novo gabinete francès.

Foi, incontestavelmente, um acto de justiça do *Janeyro* e o reconhecimento dos meritos do sr. Tompson, comprovados amplamente na direcção do Real Club Naval e da Liga Naval de Lisboa. No entanto — caso extraordinario! — o importante jornal do Porto, que taes aptidões torna a afirmar, demite cruelmente, no numero seguinte, o dito senhor da referida pasta, nomeando outro que elle reconhece inferior em competencia nautica e cuja substituição o mysterio das coisas politicas encobre por completo.

Francamente, não sabemos a que attribuir a extranha reviravolta do *Janeyro*.

Eleições

Na reunião que na quarta-feira se realisou no Porto, da commissão municipal dos representantes das commissões parochias republicanas, foi resolvido que o partido republicano d'aquella cidade, concorresse ás proximas eleições com listas completas.

Apoiamos entusiasticamente a decisão dos nossos correligionarios do Porto accitando, como os de Lisboa, perante a urna a lucta legal que ha-de certamente testemunhar a grande força numerica e disciplinar do nosso partido, enquanto não chega o grande dia em que muitas contas em atraso se hão de liquidar e em que, fóra do ambito das leis e da ordem convencional, violentamente se quebrem, elle ha-de resgatar a serie de vergonhas e de cobardias com que o regimen tem deshonrado um passado historico de muito brilho e de muita grandeza. Esperem-lhe pela pancada...

Moralidade alpoimacea

Recordamo-nos bem. Foi alli em baixo, no Theatro-Circo Principe Real.

Berravam como possessos contra as falcatruas eleitoraes, de que era fructo o illustre parlamento portuguez; gritavam contra a politica rotativa, chegando um dos conspicuos oradores — se bem nos recordamos, o Sr. João Pinto dos Santos — a declarar que o grupo a que se honrava de pertencer, estava a paredes meias com o partido republicano.

Claro está, que ninguem o acreditou. E' que já então se rosnava por ahi que suas excellencias passariam com armas e bagagens para o Sr. Hintze Ribeiro.

Decorreram n'esses. Dissolvido o parlamento, os partidos monarchicos preparam os seus accordos para as proximas eleições geraes, cuidam já de fazer com que do parlamento sejam excluidos os deputados republicanos, verdadeiros representantes da opinião do paiz.

Onde param os dissidentes? Aliados com os regeneradores por toda a parte.

Está dado o primeiro passo para a entente com os hintzaceos.

Ainda os havemos de ver de... *caso e pucariño* e nada de paredes meias com os republicanos. Muita mudança soffrem as coisas na superficie da terra!

Programma nacionalista

Suborno de heranças, muita reza, salamaleques ante o governo de Sua

Magestade e lucta aberta ao partido republicano.

Andam bem os srs. do altar. Olhos postos nos ceus amigos e mãos nos bolsos dos partidos rotativos, ei los á procura de terra da Promissão.

Que aproveitem enquanto é tempo, que as coisas não correm muito á medida dos desejos d'aquelles que menos prezam os interesses do paiz para olhar pelos seus.

Um Jacintho ou um Bertandoso não vale mais do que um José Luciano, como este não é mais do que toda essa podridão que procura na monarchia os legitimos interesses da sua algebeira.

Abençoado paiz, que tal gente atoral

Centro Republicano Academico

Inaugura este Centro no proximo domingo 25 a sua campanha de propaganda republicana, realisando um comicio em Santarem, no qual usará da palavra os estudantes Abranches Ferrão, Americo de Castro, Antonio Granjo, Carlos Olavo, Ramada Curto e José Montez.

Nos comicios eleitoraes que se realisarem em Lisboa e Porto far-se-ha tambem representar, e brevemente serão iniciadas pelo nosso illustre correligionario Dr. Malva do Valle as conferencias que o Centro se propõe realizar nesta cidade.

Continuam assim os estudantes republicanos no cumprimento da missão que se impuzeram de lucta contra o regimen.

Na sede d'este centro foi recebido um programma do congresso da paz, que se reúne em Lisboa no proximo mês de maio, e um convite do seu illustre presidente e nos. o eminente correligionario sr. Dr. Magalhães Lima, para que o nosso centro se faça representar.

O assumpto vae ser tratado numa das proximas sessões.

Republicanos e anarchistas

Nos tres ultimos numeros d'*A Bra Nova* publicou Campos Lima tres notaveis artigos sobre as relações entre os anarchistas e os republicanos. Dizemos notaveis, porque estamos pouco acostumados a ver escrever com a honestidade e a segurança de doutrina com que o já tão conhecido propagandista trata o palpitante questão. Ha, porém, nesses artigos affirmações que nos obrigam a dizer algumas palavras.

Não é nosso intento provocar polemicas. Declaramo-nos incompetente em razão da pessoa e da materia; e até certo ponto, porque um pouco de pudor nos determina ainda, incapaz de tão feia acção. As polemicas são, em geral, uma febre de reclame, e nós julgamos ingenuamente que o reclame é a irritação.

A questão é posta nestes termos: «Qual a attitudo dos anarchistas a respeito da Republica antes da sua proclamação, durante o periodo revolucionario e depois da Republica feita?»

E' uma questão de tactica que se discute. Não ha, nem pode haver, é claro, uma formula rígida e sagrada de delimitação entre a acção anarchista e a acção republicana. A solução tem de variar conforme os logares, os homens e os momentos. Assim «a nossa questão é restringida a Portugal e ao momento em que escrevemos.»

Se fosse uma questão de principios exclusivamente, nada teriamos que ver com quaesquer affirmações: somos daquelles que têm pouca fé, para a implantação d'ideias, no chamado processo contradictorio. Entendemos que é dentro de cada um que a discussão tem de se travar, que o conflicto tem de rebentar, para que cada um tome resolutamente um caminho. A decisão, que uma conferencia contradictoria ou uma polemica ardente possam levar a um ouvinte ou a um leitor, dura somente enquanto dura o poder de suggestão do conferente e do polemista. E isto não significa de forma

alguma recusa a uma discussão de principios nem tão pouco desprezo pelos methodos criticos. Entenda-se: julgamos de fracos beneficios reaes uma disputa entre pessoas, que, mais a mais, tem o inconveniente de quasi sempre descambar em disputa de pessoas. Entenda-se: preferimos que cada um leia, assimile, compare, generalise e conclua. Por esta forma crear-se-hão vontades, delinear-se-hão individualidades e consciencias. Pela outra forma arranjar-se-hão bandos, patrulhas, claqueos.

Como é, porém, dum processo de lucta que tratamos, não importando agitar idéas antagonicas ou principios irreductiveis, mas somente traçar uma conducta — acaso nos será licito, dentro destas nossas opiniões, dizer algumas palavras.

Campos Lima no primeiro artigo põe a questão. E' no segundo artigo que por varios argumentos procura demonstrar que os anarchistas não podem «auxiliar a propaganda theorica da Republica.»

Como diz Sebastian Faure, se se quer evitar toda a especie de logomachia, é indispensavel precisarmos os termos. Precisemos os termos. Ninguem pretende que os anarchistas sejam... republicanos.

Por isso ninguem pretende que os anarchistas defendam a Republica em face á Anarchia. Os anarchistas atacarão naturalmente todos os regimens auctoritarios. Por isso atacarão a Monarchia e a Republica. Ninguem pode contar, nem conta com outra coisa. Mas o que os anarchistas têm obrigação de fazer é defender «theoricamente» a Republica em face á Monarchia. Desde que a Republica é — vá a definição geralmente acceita — a formula jurídica da democracia, e a Monarchia é o privilegio, a hereditariedade, o direito divino, a cruz e espada, os anarchistas defenderão logicamente e indeclinavelmente a Republica contra a Monarchia. Sendo assim, desde que, como Campos Lima reconhece, a revolução republicana é a unica possivel em Portugal, os anarchistas que quizerem ser coherentes com as circumstancias e não quizerem prejudicar as proprias idéas batalharão pela Republica — antes da revolução, e durante a revolução. Depois da revolução já ninguem poderá exigir-lhes outro tanto, de boa fé. O seu papel será de novo, naturalmente, demolir. Mas se, implantada a Republica, ella perigasse de forma tal que houvesse o receio de que percesse ou de que retrogradasse, ainda os anarchistas teriam não só a obrigação, mas a necessidade de a defender.

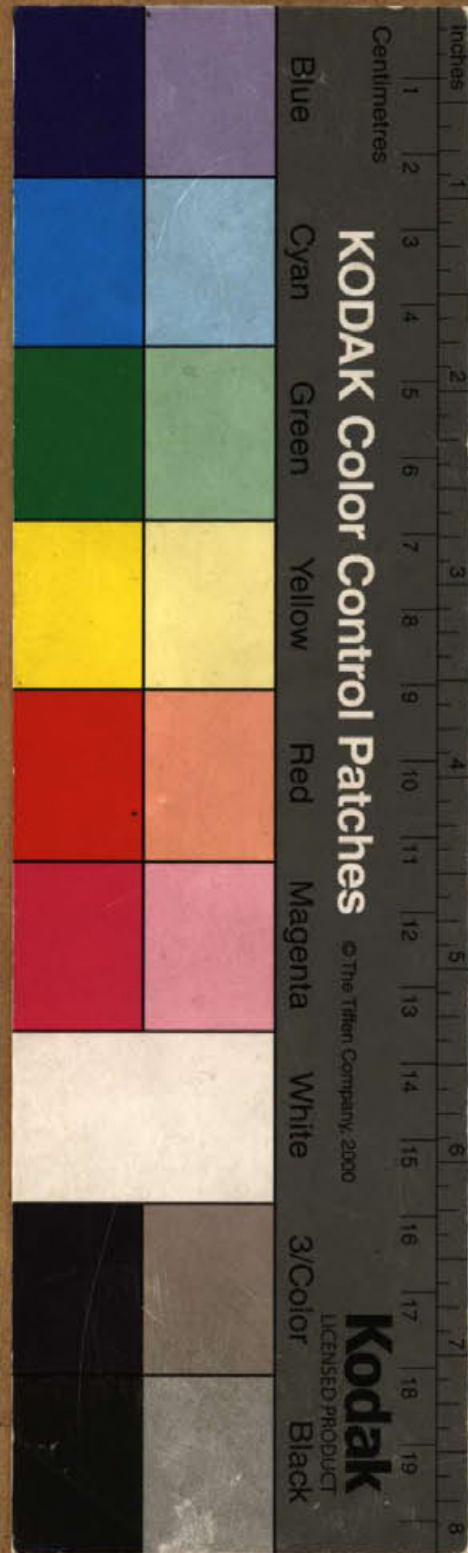
Haverá sophisma, subterfugio, subtiliza que possa destruir a simplicidade luminosa e inconfundivel destes termos? Pois não é isto claro como a luz do sol? Evidentemente, «o criterio para atacar a monarchia é fatal que difira dos republicanos para os anarchistas.» Mas que tem isso? Acaso nós queremos impôr como unico elixir maravilhoso, despoticamente, o nosso criterio? Como Campos Lima admite, a Republica trará a liberdade de pensamento.

Não se trata — e é justamente aqui que está o erro — de determinar a acção anarchista «confrontando a doutrina anarchista com a ideia republicana.» Trata-se de determinar a acção anarchista — confrontando a ideia republicana com o principio monarchico.

Quem afirma que os anarchistas em confronto com a Republica devem defender a Republica? Collocamo-nos neste ponto de vista é unicamente fazer um alarido de pardaes, é combater em pura perda, é esgrimir embora vãos moinhos de vento. Não. O que se afirma é que os anarchistas, na linguagem magnifica e terrivelmente synthetica do povo, façam somente isto: defender o bom para alcançar o melhor.

O exame unilateral da questão e o prejuizo insistentemente tamboreado de que a Republica só se importa de resolver o problema politico, viciam constitucionalmente os artigos de Campos Lima. E de tal forma a exposição e a deducção são prejudicadas, que nos chegamos a persuadir duma certa fluctuação e uma certa debilidade na linha estrutural.

E' por aquellas razões ainda que Cam-





Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolvers — Um magnifico sortido de revolvers das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolvers que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolvers ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyclette Aleyon

A *Motoeyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocilindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta e simplex — isto é uma machina de tourisimo com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra. A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

